



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Saulo Zulmar Vieira

**Contrastando Sinais Do Campo Semântico “Ensino Em Contexto Acadêmico Em Línguas
De Sinais”:**

Língua Brasileira De Sinais (Libras) E Língua De Sinais Espanhola (LSE)

Florianópolis

2026

SAULO ZULMAR VIEIRA

**Contrastando Sinais Do Campo Semântico “Ensino Em Contexto Acadêmico Em Línguas
De Sinais”:**

Língua Brasileira De Sinais (Libras) E Língua De Sinais Espanhola (LSE)

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito final para a obtenção do título de Doutor em Linguística, na área de Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira/Segunda Língua.

Orientadora: Adja Balbino de Amorim Barbieri
Durão

Florianópolis
2026

Saulo Zulmar Vieira

**Contrastando Sinais Do Campo Semântico “Ensino Em Contexto Acadêmico Em Línguas
De Sinais”:**

Língua Brasileira De Sinais (Libras) E Língua De Sinais Espanhola (LSE)

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca
examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof., Dr. Marcos Luchi
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof., Dr. Otávio Goes de Andrade
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof., Dr. Marcelo Porto
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado
adequado para obtenção do título de doutora em Linguística.

Dr. Valter Pereira Romano

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística

Orientadora:
Dra. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão

Florianópolis
2026

Dedico este trabalho à minha família, cuja presença constante, marcada pelo afeto e pelo cuidado, foi essencial ao longo de toda a minha trajetória. O apoio, o incentivo e a confiança que sempre recebi tornaram esse percurso mais sereno e significativo. Manifesto minha profunda gratidão por cada gesto de amor e a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para meu desenvolvimento profissional e para o fortalecimento da minha identidade e caminhada como pessoa surda.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me conceder a graça de alcançar mais uma etapa tão significativa da minha trajetória acadêmica e pessoal. Sou imensamente grata pela força, pela proteção e pelas bênçãos que me acompanharam em cada passo deste caminho.

Aos meus amados pais, Zulmar Trajano Vieira (*in memoriam*) e Solange Cabral da Silva Vieira, por confiarem em mim desde sempre, por todo o amor, incentivo e ensinamentos que moldaram quem sou. Esta conquista também é de vocês.

Ao meu irmão mais velho, Samuel Zulmar Vieira, à minha cunhada, Márcia Januário Vieira, e à afilhada Marina Januário Vieira, por alegrarem minha vida, fortalecerem os laços familiares e caminharem ao meu lado com fé, união e carinho. Da mesma forma, à minha irmã mais caçula, Sandy Solange Vieira Zancanelli, e ao meu cunhado, Jessé Zancanelli, por estarem sempre presentes, fortalecendo os vínculos familiares com fé e amor. Entre irmãos, a infância transformase em um tempo de risadas, aprendizados e memórias que permanecem para toda a vida. Cada desafio compartilhado e cada conquista celebrada juntos são provas de um amor incondicional, de uma conexão única que nos lembra quem somos e para onde seguimos.

À minha companheira, Maria Luiza Lúcio, por ser a base de uma conexão verdadeira, construída no apoio mútuo, na compreensão e no cuidado diário. Seu amor é conforto nos momentos difíceis, força nos desafios e serenidade na caminhada. Mais do que parceira, é o alicerce que sustenta o casamento e a família, criando um espaço seguro onde a confiança floresce e a vida se fortalece. À minha enteada, Isabela Steffens, expresso meu carinho sincero: ela sempre terá meu ombro amigo, minha torcida constante e meu coração repleto de amor, sendo uma presença muito especial em minha vida.

À minha orientadora, Profa. Dra. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, pela oportunidade, pela orientação atenta e sensível, pela paciência, pelo carinho e pela dedicação ao longo de todo o processo. Agradeço profundamente pelas contribuições acadêmicas, pelos ensinamentos e, sobretudo, pela sensibilidade em compreender minhas angústias e conduzir este trabalho com cuidado e humanidade. Levo comigo seus ensinamentos para toda a vida.

Aos professores dos Programas de Pós-Graduação que frequentei na UFSC, bem como aos membros da banca de qualificação Dra. Janine de Oliveira e Dra. Tania Aparecida Martins e da banca final Dr. Marcos Luchi, Dr. Otávio Goes de Andrade e Dr. Marcelo Porto pelas valiosas contribuições, pelo rigor acadêmico, pela paciência e pela dedicação. Cada apontamento foi fundamental para o amadurecimento desta pesquisa.

Ao tradutor-intérprete do IFSC, que acompanhou minha trajetória no doutorado, atuando

como ponte essencial entre duas línguas e dois mundos, possibilitando a mediação, a interpretação e a acessibilidade em todas as etapas, especialmente na finalização deste trabalho, registro minha eterna gratidão.

Em especial, aos meus amigos e amigas que acompanharam minha trajetória desde a infância e ao longo dos estudos Alexandre Bet da Rosa Cardoso, Juselio Mattos do Amaral, Leonardo Adonis de Almeida, Fabrício Mahler Ramos, Jaqueline Boldo e Joyce Cristiana Souza, entre outros amigos cujos nomes não consigo listar, mas que fizeram parte da minha infância escolar e da convivência diária pelo apoio incondicional, pelas trocas de conhecimento, pela amizade, pelo carinho, pela energia positiva e pela força constante. Cada um de vocês contribuiu com a riqueza de suas experiências e foi fonte permanente de inspiração. O reconhecimento e a valorização da cultura surda atravessam e fundamentam tudo o que realizo.

Aos meus colegas do IFSC, pelo apoio durante o afastamento para a pós-graduação, pelo incentivo, pela parceria e pela partilha de saberes e experiências que contribuíram significativamente para a construção deste trabalho.

Encerrando, deixo meu mais sincero muito obrigada a todos e todas que fizeram parte desta caminhada. Esta conquista é coletiva e carrega um pouco de cada um de vocês.

“A inexistência das línguas de sinais inviabiliza a cultura surda, os estudos surdos, a produção lexicográfica e o direito à comunicação, sua preservação é condição fundamental para a garantia dos direitos das minorias linguísticas.” (Vieira 2025).

RESUMO

Esta pesquisa tem como propósito apresentar uma descrição linguística de uma parte específica de dois dicionários: um dicionário de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e um dicionário de Língua de Sinais Espanhola (LSE). Identificam-se, analisam, descrevem e contrastam os sinais da Libras e da LSE quanto às diferenças e semelhanças existentes nos verbetes do campo semântico “ensino em contexto acadêmico em língua de sinais”. Os dicionários bilíngues que registram unidades lexicais de línguas sinalizadas, como a Libras e a LSE, demandam atenção especial, uma vez que servem como fonte de informação para vocábulos usados na interação cotidiana dos membros das comunidades surdas. Este estudo tem como base a Linguística Contrastiva, com estudiosos como Weinreich (1984), Durão (2004) e a teoria Lexicográfica e terminografia, privilegiando autores como Bevilacqua (2006), Martínez de Souza (2009), Nascimento (2009), Martins (2013, 2017), Sofiato e Reily (2014), Costa e Nascimento (2015), Tuxi (2015), Faulstich (2016) e Klima (2016). A pergunta de pesquisa é: Que diferenças e semelhanças existem entre os sinais de Libras e os de LSE encontrados em verbetes referentes ao campo semântico “ensino” presentes em dicionários de Língua de sinais? Os contrastes permitirão a classificação e a categorização do sistema linguístico em línguas de sinais, estudando pontos relacionados à Metalexigrafia, propriamente a macroestrutura e a microestrutura de dicionários bilíngues. Além disso, é feita uma coleta de sinais dos dicionários supracitados na primeira etapa da investigação. Este projeto de pesquisa é inovador tanto por tomar princípios da Linguística Contrastiva para tratar dos dicionários de línguas de sinais, como por contribuir para o ensino de línguas estrangeiras/adicionais, no caso, a LSE para falantes de Libras. Este estudo comprova a especificidade da Libras e da LSE por meio de uma análise contrastiva no campo semântico da educação, demonstrando que cada uma possui estrutura e léxico próprios, refletindo os contextos socioculturais de seus usuários. A pesquisa evidencia que, embora existam semelhanças entre as línguas de sinais, as particularidades são marcantes e significativas, bem como a contribuição para o ensino de línguas estrangeiras/adicionais, no caso, a LSE para falantes de Libras e teórica, para a Linguística e os Estudos Surdos

Palavras-chave: Linguística Contrastiva. Lexicografia. Dicionário Bilíngue. Libras. LSE.

ABSTRACT

This research aims to present a linguistic description of a specific section of two dictionaries: a Brazilian Sign Language (Libras) dictionary and a Spanish Sign Language (SSL) dictionary. The Libras and SSL signs are identified, analyzed, described, and contrasted regarding the differences and similarities found in the entries in the semantic field "teaching in an academic context in sign language." Bilingual dictionaries that record lexical units of signed languages, such as Libras and SSL, require special attention, as they serve as a source of information for vocabulary used in the daily interactions of members of deaf communities. This study is based on Contrastive Linguistics, with scholars such as Weinreich (1984), Durão (2004) and Lexicographic theory and terminography, privileging authors such as Bevilacqua (2006), Martínez de Souza (2009), Nascimento (2009), Martins (2013, 2017), Sofiato and Reily (2014), Costa and Nascimento (2015), Tuxi (2015), Faulstich (2016) and Klima (2016). The research question is: What differences and similarities exist between Libras signs and LSE signs found in entries referring to the semantic field "teaching" present in Sign Language dictionaries? The contrasts will allow for the classification and categorization of the linguistic system in sign languages, studying aspects related to metalexigraphy, specifically the macrostructure and microstructure of bilingual dictionaries. Furthermore, signs from the aforementioned dictionaries are collected in the first stage of the investigation. This research project is innovative both for adopting principles of Contrastive Linguistics to address sign language dictionaries and for contributing to the teaching of foreign/additional languages—in this case, LSE for Libras speakers. This study demonstrates the specificity of Libras and LSE through a contrastive analysis in the semantic field of education, demonstrating that each has its own structure and lexicon, reflecting the sociocultural contexts of its users. The research highlights that, although there are similarities between sign languages, their particularities are striking and significant, as well as their contribution to the teaching of foreign/additional languages - in this case, LSE for Libras speakers - and also theoretically, to Linguistics and Deaf Studies.

Keywords: Contrastive Linguistics. Lexicography. Bilingual Dictionary. Libras. LSE.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. A Língua de Sinais ao longo do tempo.....	37
Figura 2. Capa do livro Historia de la Educacion de los Sordos em España	41
Figura 3. A Função da Lexicografia geral.....	64
Figura 4. A função da Lexicografia teórica.....	64
Figura 5. Sinal do léxico “exercício” em Libras	74
Figura 6. Sinal do léxico “exercício” em Libras	74
Figura 7. Sinal do léxico “exercício” em Libras	75
Figura 8. Sinal do léxico “exercício” em Libras	76
Figura 9. Sinal do léxico em ASL, LSE e Libras	77
Figura 10. Langue des signes de Cluny.....	80
Figura 11. Livro “Refugium Informorum”	81
Figura 12. Livro do Abecedário do Juan Pablo Bonet	81
Figura 13. Livro da Chirologia or the Natural Language of the hand. (1644).....	82
Figura 14. L’institution des sourds et muets, par la voie des signes méthodique (1776)	84
Figura 15. Dictionnaire à L’usage des sourds et muets ca (1784)	85
Figura 16. “Mimographie” (1825)	85
Figura 17. Études sur la lexicologie et la grammaire du langage naturel des signes.....	86
Figura 18. Dictionnaire usuel de Mimique et de Dactylogie (1855).....	87
Figura 19. Tableau Specimen d’un dictionnaire des signes(1856)	87
Figura 20. Diccionario Usual de Mimica y Dactilologia (1851).....	88
Figura 21. Une iconographie des signes (1856).....	89
Figura 22. Petit Dictionnaire de Signes Illustré tiré du Catéchisme des sourds-muetes (1868)	89
Figura 23. Iconografia dos sinais dos surdos-Mudos em 1875	90
Figura 24. Linguagem das Mãos em 1969	92
Figura 25. “Comunicação Total - Comunicando com as mãos”	92
Figura 26. Comunicando com as mãos	93
Figura 27. Linguagem de Sinais do Brasil - 1983.....	94
Figura 28. Manual de Sinais Bíblicos: O Clamor do Silêncio 1991	95
Figura 29. Linguagem de Sinais -1992	95
Figura 30. Manual ilustrado de sinais e sistemas de comunicação em rede para surdos	96
Figura 31. Cronologia dos dicionários da LSE	100
Figura 32. Diccionario Mímico y Dactilológico Español -1851	101
Figura 33. El lenguaje Mimico em 1975.....	102
Figura 34. Diccionario Mimico Español - 1981.....	102
Figura 35. Diccionario de Lengua de Signos Española (2000).....	104
Figura 36. Classificação dos dicionários.....	110
Figura 37: Capa do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil.....	118
Figura 38: Interface do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais.....	119
Figura 39: Interface do Spreadthesign	120
Figura 40. Diccionario de Lengua de Signos Española	120
Figura 41. Diccionario de la lengua de signos española	122
Figura 42. Interface do Spreadthesign.....	122
Figura 43. Organização na Quadro do Excel	130
Figura 44. Organização a análise e auxiliar as informações na Quadro do Powerpoint.	131
Figura 45. A análise informações na Quadro do Powerpoint.	132
Figura 46. A análise de informações na Quadro do Powerpoint.....	132
Figura 47. A análise de informações em LSE.....	133

Figura 48. A análise de informações em Libras e LSE.....	134
Figura 49. A análise de informações em LSE.....	134
Figura 50. A análise de informações em Libras.	135
Figura 51 A análise de informações em Spreadthesign.	136
Figura 52. A análise de informações em Libras e não consta LSE.....	136
Figura 53. A análise de informações em LSE e não consta na Libras.	137
Figura 54. Análise do vocábulo “preparação” e “preparación”	138
Figura 55. Análise do vocábulo de “Conferência” e “Conferencia”	139
Figura 56. Análise do vocábulo “anotação” e “apuntes”	140
Figura 57. Análise do vocábulo “exercício” e “ejercicio”	141
Figura 58. Análise do vocábulo de “filosofia” e “filosofia”	143
Figura 59. Análise do vocábulo de “professor(a)”, “maestro”	144
Figura 60 . Vocábulos não está sendo clara.	151
Figura 61. Vocábulos não está sendo clara.	152
Figura 62. Vocábulos não está sendo clara.	153

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Número encontrados de dados de análises sobre a linguística contrastivas em Libras e em LSE.	220
Quadro 2. Dicionário impresso bilingue em Libras	96
Quadro 3. A cronologia do dicionário em LSE em material impresso.	104
Quadro 4. Dicionário da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS	123
Quadro 5. Dicionário da Língua de Sinais na Espanha - LSE	124
Quadro 6. Vocabulários especializados em área do ensino/contexto acadêmico	128
Quadro 7. Sinais em Libras e LSE no contexto escolar: sinais idênticos	145
Quadro 8. Sinais em Libras e LSE no contexto escolar: análise de registros lexicográficos.	146
Quadro 9. Sinais diferentes entre Libras e LSE no contexto escolar:	149
Quadro 11. Os vocábulos encontrado na LSE e não consta em Libras.....	150
Quadro 12. Número total de vocábulos nos dicionários em Libras e LSE	150

LISTA DE ABREVIATURAS / SIGLAS

LSE – Língua de sinais espanhola
LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais
LSF – Língua de sinais Francesa
INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos
INJS – Instituto Nacional de Jovens Surdos
AC – Análise Contrastiva
AE – Análise de Erros
IL - Análise de Interlíngua
CNSE - Confederação Estatal de Pessoas Surdas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I	27
LÍNGUA DE SINAIS: LIBRAS E LSE.....	27
1.1 PROCESSO HISTÓRICO, POLÍTICO E LEGISLAÇÃO DAS LÍNGUAS DE SINAIS.....	27
1.1.1 História das línguas de sinais	27
1.1.2 A história da Língua de Sinais Espanhola - LSE.....	39
1.2 CULTURA SURDA	45
1.2.1 A cultura e as pessoas surdas.....	45
1.2.2. Cultura surda em Libras e LSE	46
CAPÍTULO II.....	49
LINGÜÍSTICA CONTRASTIVA	49
2.1 LINGÜÍSTICA CONTRASTIVA NO ÂMBITO DA LIBRAS E DA LSE	49
2.1.1 Análise Contrastiva	52
2.1.2 Análise de Erros	56
2.1.3 Análise de Interlíngua	58
CAPÍTULO III	61
LEXICOGRAFIA BILINGUE EM LÍNGUAS DE SINAIS.....	61
3.1 LEXICOGRAFIA GERAL: O CONCEITO	61
3.2 LEXICOGRAFIA EM LÍNGUAS DE SINAIS	68
3.3 PROCESSO HISTÓRICO DA LEXICOGRAFIA EM LIBRAS E LSE.....	79
3.3.1 Lexicografia em Libras	90
3.3.2 Lexicografia em LSE.....	98
3.3.3 Processo de criação lexical em Libras e LSE	106
3.3.4 Registro de léxicos	107
3.3.5 Tipologia e usabilidade	108
CAPÍTULO IV	112
METODOLOGIA DA PESQUISA.....	112
4.1 PERCURSO METODOLÓGICO	112
4.2 JUSTIFICATIVA.....	112
4.3 CONTORNOS METODOLÓGICOS	113
4.4 COLETA DE DADOS	114
CAPÍTULO V	117
RESULTADOS E DISCUSSÕES	117
5.1 CONTRASTE DE DICIONÁRIOS DE LÍNGUAS DE SINAIS	117
5.1.1 Dicionários de Libras	117
5.1.2. Dicionários da LSE	120

5.2 Análise dos dicionários em Libras e LSE.....	123
5.3 Categoria dos vocabulários especializados em área do ensino em contexto acadêmicos	127
5.3.1 Análises dos vocabulários em línguas de sinais coletados nos dicionários.....	129
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	156

INTRODUÇÃO

Este trabalho e estudar algumas unidades lexicais de dois sistemas linguísticos: a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua de Sinais Espanhola (LSE), a partir da perspectiva da Linguística Contrastiva e da Lexicografia. A Linguística Contrastiva, segundo Durão (2005), é uma teoria linguística que confronta uma língua com outra, buscando identificar as semelhanças e as diferenças existentes entre elas¹. Esta corrente teórica se dedica à observação de sistemas linguísticos com fins de contraste e análise (Durão, 2007).

A Lexicografia debruça-se sobre os materiais lexicais para registrá-los em repertórios lexicográficos. Entre as várias finalidades dos repertórios lexicográficos, destaca-se o seu uso em processos de ensino e aprendizagem de línguas. O léxico em sinais é registrado em repertórios lexicográficos com representação ilustrativa em Libras, por exemplo, imagem, escrita de sinais, vídeos em sinais, fotos em sinais e desenhos em sinais, porque é a definição da entrada em alguma língua oral. A Libras é uma modalidade linguística visuoespacial, em que “[...] a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos” (Quadros e Karnopp, 2004, p. 47). Melhor dizendo, a Libras é uma língua expressada pelas mãos, corpo, face, olhos, bocas, por meio de variados tipos de movimentos.

Os lexicógrafos que se dedicam ao registro de unidades lexicais de línguas sinalizadas como a Libras e a LSE precisam recordar que essas línguas ainda não têm um sistema de escrita estabelecido, embora tenham franca ampliação de vocábulos, dada a interação cotidiana das comunidades surdas.

No que se refere aos termos especializados, vários estudiosos e pesquisadores têm proposto a produção de trabalhos lexicográficos bilíngues em escrita de línguas orais, e lexicográficos bilíngues em línguas de sinais, sendo alguns deles: Stokoe; Casterline & Croneberg (1965), Bevilacqua (2006), Lillo-Martin (2006), Nascimento (2009), Martins (2013, 2017), Sofiato e Reily (2014), Faulstich (2016), Klima (2016) e Polguère (2018), Boldo (2025) e Ampessan (2025). Assim como outros autores da área da Linguística Contrastiva e da Lexicografia, como: Lado (1957; 1971), Fernandez (2003; 2004), Durão (2004b; 2004c; 2005; 2007; 2009; 2011; 2012; 2014a; 2014b; 2015a; 2015b; 2016; 2018), Martínez de Souza (2009) e Andrade (2011). Atualmente, Nascimento (2009), Temoteo (2012), Sofiato e Reily (2014), Klimsa (2016), Capovilla *et.al.* (2016), Santos (2017), Cardoso (2017), Durão, Boldo, Lohn e Vieira (2018), Salviano (2020), Souza (2020), Martins (2020) e Bidarra e Martins (2021) são

¹ Tradução livre realidade a partir do excerto original em língua espanhola: “una teoría linguística que enfrenta una lengua a otra, buscando identificar las similitudes y las diferencias existentes entre ellas”.

alguns dos estudiosos bilíngues em Lexicografia em Libras no Brasil.

Outros autores surdos de referência também começaram a desenvolver os trabalhos nas áreas de Lexicografia e Lexicografia especializada, que é o caso da área de Terminologia em língua de sinais do país, que neste caso é o Brasil, sendo eles: Castro Júnior (2011), Barros (2012), Ribeiro (2013), Martins (2018), Andrade (2019), Costa (2021), Azevedo (2022), Douettes (2015; 2023).

Pessoalmente, eu como acadêmico surdo desde o nascimento, o único surdo em minha família, cuja surdez decorre de atrasos na gestação materna associados a episódios de otite. Possuo perda auditiva moderada a profunda bilateral, o que me permite ser usuário bilíngue: fluente em Libras como língua natural e principal, ao mesmo tempo em que sou oralizado em interações com familiares e amigos mais próximos, valendo-me de aparelho auditivo como recurso auxiliar de ampliação sonora. Contudo, tal auxílio não garante compreensão plena em contextos grupais, conversas de costas ou ambientes ruidosos, razão pela qual a leitura labial constitui suporte essencial e complementar à minha acessibilidade comunicativa.

Ao longo de minha trajetória educacional, desde a educação infantil até o ensino médio, enfrentei numerosas barreiras e adversidades. A ausência de intérpretes de Libras nas instituições de ensino, somada ao desconhecimento generalizado acerca dos direitos linguísticos e educacionais das pessoas surdas, configurou um percurso marcado por exclusão e incompreensão. Ademais, o preconceito e o bullying manifestaram-se frequentemente por meio de provocações relacionadas a supostos “erros” na fala ou ao uso de sinais, o que intensificou sentimentos de isolamento e desvalorização.

Foi somente ao ingressar no curso de Instrutor no CEFET/SJ e, posteriormente, na Graduação em Letras-Libras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que iniciei um processo profundo de ressignificação pessoal e coletiva. Nesse ambiente acadêmico e culturalmente afirmativo, descobri e abracei a noção de identidade surda e o conceito de *Deafhood* termo cunhado pelo pesquisador britânico Paddy Ladd (2003), que designa um processo dinâmico, afirmativo e emancipatório pelo qual indivíduos surdos constroem e atualizam sua identidade surda, em oposição às visões patologizantes da surdez. Essa compreensão permitiu-me transcender o peso do passado, resistir às narrativas de deficiência e reconhecer a riqueza da cultura surda, com sua língua natural, valores compartilhados e modos singulares de estar-no-mundo.

Essa virada transformadora impulsionou meu desenvolvimento acadêmico e intelectual de maneira extraordinária. Concluí a graduação em Letras-Libras e o mestrado na área de Estudos da Tradução e Linguagem Cinematográfica em Libras, e atualmente finalizo a tese de

doutorado em Linguística, com enfoque em estudos contrastivos entre a Libras e a Língua de Sinais Espanhola (LSE). Todo esse itinerário foi construído em meio a lutas persistentes e obstáculos institucionais, mas também em um movimento contínuo de superação e contribuição ao campo dos Estudos Surdos.

Como estudante surdo e pesquisador em formação na UFSC tanto na graduação quanto na pós-graduação, fluente em Libras e com experiência vivida na interface entre as línguas de sinais e o português, sempre recorri a dicionários e léxicos para compreender significados de palavras e expressões em português. Contudo, observei reiteradamente uma limitação estrutural: os dicionários bilíngues Libras - português disponíveis, em sua maioria, oferecem equivalências lexicais ou glossas em português, mas raramente apresentam definições conceituais diretamente em Libras. Essa lacuna compromete a autonomia de usuários surdos na construção de conhecimento, especialmente em contextos acadêmicos avançados.

Paralelamente, testemunhei a expansão e atualização constante do léxico das línguas de sinais, impulsionada pela vivência comunitária, avanços tecnológicos, mudanças sociais e neologismos culturais. Muitos sinais registrados em dicionários tradicionais de Libras mostram-se desatualizados ou insuficientes para representar realidades contemporâneas, demandando revisão crítica, documentação e proposição de novos sinais ou acepções.

É precisamente nesse interstício entre a necessidade de definições conceituais em Libras, a dinamização lexical das línguas de sinais e minha própria jornada como surdo acadêmico que se insere o tema desta tese, o qual me mobiliza profundamente tanto no plano pessoal quanto no epistemológico, confirmando o que afirma Biderman (2001, p.179): “[...] o léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai”. O léxico da Libras que é usado por surdos em seus espaços de comunicação, bem como no ambiente acadêmico (Santos, 2017) também se expande, se altera e, às vezes, se contrai, exatamente como nas línguas orais. Novos vocábulos sinalizados surgem, sendo divulgados em redes sociais, em conferências e por meio de pesquisas acadêmicas, assim como outros vocábulos caem em desuso. Por esta razão, fui atraído pela área de Lexicografia, envolvendo-me em grupos de pesquisa que estudam essa teoria.

Outra motivação para a realização desta pesquisa está na experiência que tive na Espanha quando tive contato com falantes da LSE. Conhecer outro país, outra cultura e outra língua de sinais para além da Libras despertou o meu interesse para que esta pesquisa fosse possível. Viajei para a Espanha em 2019 e, nessa ocasião interagi com membros da associação de surdos no contexto espanhol e na *Universidad de Valladolid*, onde aprofundei meus estudos

na área da Metalexicografia, bem como tive contato com um *Children Of Deaf Adults*²(CODA) espanhol, e essas experiências permitiram que retornasse ao Brasil com o objetivo de ampliar os meus conhecimentos da LSE em contraste com a Libras.

Tomando por base os pressupostos teóricos da Linguística Contrastiva e buscando uma interface com a Lexicografia, o objetivo desta pesquisa é **verificar as semelhanças e as diferenças existentes entre sinais de Libras e da LSE referentes ao campo semântico “Ensino em contexto acadêmico em línguas de sinais” em dicionários de Língua de Sinais dessas duas línguas.**

Tanto a Libras como a LSE são línguas de modalidade visuoespacial. Essas línguas têm vocabulários em sinais distintos uma vez que as línguas de sinais não são universais. Chamo a atenção para esta realidade, pois minha tese também tem a finalidade de provar, na prática, que cada língua de sinais, pontualmente neste caso a Libras e a LSE, tem a sua própria estrutura. Apesar de compartilharem a mesma origem histórica, que se iniciou no século XVIII com o Abade Charles Michel L’Epe (Carvalho, 2007), cada língua de sinais tem a sua própria estrutura linguística que é tão completa como qualquer língua oral-auditiva (elementos sintáticos, morfemas, fonemas, elementos léxico-semânticos, pragmáticos e culturais) (Quadros; Karnopp, 2004). Especificamente com relação à Libras, destaca-se que é uma língua reconhecida pela Lei 10.4326/2002 (Brasil, 2002), e a LSE, igualmente, é reconhecida pela *Ley 27/2007*³, que garante direitos linguísticos às pessoas surdas. Por se configurarem como línguas reconhecidas pelos Estados e regulamentadas, ressalta-se a importância de haver materiais disponíveis para sua disseminação, circulação e visibilidade, devendo ser incentivadas por políticas educacionais de promoção e valorização linguística.

O interesse por usar dicionários como fonte de pesquisa justifica-se pelo fato de os dicionários registrarem a língua escrita e os sinais. O acesso e o uso desse tipo de materiais no ensino acadêmico para consultas de línguas de sinais são fundamentais para mostrar a visibilidade das línguas de sinais, pois essas línguas permitem a inclusão dos surdos na sociedade. O uso do dicionário, sem dúvida, colabora para uma melhor comunicação, proporcionando, também, uma fonte de ensino e aprendizado dessas línguas.

A pesquisa na área da Lexicografia em Libras tem sido difundida lentamente porque, no geral, os pesquisadores têm elaborado dicionários, mas têm estudado lexicografia com lentidão.

² Filhos de Pais Surdos.

³ Em la España, la aprobación de la Ley 27/2007, de 23 de octubre, por la que se reconocen las lenguas de signos españolas y se regulan los medios de apoyo a la comunicación oral de las personas sordas, con discapacidad auditiva y sordociegas.

Na prática do ambiente acadêmico esta área pode suscitar a curiosidade dos estudiosos, dependendo do interesse em investigar os dicionários bilíngues em línguas de sinais. A Lexicografia é uma área científica que busca auxiliar os consulentes na construção de dicionários em Libras e LSE, tanto da sociedade em geral como da comunidade surda.

De acordo Durão (2015, p. 193), a história da lexicografia começou como uma prática disciplinada, mais informal:

Ao longo de praticamente todo o século XX, a Lexicografia foi considerada como um subcampo dos estudos da linguagem que tem caráter eminentemente prático, e, como consequência desta visão, a Lexicografia tem sido vista por alguns, como âmbito do saber que não tem rigor científico. Embora a reconstrução histórica do dicionário venha mostrando que há repertórios lexicográficos publicados nas etapas pré-científicas da Lexicografia que constituem exceções a esta falta de rigor científico ... as primeiras impressões acerca da Lexicografia solidificaram a opinião de que a lide lexicográfica padece de informalidade, singularizando-se, dessa forma, como trabalho artesanal, desprovida de reflexão científica e falta de metodologia específica. É fato que este subcampo do saber [durante muito tempo] pautou-se pela mera aplicação de técnicas e, também, que perfilou-se em certas ocasiões como arte, por isso, ao basear-se na aplicação de estratégias ou no talento de certos compiladores de dicionários, a Lexicografia distanciava-se de parâmetros científicos que a legitimassem. Não obstante, a prática lexicográfica dependente do talento pessoal e da astúcia dos compiladores de repertórios lexicográficos tem aberto passo, à força de sustentação teórica, para uma Lexicografia legitimamente científica, destarte qualquer tentativa de continuar etiquetando o trabalho lexicográfico ou a própria Metalexigrafia como ‘técnica’ ou ‘arte’ não tem mais sentido algum nos dias de hoje.

O entendimento da necessidade de sustentar os processos de elaboração de dicionários em planejamentos prévios vem sendo assumido por um número elevado de lexicógrafos da atualidade que, com sua postura, contrapõem radicalmente o entendimento que o senso comum arrastou em torno dos dicionários, vendo-os simplesmente como lista de palavras.

A evolução da Lexicografia busca desenvolver perspectivas mais científicas, com lexicógrafos que reconhecem a necessidade de planejamento prévio e de sustentação teórica na elaboração de dicionários. Assim, a ideia de rotular a Lexicografia como mera “técnica” ou “arte” tornou-se completamente obsoleta, pois a prática atual é fundamentar a produção de dicionários cientificamente, desafiando a percepção de dicionários como simples lista de palavras (Durão, 2015)

Este estudo dá relevância à necessidade de evidenciar o Estado da Arte com base na pesquisa de textos científicos existentes na área da Linguística Contrastiva aplicada à Lexicografia em línguas de sinais. A partir disso, realiza-se um levantamento sistemático em bases de dados de produções acadêmicas, como teses e dissertações, a fim de fomentar verificar os resultados já publicados e, assim, subsidiar investigações científicas que valorizem o objeto de estudo da Lexicografia em línguas de sinais, tanto no contexto brasileiro quanto no de línguas de sinais estrangeiras.

Para tanto, elaborou-se um Estado da Arte referente ao período compreendido entre o ano de 2002, marco da promulgação da Lei nº 10.436, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão no Brasil, até o ano de 2024. Esse levantamento bibliográfico foi realizado nas plataformas Scielo, Research, Google Acadêmico, Catálogo de teses, Fundación Dialnet pesquisa em Língua de Sinais Espanhola, com foco principal na identificação da quantidade de publicações de teses e dissertações que abordam a análise contrastiva na área da Lexicografia em Libras. A busca foi orientada pelos seguintes descritores: (1) Análise contrastiva em Libras e LSE; (2) Análise contrastiva em Libras; (3) *Analisis de contrastive del Lengua de la Signos Española*; (4) *Contrast analisys and Libras*;

Atualmente, a Libras – assim como outras línguas de sinais estrangeiras – tem sido cada vez mais abordada em publicações científicas nas áreas de estudos linguísticos, estudos de tradução, estudos de linguística aplicada e estudos da educação. Essas publicações visam aproximar o uso de dicionários como instrumentos de apoio à pesquisa, tanto na perspectiva da metalexigrafia quanto em relatos de experiências relacionados à produção lexicográfica e ao uso desses recursos no ensino de línguas de sinais em sala de aula.

O resultado da busca demonstrou a existência de 15 publicações, sendo três publicações para o descritor “(1) Análise contrastiva em Libras e LSE”, seis publicações para o descritor “(2) Análise contrastiva em Libras”, quatro publicações para o descritor “(3) *Analisis de contrastive del Lengua de la Signos Española*” e duas publicações para o descritor “(4) *Contrast analisys and Libras*”. Embora esses dados representem uma visão preliminar do panorama de produção acadêmica, eles oferecem uma base inicial relevante para estudos mais aprofundados no futuro. Este levantamento pode servir como material de apoio para pesquisadores que desejam explorar de forma mais detalhada a produção científica relacionada à análise contrastiva e à Lexicografia em Libras. A seguir, apresenta-se um Quadro com os descritores utilizados e as respectivas quantidades de publicações encontradas.

Quadro 1. Publicações encontradas no levantamento para o Estado da Arte acerca da linguística contrastiva em Libras e em LSE.

Palavra-Chave	Artigos	Capítulos	Dissertações	Teses	Total
Análise contrastiva em Libras e LSE	3	0	0	0	3
Análise contrastiva em Libras	2	1	1	2	6
<i>Analisis de contrastive del Lengua de la Signos</i>	5	0	0	0	5

<i>Española</i>					
<i>Contrast analysis and Libras;</i>	1	0	0	0	1
Total	11	1	1	2	15

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor.

A análise contrastiva em línguas de sinais, especialmente entre a Libras e a LSE, configura-se como um campo emergente na Linguística Aplicada com potencial para contribuir significativamente para a Lexicografia bilíngue ou multilíngue.

A seguir organiza-se em quatro eixos principais, com base nas palavras-chave pesquisadas em português, espanhol e inglês.

1. Análise Contrastiva entre Libras e LSE

Pesquisas específicas que comparam diretamente a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Lengua de Signos Española (LSE) concentram-se em processos referenciais, estratégias dêiticas-anafóricas e aplicações lexicográficas.

Reis (2020) examina o processo referencial em ambas as línguas, analisando o uso de apontamentos no espaço sinalizado e verbos de movimento para referenciar pessoas e objetos. O estudo identifica similaridades e contrastes na construção referencial, destacando como as línguas de sinais exploram a modalidade visual-espacial para estabelecer coesão e referência.

Na sequência, Reis, Pereiro e Quadros (2022) investigam estratégias referenciais dêitico-anafóricas em narrativas sinalizadas em Libras e LSE, com base na história do “Pera” (Pear Story). A análise compara a frequência e o uso de elementos manuais e não manuais nesses dêiticos, revelando padrões de variação e convergência em textos narrativos bilíngues ou contrastivos.

Por fim, Vieira e Durão (2023) aplicam a teoria da linguística contrastiva para explorar diferenças e semelhanças estruturais e lexicais entre Libras e LSE. O trabalho enfatiza contribuições para a lexicografia de línguas de sinais, propondo critérios mais robustos para descrição, organização e registro de sinais, o que favorece o desenvolvimento de recursos bilíngues mais precisos e atualizados.

2. Análise Contrastiva envolvendo a Libras (com outras línguas de sinais ou português)

No âmbito da Libras contrastada com o português ou outras línguas, a literatura revela foco em narrativas, produção escrita bilíngue, léxico especializado e mediação educacional.

Albino (2017) realiza uma análise contrastiva de narrativas produzidas por surdos (Libras como L1) e ouvintes (Libras como L2), examinando diferenças e semelhanças nas nuances expressivas, na construção de significados e na exploração da modalidade visual para transmitir coesão e expressividade.

Gonçalves (2019) investiga a produção escrita de alunos surdos no ensino médio, contrastando-a com a Libras em níveis sintático, morfológico e fonológico-ortográfico. O estudo verifica traços de interlíngua, identificando em que medida as produções se aproximam da L1 (Libras) ou da L2 (português).

Prometi (2020) adota abordagem contrastiva para elaborar um léxico visual bilíngue de termos musicais em Libras, comparando representações sinalizadas com equivalentes no português escrito. O trabalho propõe neologismos e catalogações que tornam conceitos abstratos mais acessíveis na modalidade visual.

Souza, Sousa e Almeida (2022) realizam um estudo contrastivo da ordem sintática em três línguas tipologicamente distintas: Libras, português e Jaminawa (língua indígena da família Pano). A pesquisa busca identificar diferenças e semelhanças nas motivações linguísticas para as ordens canônicas SVO (predominante em Libras e português) e SOV (característica do Jaminawa), destacando como fatores tipológicos influenciam a organização sintática e a formação de constituintes em contextos multilíngues e multimodais.

Almeida, Souza, Vargas e Albuquerque (2022) em capítulo do livro Olhares linguísticos para os povos originários do Brasil apresentam uma análise contrastiva entre a Língua de Sinais Ka'apor (língua de sinais indígena desenvolvida pela comunidade Ka'apor) e a Libras. O foco recai sobre aspectos fonético-fonológicos, examinando diferenças nas regras fonológicas, no uso do espaço sinalizado e nos parâmetros formacionais dos sinais, considerando o contexto cultural distinto de cada língua. Esse trabalho contribui para o entendimento da diversidade fonológica nas línguas de sinais brasileiras, enfatizando variações regionais e culturais.

Recentemente, Silva e Carvalho (2024) analisam contrastivamente Libras e português no contexto da educação bilíngue, com ênfase em estratégias de mediação escrita e sinalizada nos anos finais do ensino fundamental e médio. Descrevem diferenças e semelhanças pedagógicas, contribuindo para o aprimoramento de práticas inclusivas.

3. Análise Contrastiva envolvendo a Lengua de Signos Española (LSE)

A produção em espanhol sobre LSE enfatiza análises funcionais, formais e comparativas com o espanhol ou outras línguas de sinais.

Blanco (2001) propõe uma abordagem funcional e contrastiva no ensino-aprendizagem

da LSE, comparando funções gramaticais e comunicativas com o espanhol oral e escrito. O estudo prevê dificuldades de falantes nativos de espanhol ao aprender LSE como L2 (ou vice-versa), oferecendo subsídios para estratégias pedagógicas.

Em Blanco (2021), duas linhas complementares emergem: uma dedicada a aspectos formais (estrutura gramatical e regras linguísticas) e outra a aspectos funcionais (uso contextual, intenções comunicativas e práticas reais). Essa dupla perspectiva enriquece a compreensão da LSE como sistema autônomo.

Ventura (2001) discute a linguística contrastiva entre línguas, incluindo espanhol e LSE, com foco na identificação de semelhanças/diferenças estruturais e na transferência positiva/negativa entre língua materna e alvo.

Marisol (2013) realiza análise contrastiva entre LSE e Deutsche Gebärdensprache (DGS – Língua de Sinais Alemã), examinando perspectivas fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas para observar convergências e divergências entre línguas de sinais não relacionadas geneticamente.

4. Análise Contrastiva envolvendo Libras em Perspectiva Internacional (em inglês)

Buscas em literatura anglófona sobre “*contrastive analysis*” aplicada à Libras revelam contribuições comparativas com outras línguas de sinais latino-americanas.

Xavier e Martínez (2023) apresentam um estudo contrastivo entre Libras e *Lengua de Señas Argentina* (LSA), analisando diferenças em sinais específicos, construções gramaticais e nuances semânticas. O trabalho explora padrões comuns e possibilidades de compreensão mútua, enriquecendo discussões sobre tipologias e variações regionais em línguas de sinais.

A literatura revisada demonstra avanços consistentes na análise contrastiva de línguas de sinais, com ênfase em processos referenciais (Reis e colaboradores), narrativas, educação bilíngue e lexicografia (especialmente entre Libras e LSE). No entanto, persistem lacunas, como a escassez de estudos lexicográficos sistemáticos e atualizados entre Libras e LSE, com foco em definições conceituais em modalidade sinalizada e revisão de sinais. Essa lacuna fundamenta a relevância da presente pesquisa, que busca contribuir para o fortalecimento da lexicografia contrastiva e da autonomia linguística da comunidade surda.

Os resultados apontam para um Estado da Arte ainda incipiente, considerando as publicações científicas de 2017 a 2025, com prioridade para artigos, teses e capítulos que abordam a Linguística Contrastiva em línguas de sinais. A Quadro anterior resume os principais achados, classificando-os conforme o foco das análises contrastivas entre a Libras e a LSE. O número de obras publicadas é reduzido, embora tenha ocorrido um leve aumento nas

publicações entre 2020 e 2025. Essa tendência sugere a possibilidade de impulsionar e difundir pesquisas em Linguística Contrastiva aplicada às línguas de sinais, bem como de desenvolver estudos na área de dicionários com o objetivo de fortalecer a análise contrastiva na Lexicografia de línguas de sinais. A maioria das publicações concentra-se em análises contrastivas envolvendo a Libras e a Língua Portuguesa, ou outras línguas de sinais. Em relação à LSE, os trabalhos encontrados são escassos e, em sua maioria, voltados para Linguística Geral, sem foco específico no léxico sinalizado.

Ao todo foram identificados entre cinco a dez estudos relevantes sobre contrastividade em línguas de sinais, dos quais apenas três abordam diretamente a análise contrastiva entre Libras e LSE. Esses dados evidenciam lacunas importantes na literatura, ressaltando a necessidade de examinar textos selecionados das obras identificadas. Verifica-se a presença de análises contrastivas entre Libras e LSE na área de Lexicografia, posicionando-a como um campo fundamental para investigação e aprofundamento dos detalhes dos trabalhos produzidos em dicionários voltados para a Linguística Contrastiva.

Esse levantamento tem relevância para quantificar as publicações em pesquisas científicas, auxiliando na discussão sobre a Análise contrastiva com ênfase na Lexicografia em Libras e LSE, tanto na perspectiva prática quanto teórica. Tal abordagem contribui para o desenvolvimento da pesquisa, facilitando a leitura de obras dedicadas, em especial, à Linguística Contrastiva em línguas de sinais. Por exemplo, no estudo de Vieira e Durão (2025), a Linguística Contrastiva é aplicada à análise de verbetes em dicionários online, como o *SpreadtheSign*, revelando semelhanças e diferenças em parâmetros como configuração de mão, movimento e locação nos sinais correspondentes a lemas como “professor”, “reunião” e “aprender”. Os autores destacam a necessidade de dicionários bilíngues que incorporem variações culturais e regionais, influenciadas por línguas de sinais europeias para preservar e disseminar essas línguas. Da mesma forma, Reis e Quadros (2022) explora estratégias dêitico-anafóricas em textos narrativos, identificando semelhanças no uso simultâneo de dêiticos e anáforas entre Libras e LSE, embora sem menção explícita à lexicografia. Em Silva e Carvalho (2024), a abordagem contrastiva entre português e Libras é analisada no contexto educacional, enfatizando a mediação sinalizada e voltada para a aprendizagem da segunda língua escrita dos alunos surdos, portanto, também não está voltada para o desenvolvimento de recursos lexicográficos bilíngues.

Os resultados encontrados reforçam a existência de lacunas e a importância de expandir a produção lexicográfica para promover e fortalecer a pesquisa da Linguística nas línguas de sinais para educação da comunidade surda.

A partir do exposto, este trabalho, como mencionado anteriormente, pretende contrastar diferenças e semelhanças existentes entre sinais e estruturas de dicionários bilíngues de línguas de sinais. Tomando a Metalexigrafia como fundamento teórico, é possível pensar no desenvolvimento de um material bilíngue em línguas de sinais futuramente, pois existem poucos materiais bilíngues que difundam e ampliem os conhecimentos em línguas de sinais.

Por fim, fez-se necessário elencar campos semânticos para o desenvolvimento da pesquisa, visto que não é possível analisar e contrastar todos os campos semânticos existentes. A escolha pelo campo semântico “ensino em contexto acadêmico em línguas de sinais” tem a ver com a própria relevância que este campo semântico assume dentro do ambiente acadêmico.

A partir desta contextualização, o **objetivo geral** desta pesquisa é identificar, coletar e catalogar sinais do campo do semântico do “ensino em contexto acadêmico em línguas de sinais” em dicionários de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e Língua de Sinais Espanhola (LSE). Os **objetivos específicos** são:

- Identificar e contrastar os léxicos em sinais do campo semântico “ensino em contexto acadêmico em línguas de sinais” nos dicionários de Libras e em dicionários de LSE.
- Aplicar princípios da Metalexigrafia para embasar a descrição da macroestrutura e da microestrutura dos dicionários de línguas de sinais selecionados para a pesquisa;
- Descrever os sistemas linguísticos, assim como os parâmetros de Libras e de LSE, indicando os movimentos de configuração de mãos, os pontos de articulação, a localização e a expressão facial/corporal de cada sinal.

Os sinais registrados em dicionários de línguas de sinais (Libras e LSE) apresentam formato e visualidade próprios em cada língua de sinais em relação aos aspectos lexical, embora existam diferenças e semelhanças gramaticais oriundas de influências culturais entre ambos os países, que devem ser elencadas.

Esta proposta de pesquisa é inovadora, haja vista que a Linguística Contrastiva não ter sido usada para tratar de dicionários de línguas de sinais. Pretende-se que a opção por esta teoria leve do melhor entendimento das duas línguas envolvidas na pesquisa, que são a Libras e a LSE. Considerando tais aspectos, os resultados alcançados neste estudo poderão contribuir para o desenvolvimento de dicionários e outros repertórios lexicográficos dessas línguas.

Esta tese está dividida em seis capítulos. O primeiro capítulo apresenta um histórico das duas línguas de sinais (Libras e LSE), em estado (processo histórico, político e

legislativo). No segundo capítulo, apresenta-se a fundamentação teórica da Linguística Contrastiva e seus modelos de análise. O terceiro capítulo inclui uma caracterização da lexicografia para basear os estudos de dicionários bilíngues e comparar as semelhanças e as diferenças dos sinais registrados. No quarto capítulo, apresenta-se a metodologia. O quinto capítulo apresenta as análises e discussões, detalhando os processos coletados nos dicionários bilíngues da língua de sinais, resultados e respostas às perguntas norteadoras. O sexto e último capítulo é destinado às considerações finais e a conclusão do trabalho.

CAPÍTULO I

LÍNGUA DE SINAIS: LIBRAS E LSE

No estudo da história dos surdos e das línguas de sinais é essencial investigar o significado do discurso Surdo⁴ e suas consequências no contexto da ciência, tendo em vista a existência de interpretações ideológicas que resistem aos direitos linguísticos desse grupo social. É fundamental compreender como as interpretações sobre o discurso dos Surdos foram construídas ao longo do tempo e como as políticas educacionais e linguísticas influenciam ideias que proporcionaram a inclusão e o respeito à diversidade linguística e cultural. Neste capítulo, apresentarei um estudo que envolve aspectos linguísticos, históricos, políticos e leis relativas à Libras, contribuindo para expandir e regularizar o status linguístico dessa língua.

1.1 PROCESSO HISTÓRICO, POLÍTICO E LEGISLAÇÃO DAS LÍNGUAS DE SINAIS

1.1.1 História das línguas de sinais

A Língua de Sinais é uma modalidade linguística independente usada pela comunidade surda para se comunicar, adquirir experiências e desenvolver os conhecimentos dos que fazem parte desta comunidade linguística.

As línguas de sinais não são universais: cada país possui a sua própria língua de sinais. A convenção internacional da língua de sinais é chamada de “Sinais Internacionais” - SI⁵, e apresenta sinais icônicos de várias línguas de sinais. Conforme Campello (2014, p 147): “[...] sistema de sinais internacionais [...] o objetivo de melhor entendimento o uso de várias línguas de sinais, para criar uma língua fácil de aprender e de se comunicar”.

A Língua de Sinais tem estrutura gramatical e ritmo próprio de movimentos e expressões faciais e corporais.

É importante traçar a origem e o desenvolvimento da Língua de Sinais, aprofundando dados sobre a sua cronologia e a visibilidade, desenvolvimento e difusão na

⁴ O discurso Surdo é a expressão militância da identidade surda, marcada por resistência e intelectualidade. Representa o reconhecimento da pessoa surda por meio da Língua de Sinais como língua base dentro da comunidade surda, refletindo sua construção, evolução e experiências culturais dos surdos ao longo da história (Oliveira & Oliveira, 2022).

⁵ Sinais Internacionais (SI) é uma língua de sinais internacionalmente convencionada, seu objetivo é facilitar a comunicação entre pessoas que utilizam diferentes línguas de sinais, permitindo o entendimento do discurso através da combinação de sinais de diferentes línguas de sinais. Disponível em:

<https://petletras.paginas.ufsc.br/2021/04/22/voce-sabe-o-que-sao-os-sinais-internacionais-usados-pelos-surdos/>
Acesso em 24/02/2023

sociedade.

A história da Língua de sinais iniciou-se no século XVI na Europa. Autores como Rocha (2007), Carvalho (2013), Duarte *et.al.* (2013) e Sofiato (2018) afirmam que as línguas de sinais e a fundação das instituições ou escolas de línguas sinalizadas na Europa foi um dos meios de difundir essa língua em outros continentes, através do Abade Michel Charles de L'Épée, que fomentou o uso da língua gestual em encontros em uma igreja onde duas crianças surdas gêmeas interagiam e aprendiam sinais. O seu contato com as duas meninas surdas convenceu o abade de que era possível ensinar os surdos através do uso de gestos e, a partir daí propôs-se abrir uma instituição para receber outras crianças surdas e instruí-las na religião (Carvalho, 2013, p.17).

Sobre as línguas de sinais na Antiguidade é importante destacar que elas já existem há muitos séculos, pois desde períodos anteriores a Cristo há registros de sinais registrados por alguns filósofos. A história é relevante para trazer à tona a realidade da ação do homem que se comunicava com pessoas usando línguas de sinais e mostrando como elas eram tratadas, pois a história destas línguas se mistura com a história dos surdos.

Conforme Strobel (2008b, p. 82), a primeira história relativa às línguas de sinais foi registrada no Egito e na Pérsia:

[...] os surdos eram considerados como sujeitos privilegiados, enviados dos deuses, porque pelo fato de os surdos não falarem e viverem em silêncio, eles achavam que os sujeitos surdos conversavam em segredo com os deuses, numa espécie de meditação espiritual. Havia um possante sentimento de respeito, protegiam e 'adoravam' os surdos, todavia os sujeitos surdos eram mantidos acomodados sem serem instruídos e não tinham vida social.

Esta passagem mostra que se tinha a impressão de que os surdos do Egito e da Pérsia conversavam em segredo com os deuses, pois eles utilizavam sinais e gestos para se comunicarem individualmente e, assim, a sociedade os respeitava.

Posteriormente, Sacks (1998, p. 31) cita que o filósofo Sócrates fez um registro sobre surdos-mudos e sobre línguas de sinais na Antiguidade: “Se não tivéssemos voz nem língua, mas apesar disso desejássemos manifestar coisas uns aos outros, não deveríamos, como as pessoas que hoje são mudas, nos empenhar em indicar o significado pelas mãos, cabeça e outras partes do corpo?” (Sacks, 1998, p. 31)

Na Antiguidade, pensadores, filósofos e intelectuais desenvolveram explicações para os fenômenos da ciência humana e da natureza. Um filósofo acreditava que os surdos não tinham capacidade nem de raciocinar, nem de desenvolver a linguagem devido à falta de audição. A sociedade espartana, Atenas e Grécia, tinha a visão de que preparavam os

meninos para ser intelectuais e o corpo físico para praticar a guerra. Como surdos não podiam ser exercitados, porque segundo a opinião da sociedade, eram incapacitados, eles eram condenados à morte. Segundo Strobel (2008b, p. 95):

[...] os sujeitos surdos eram considerados inválidos e muito incômodos para a sociedade, por isto eram condenados à morte – lançados abaixo do topo de rochedos de Taygète, nas águas de Barathere – e os sobreviventes viviam miseravelmente como escravos ou isolados.

As sociedades antigas ainda apresentavam tendências preconceituosas com relação aos surdos e os tratavam como se não tivessem capacidade para se desenvolver por falta de conhecimento, visto que existem grupos sociais que julgam a qualidade humana com base na capacidade auditiva, ignorando a importância dos surdos como seres humanos. Nascimento (2006), que estudou a história da educação de surdos, explica que, segundo Ferdinand Berthier, o surdo da Antiguidade era visto como descapacitado, por isso era condenado a sofrer até a morte. Nas palavras do autor:

[..] história na Antigüidade, relatando as conhecidas atrocidades realizadas contra os surdos pelos espartanos, que condenavam a criança a sofrer a mesma morte reservada ao retardado ou ao deformado (Nascimento, 2006, p. 257)

Ao analisarmos a questão sob o ponto de vista religioso, por exemplo, a partir da Bíblia Sagrada, podemos notar que existem algumas referências a surdos. Um exemplo disso é a cura de um surdo por Jesus Cristo, descrita no evangelho de Marcos, capítulo 7, versículos 32 a 37:

- 32- Ali algumas pessoas lhe trouxeram um homem que era surdo e mal podia falar, suplicando que lhe impusesse as mãos.
- 33- Depois de levá-lo à parte, longe da multidão, Jesus colocou os dedos nos ouvidos dele. Em seguida, cuspiu e tocou na língua do homem.
- 34- Então voltou os olhos para o céu e, com um profundo suspiro, disse-lhe: "Efatá!", que significa "abra-se!"
- 35- Com isso, os ouvidos do homem se abriram, sua língua ficou livre e ele começou a falar corretamente.
- 36- Jesus ordenou-lhes que não o contassem a ninguém. Contudo, quanto mais ele os proibia, mais eles falavam.
- 37- O povo ficava simplesmente maravilhado e dizia: "Ele faz tudo muito bem. Faz até o surdo ouvir e o mudo falar".

Antes do século XV, pessoas surdas usuárias de línguas de sinais eram frequentemente maltratadas por sacerdotes e médicos e eram discriminadas ou rejeitadas pela sociedade, muitas vezes sendo isolados em asilos, pois não se acreditava que elas pudessem receber educação devido à falta de condições intelectuais provocada pela sua ausência de comunicação com ouvintes. A sociedade era intolerante e preconceituosa, considerando os surdos como “anormais” ou “doentes” (Perlin; Strobel, 2008).

Segundo Duarte *et.al.* (2013 p. 1714), “[...] os surdos eram considerados dignos de pena e vítimas da incompreensão da sociedade e, também, da própria família”. A representação social na Antiguidade marcou a história do surdo, considerando-o como ser compreensível e capaz de produzir pensamentos e desenvolver a cognição por meio de alguma língua oral auditiva. Por isso, cada sujeito surdo que se expressava através de alguma língua de sinais era visto pela sociedade como um indivíduo inferior. Infelizmente, a história foi marcada pelo estereótipo do surdo rotulado como incapaz de aprender e de interagir com a sociedade (Saks, 1998; Rabelo, 2001; Ladd, 2003).

No decorrer da história, os surdos usuários de Línguas de Sinais sofriam opressão da sociedade majoritária que muitas vezes não reconhecia a sua singularidade. Os surdos, como dissemos, eram vistos como incapazes de aprender: Os surdos viveram uma longa história de discriminação e marginalização.

Harlan Lane (1992), autor de diversas publicações, entre as quais se destaca “A Máscara da Benevolência”, apresenta críticas contundentes ao movimento oralista na educação de surdos. Nessa obra, Lane utiliza a estrutura díade para contrastar o termo “audismo” com o termo “surdez”, enfatizando a dimensão sociocultural da surdez e a necessidade de reconhecer e valorizar a língua de sinais e a identidade surda.

Francielle Martins, doutora e pesquisadora, utilizou o conceito de “audismo” e “ouvintismo”⁶ como ferramentas analíticas fundamentais para compreender a história dos movimentos surdos e as experiências dos sujeitos surdos na sociedade. Por meio desses conceitos é possível compreender como as atitudes, preconceitos e políticas linguísticas dos ouvintes têm moldado as experiências e identidades dos surdos, influenciando sua forma de ser e de estar no mundo. Desse modo, a análise crítica do audismo e ouvintismo se torna uma importante contribuição para o estudo da cultura e da história dos surdos.

A autora Nascimento (2006) revela que Ferdinand Berthier, no século XVI, contestava a atribuição convencional de Pedro Ponce de León (1520–1584) como pioneiro absoluto, argumentando que tentativas educacionais para surdos já existiam antes dele, ainda que sem registro formal ou reconhecimento público.

Cronologicamente, destacam-se as seguintes contribuições iniciais, majoritariamente de educadores ouvintes focados na oralidade:

Por volta de 1527–1578, Joachim Pascha, capelão luterano alemão, educou dois de seus próprios filhos surdos, embora suas práticas não tenham obtido visibilidade pública ou

⁶ Ouvintismo: “(...) é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte” (Skliar, 1998, p 15).

documentação sistemática.

Em 1570–1584, Pedro Ponce de León, monge beneditino espanhol, desenvolveu métodos para ensinar fala, leitura e escrita a filhos surdos de nobres, sendo frequentemente citado como o primeiro educador registrado com métodos preservados.

No início do século XVII (1579–1629), Juan Pablo Bonet publicou *Reducción de las letras y arte para enseñar a hablar los mudos* (1620), reivindicando inovações no ensino da fala para surdos.

Em 1644, John Bulwer, médico e filósofo inglês, publicou *Chirologia: or the Natural Language of the Hand*, defendendo os gestos como forma universal de comunicação visual, embora não tenha ministrado educação direta a surdos; sua obra influenciou discussões posteriores sobre gestos e educação surda.

Ainda no século XVII (1616–1703), John Wallis, matemático inglês, ensinou surdos combinando articulação oral com elementos de língua de sinais, permitindo a aquisição de escrita e leitura.

Outros educadores ouvintes do período, como William Holder, Kenelm Digby e Gregory (ingleses), Conrad Amman (médico suíço em Amsterdã) e Franciscus van Helmont (holandês), priorizaram o ensino da fala oral; Van Helmont, em particular, defendia o hebraico como língua divina para comunicação com Deus.

A transição para educadores surdos como protagonistas ocorre no século XVIII e início do XIX, marcando um avanço rumo à autonomia surda.

Por volta de 1720–1725, Étienne de Fay (c. 1669–?), surdo francês de família nobre educado na Abadia de Saint-Jean, tornou-se o primeiro professor surdo conhecido na França a ensinar crianças surdas por meio da língua gestual, embora sem amplo reconhecimento institucional.

No final do século XVIII e início do XIX, Jean Massieu (1772–1846), surdo francês, destacou-se como intelectual e professor no Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris, contribuindo para o desenvolvimento da Língua de Sinais Francesa e servindo como modelo de educador surdo capaz.

No mesmo período, Laurent Clerc (1785–1869), surdo francês aluno e depois professor no Instituto de Paris, ganhou projeção internacional ao colaborar com Thomas Gallaudet na fundação da *American School for the Deaf* (1817), disseminando o modelo bilíngue baseado em sinais nos Estados Unidos.

A evolução histórica da educação de surdos, conforme os exemplos analisados, pode ser sintetizada da seguinte forma: transitou-se de tentativas isoladas e predominantemente

oralistas, promovidas por educadores ouvintes, para práticas sistemáticas e centradas na modalidade visual-espacial, caracterizadas pelo progressivo protagonismo de educadores surdos como agentes centrais do processo pedagógico. Nesse contexto, oportuniza-se, em momento subsequente, o aprofundamento da análise sobre as figuras principais que marcaram essa trajetória educacional surda.

Segundo Strobel (2008 p.85), o uso do alfabeto manual nas línguas de sinais por monges beneditinos nos mosteiros foi desenvolvido por Pedro Ponce de León, que desenvolveu essa metodologia para dois filhos surdos de família de nobres. Nas palavras da autora:

O monge beneditino Pedro Ponce de León, na Espanha, inicialmente ensinava latim, grego e italiano e conceitos de física e astronomia aos dois irmãos surdos, Francisco e Pedro Velasco, membros de uma importante família de aristocratas espanhóis [...] Leon usava como metodologia o alfabeto manual usado por monges, a língua espanhola oral e escrita.

Posteriormente, o padre beneditino Ponce de León (1510-1584) descobriu que os monges beneditinos nos mosteiros da província de Valladolid, Espanha, se comunicavam por gestos entre si e passou a utilizar o alfabeto manual para se comunicar. Os nobres espanhóis que tinham filhos surdos buscavam educação para eles e Ponce de León passou a ensinar através da datilologia (alfabeto manual).

Ao longo dos anos, foram registrados avanços significativos em relação à língua de sinais. John Bulwer, por exemplo, defendia que a utilização do alfabeto manual e da língua de sinais era capaz de transmitir os mesmos conceitos que qualquer língua oral, conforme Strobel (2006, p. 20) pontua “[...] que a linguagem produzida pelas mãos era a única linguagem natural dos surdos”.

Segala e Souza (2009, p. 30) citam alguns dos primeiros surdos:

Um dos primeiros passos da educação de surdos, no início do século XVIII, partiu da iniciativa Etienne de Fay, um nobre surdo, em criar a primeira escola em que se priorizava o ensino em sinais. Em 1779, é publicado o primeiro livro escrito por um surdo chamado Pierre Desloges.

O primeiro professor surdo conhecido é Étienne de Fay, nascido em uma família nobre e surdo desde seu nascimento. Ele foi criado por monges na Abadia de Santo Jean em Amiens, onde estudou mecânica e arquitetura. Mais tarde, tornou-se arquiteto e foi encarregado de projetar novos edifícios. Entre 1720 e 1725, ele foi o primeiro professor surdo registrado na França a ensinar crianças surdas, antecedendo o Abade de L'Épée.

O Abade Charles Michel de L'Épée (1712 - 1789) foi um dos primeiros educadores

da história a reconhecer a riqueza e a complexidade da língua de sinais. De acordo com Carvalho (2007), ele desenvolveu um sistema de ensino que buscava integrar os surdos na sociedade por meio de uma língua visual, a Língua de Sinais Francesa:

Em 1750, um dos responsáveis pela mudança na história da educação dos surdos foi o abade Charles Michel de L'Épée [...] Ele aprendeu com os surdos pobres que viviam nas ruas de Paris a língua de sinais e introduziu esse sistema de signos na educação de outros surdos, possibilitando uma transformação significativa da realidade. O religioso fundou a escola que viria a ser o Instituto de Surdos de Paris (Duarte et al, 2013 p. 1720 e 1721).

O legado de L'Épée é inspirador para a história da educação de surdos, pois ele foi pioneiro na documentação e no estudo da Língua de Sinais Francesa. Ele fundou uma escola em Paris que se tornou referência em toda a Europa. Devido à sua dedicação e trabalho, L'Épée contribuiu para a melhoria da educação de surdos e para a promoção do uso da língua de sinais, deixando um legado precioso até os dias de hoje. A metodologia desenvolvida por Sr. L'Épée tornou-se amplamente conhecida e respeitada na época, tendo sido adotada pelo Instituto Nacional de Surdos e Mudos de Paris (atualmente conhecido como Instituto Nacional de Jovens Surdos) como método ideal para a educação de seus alunos, conforme Duarte et al (2013). Desde então, foi reconhecida como uma abordagem compreensível no ensino de surdos, demonstrando o impacto positivo e duradouro do trabalho do Sr. L'Épée na área da educação dos surdos.

O Abade Sicard (1742-1822) foi sucessor do abade L'Épée na direção do Instituto Nacional de Jovens Surdos - INJS, em Paris. Seu trabalho consistia em oferecer apoio administrativo e aperfeiçoamento do método de ensino de língua de sinais desenvolvido por L'Épée. Ele dedicou-se à língua de sinais e à educação dos surdos, e foi nomeado diretor da escola para surdos em Bordeaux, onde conheceu seu aluno surdo Jean Massieu (1771-1846), que se tornou o primeiro professor surdo no INJS de Paris.

Roch-Ambroise Auguste Bébien (1789 - 1839) foi professor ouvinte que trabalhou com colegas surdos no INJS em Paris e o primeiro professor ouvinte a dominar a Língua de Sinais Francesa - LSF e a escrever a língua de sinais, conforme aponta Carvalho (2007). Segundo Coelho, Cabral e Gomes, (2004, p. 168), Laurent Clerc, contando sobre o Bébien, fala que foi “o melhor amigo ouvinte que os surdos tiveram”. Ainda, segundo os autores:

[...] Bébien foi o primeiro a lutar pelo uso da língua gestual genuína na educação dos surdos, indo ainda mais longe que Sicard, pois este embora tivesse eliminado os sinais metódicos de L'Épée, continuava a praticar o francês gestualizado (Coelho, Cabral Gomes, 2004, p. 168).

Bébian foi um professor brilhante e pioneiro no desenvolvimento do sistema de escrita de LSF, que foi registrado em 1825 sob o nome “*La Mimographie Ou Essai D'écriture Mimique*” (Ensaio de Escrita de Mimografia ou Mime) em Língua de Sinais Francês (Cantarelli; Marques, 2020).

Assim como Ferdinand Berthier (1803 - 1886), que se formou como professor surdo da associação dos surdos (*Société Centrale des Sourds-Muets*), ele desenvolveu atividades administrativas e publicou um livro sobre a história dos surdos e da cultura surda. Além de se destacar como professor, Berthier tornou-se protagonista surdo na *Société Centrale des Sourds-Muets*, associação de surdos de Paris que desenvolveu uma organização para suas atividades administrativas, representando e trazendo visibilidade à comunidade surda, conforme afirma Carvalho (2007). Ademais, ele registrou detalhes sobre a história dos surdos e a cultura surda, contribuindo significativamente para a preservação e valorização da identidade surda.

Depois do reconhecimento da utilização em Língua de Sinais como forma de comunicação compreensível na educação dos surdos em Paris, essa língua também foi difundida nos Estados Unidos e no Brasil. Nos Estados Unidos, Thomas H. Gallaudet (1787-1851) percebeu que uma menina chamada Alice Cogswell não participava das brincadeiras com outras crianças, e, descobriu que ela era surda. Gallaudet e o pai da menina tentaram buscar uma metodologia para ensino de surdos. Gallaudet viajou por toda a Europa em busca de uma metodologia para o ensino de crianças surdas para desenvolvimento de sua língua de forma natural e compreensível. Conforme Moura, Lodi e Harrison (1997, p. 5), “Thomas Gallaudet, interessado na educação de surdos, viajou à Europa para aprender um método que permitisse que ele implantasse um ensino especializado para surdos nos EUA”.

Durante sua viagem, Gallaudet visitou a escola Braidwood, na Inglaterra. No entanto, não se interessou pela metodologia usada ali devido aos métodos serem caros e secretos, além da comunicação ser feita exclusivamente de forma oral. Em seguida, Gallaudet viajou para a França com o objetivo de conhecer o Instituto Nacional dos Surdos Mudos em Paris, onde foi recebido pelo abade Sicard. Foi lá que ele descobriu a metodologia da Língua de Sinais. (Duarte *et.al.*, 2013)

Thomas Gallaudet teve contato com Laurent Clerc. Os dois interagiram em troca de aprendizagem da língua de sinais e língua inglesa escrita. Em seguida, fundou-se o “Asilo de Connecticut para Educação e Ensino de Pessoas Surdas e Mudas”. Conforme Strobel (2009 p. 24):

Thomas H. Gallaudet, junto com Clerc fundou em Hartford, 15 de abril, a primeira escola permanente para surdos nos Estados Unidos, “Asilo de Connecticut para Educação e Ensino de pessoas Surdas e Mudas”. Com o sucesso imediato da escola levou à abertura de outras escolas de surdos pelos Estados Unidos, quase todos os professores de surdos já eram usuários fluentes em língua de sinais e muitos eram surdos também.

Depois de abrir a primeira escola para surdos nos Estados Unidos, eles tiveram que difundir a oportunidade de outras escolas para surdos, onde todos os docentes eram fluentes em língua de sinais. Strobel (2008, p. 87) cita que:

O Laurent Clerc aceitou a oferta de Gallaudet para abrir a primeira escola para surdos nos Estados Unidos e como esta escola teve sucesso tiveram oportunidade de abrir outras escolas para surdos por todo o país, na época quase todos os professores de surdos eram fluentes em língua de sinais, Lane (1989) registra que nos Estados Unidos, anos depois, em 1869, havia 550 professores de surdos e que 41% dos professores de surdos eram surdos.

Após o falecimento de Thomas H. Gallaudet, seu filho, Edward Miner Gallaudet (1837-1917), reconheceu o valor da educação para surdos e tornou-se o primeiro diretor da *Columbia Institution For the Deaf*⁷ em 1864. Ele trabalhou vários anos com surdos, durante os quais a instituição passou por várias mudanças de nome (Armstrong, 2014). Eventualmente, tornou-se mais conhecida como uma das primeiras universidades para surdos do mundo, onde a língua de sinais foi progressivamente se tornando a *American Sign Language* - ASL, que é utilizada hoje em dia como meio de comunicação da comunidade surda norte-americana. Em 1986, foi renomeada como Universidade Gallaudet⁸. Segundo Strobel (2008, p. 87):

Em 1864, o Congresso dos Estados Unidos autorizou a primeira faculdade para surdos, localizada em Washington, denominada “Gallaudet University”, sendo o primeiro diretor o Edward Gallaudet, filho de Thomas Gallaudet.

Durante esse período, a língua de sinais se estabeleceu como meio de instrução na Universidade Gallaudet, possibilitando que muitos surdos se formassem como professores fluentes em língua de sinais, o que contribuiu significativamente para o sucesso e avanço da educação de surdos nos Estados Unidos. De acordo com Lane (*apud* Sacks, 2007), em

⁷ *Columbia Institution For the Deaf* - Em 8 de abril de 1864, o presidente Abraham Lincoln assinou um ato do Congresso que autorizou a *Columbia Institution for the Deaf and Mumb and the Blind* a conceder diplomas. Em 1865, a divisão colegiada da instituição foi chamada de *National Deaf-Mute College* e, em 1894, passou a ser conhecida como Gallaudet College. Disponível em: <https://gallaudet.edu/museum/exhibits/history-through-deaf-eyes/formation-of-a-community/lincoln-signs-act-of-congress-to-authorize-columbia-institution-for-the-deaf-and-dumb-and-the-blind-to-confer-degrees/> Acesso em: fev de 2023.

⁸ *Gallaudet University* - O *Gallaudet College* foi criado por uma lei em 1954 e, a partir de 1986, passou a ser conhecido como *Gallaudet University*. A universidade é uma entidade corporativa com sucessão perpétua e está sujeita às limitações contidas na lei que a criou. Disponível em: <https://www.law.cornell.edu/uscode/text/20/4301> Acesso em fev de 2023.

1869, a universidade tinha um corpo docente especializado de 550 professores de surdos no mundo todo, dos quais, surpreendentemente, 41% também eram professores surdos dos Estados Unidos. Essa proporção expressiva de professores surdos evidencia a importância da representatividade e da valorização da cultura e da língua de sinais na educação de surdos e destaca a necessidade de modelos autênticos de ensino para o desenvolvimento de estudantes surdos.

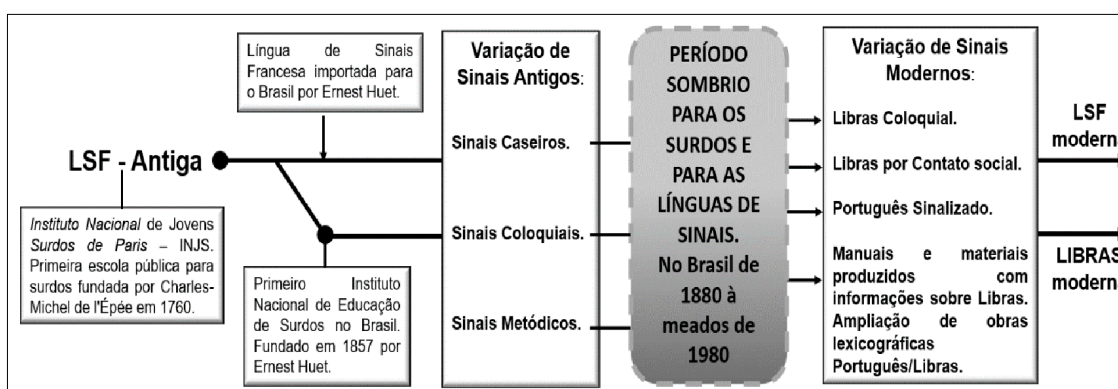
Apesar dos avanços, a história também registra alguns retrocessos na educação dos surdos. Em Milão, na Itália, ocorreu um Congresso na década de 1880, o qual teve um impacto negativo na promoção das línguas de sinais e na valorização de profissões relacionadas com a educação de surdos. O principal objetivo desse evento foi discutir o uso dos métodos de línguas de sinais e o uso do método oral na educação dos surdos. Essa história representa um marco negativo na educação dos surdos, pois resultou na proibição do uso das línguas de sinais e na repressão contra os surdos (Strobel, 2006).

Atualmente, o valor das línguas de sinais na educação e comunicação dos surdos é amplamente reconhecido. Em diversos países, existem movimentos políticos e engajamento da comunidade surda para reverter as restrições impostas no Congresso de Milão, com o objetivo de promover uma abordagem educacional inclusiva e bilíngue para os surdos.

1.3 A história da Língua Brasileira de Sinais - Libras

A Libras surgiu no século XIX a partir da necessidade de comunicação entre pessoas surdas no Brasil, cujas formas de interação requerem o emprego de uma língua própria. O desenvolvimento da Libras se deu de maneira natural e intuitiva, mediante a interação social de indivíduos surdos. Martins (2020, p. 72) apresentou a figura 1, elaborada por Supalla e Clark (2015, p. 2-20), publicada no livro "*Sign Language Archaeology: Understanding the Historical Roots of American Sign Language*", em que oferecem uma descrição minuciosa da pesquisa sobre a história das línguas de sinais, visando preservá-las como línguas naturais dos surdos. O principal objetivo desse trabalho é garantir clareza e fidelidade na representação das línguas de sinais (Supalla; Clark, 2015).

Figura 1. A Língua de Sinais ao longo do tempo.



Fonte: Elaborado por Supalla & Clark (2015 p. 2-20).

A história dos surdos brasileiros é complexa. É essencial olhar para trás e fazer um resgate do passado, pois através desse resgate, podemos reconstruir e comprovar a história e entender a sua relevância nos dias de hoje. Embora os surdos constituam minoria linguística, sua trajetória não segue uma evolução linear. Houve períodos em que o surdo foi marginalizado no Brasil. Em suas pesquisas, Strobel (2008), Rocha (2009) e Sofiato (2011) relatam um momento importante na história da educação dos surdos, no qual D. Pedro II criou o (Instituto Imperial para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos). De acordo com Lima (2020), a criação desse instituto foi influenciada por três diferentes fatores: a influência de um neto de D. Pedro II, filho da Princesa Isabel, que era surdo; a influência do genro de D. Pedro II, casado com a Princesa Isabel, que também era surdo ou tinha deficiência auditiva; e a influência conjunta de ambos, filho e esposo da herdeira ao trono, a Princesa Isabel.

No século XIX, precisamente em 1857, na cidade do Rio de Janeiro, foi promulgada a Lei 939⁹, que estabeleceu a língua de sinais no Brasil, que foi adotada no Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES em 1857. Essa conquista foi impulsionada pela presença do professor Surdo Francês E. Huet¹⁰, que havia sido aluno da renomada escola pública do Instituto Nacional de Jovens Surdos - INJS em Paris. O objetivo do professor E. Huet era oferecer educação e treinamento para surdos, permitindo que eles pudessem integrar-se à sociedade e desenvolver suas habilidades profissionais. No início, o instituto usava a Língua de Sinais Francesa como meio de comunicação, incluindo também a

⁹ Lei 939 de 26 de setembro de 1857 informações gerais determinadas por Dom Pedro onde o Império iniciou a partir daquele ano, instituindo se a nova escola de surdos.

¹⁰ E. Huet, também conhecido como Ernest Huet ou Eduard Huet, era um professor surdo. Ele estudou no INJS, onde obteve sua formação como educador, e atuou como diretor do Instituto de Surdos em Bourges, na França. Após receber reconhecimento por seu trabalho, ele foi convidado a vir para o Brasil pelo Imperador Dom Pedro II.

articulação labial (Rocha, 2009). Quando o Dr. Tobias Leite assumiu a gestão do Instituto, a comunicação em Libras começou a ser mais frequente, o que levou a uma maior interação entre os que a usavam e disseminavam em todo o Brasil, impulsionando a evolução da Língua Brasileira de Sinais - Libras (Rocha, 2009).

Com o passar do tempo, a luta e a mobilização de pessoas surdas, bem como de seus apoiadores, permitiram que preconceitos fossem vencidos e levassem ao reconhecimento da Libras e a dignidade dessas pessoas que a usam. É importante ressaltar que a evolução e formalização da Libras só foi possível graças ao trabalho conjunto de linguistas, educadores e membros da comunidade surda que se dedicaram à padronização da língua e à promoção do seu uso.

O reconhecimento oficial da Libras por meio da Lei 10.436¹¹, em 2002, representou um marco histórico para a comunidade surda, pois a partir desse momento tornou-se possível assegurar o acesso à educação e à informação em sua língua materna. Os movimentos liderados por sujeitos surdos têm desempenhado um papel político significativo na busca pelo reconhecimento de seus direitos linguísticos e de cidadania, resistindo ao ouvintismo. A língua de sinais é um fator crucial de aglutinação nesse processo, uma vez que quando os surdos têm acesso à Libras precocemente, eles podem integrar-se de forma satisfatória à comunidade ouvinte (Quadros, 1997).

Atualmente, a Libras é amplamente reconhecida e aceita pela sociedade brasileira, tanto na esfera política quanto na educação, nas universidades e em outros órgãos públicos. Tendo em vista essa relevância torna-se pertinente questionar como foi a origem dessa Língua e como foi o seu progresso até este momento.

A Lei nº 10.436/2002, que é reconhecida como meio de comunicação e expressão da comunidade surda, e o Decreto nº 5.626/2005¹², obrigam a todas as instituições federais a oferecerem acesso à comunicação e à informação de todos os conteúdos curriculares desenvolvidas em todos os níveis, ou seja, do Ensino Fundamental ao Superior (Brasil, 2002; 2005).

Os estudos científicos da linguagem humana também devem se ocupar das línguas de sinais, que são línguas naturais. Segundo Quadros (1997, p. 47), as línguas de sinais são:

[...] sistemas linguísticos que passaram de geração em geração de pessoas surdas. São línguas que não se derivaram das línguas orais, mas fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral, mas o

¹¹ Lei n.10436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências.

¹² Decreto n.5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436 de 22 de abril de 2002. Oficializa a LIBRAS

canal espaço-visual como modalidade linguística.

Segundo Brito (1998, p.19):

As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano

A comunicação entre as comunidades surdas ocorre por meio de suas línguas naturais. As línguas naturais se desenvolvem de maneira espontânea e são capazes de expressar e moldar o pensamento humano e a interação entre os indivíduos. Assim como qualquer outra língua, as línguas de sinais, incluindo a Libras e a LSE, apresentam variações de sinais de acordo com cada região geográfica ou cada cultura local.

A Libras e outras línguas de sinais são línguas visuoespaciais, cujo canal de comunicação se baseia em movimentos gestuais das mãos e expressões faciais que são percebidas por meio da visão. Essa modalidade linguística é caracterizada por ter uma gramática própria e estruturas sintáticas específicas que se distinguem das outras línguas orais-auditivas. A natureza visuoespacial das línguas de sinais permite a expressão de conceitos e ideias que podem ser transmitidos em outras línguas, proporcionando uma riqueza de expressão cultural e linguística (Quadros, 2004).

1.1.2 A história da Língua de Sinais Espanhola - LSE

Neste capítulo, é apresentado um resumo da história da origem da Língua de Sinais Espanhola (LSE), desde seus primórdios até o momento de seu reconhecimento legal e desenvolvimento de abordagens teóricas e práticas na educação de surdos. A LSE é o instrumento de comunicação entre membros das comunidades surdas espanholas e um aspecto fundamental para garantir o acesso à linguagem nas esferas da educação, política e social.

As línguas de sinais têm influências culturais que estão relacionadas à sua origem e ao seu desenvolvimento ao longo do tempo. Segundo Jarque Moyano (2012, p. 34), a língua de sinais:

[...]constituyen sistemas lingüísticos no solo por las funciones que realizan, sino también por sus propiedades y principios de organización de estructural. Son lenguas naturales, en el sentido de que han emergido y evolucionado en el seno de las diferentes comunidades de usuarios –personas sordas y oyentes– con independencia de las lenguas habladas en las comunidades lingüísticas de la misma región o país.

As línguas de sinais são línguas visuais e naturais. A LSE se expressa principalmente através das mãos, movimentos e expressão facial, utilizando a modalidade visual sinalizada. A Língua de Sinais Espanhola, segundo Esteban Saiz (2017, p. 215):

[...] ha sido estudiada desde diferentes ámbitos a lo largo de la historia (lingüística, sociología, psicología, medicina, etc.) y reúne todas las características como lengua, tal y como atestiguan las distintas investigaciones lingüísticas que la hacen merecedora del mismo estatus que el resto de las lenguas del Estado español.

A LSE é considerada uma língua natural resultante da interação entre fatores biológicos e culturais dos seres humanos. Ela é utilizada como meio de comunicação pelas comunidades surdas espanholas. A *Lengua de Signos Española* (Língua de Sinais Espanhola - LSE) é reconhecida em diversos países hispânicos como língua de comunicação de surdos. Como já afirmamos antes, cada país possui sua própria língua de sinais. Além disso, há de uma mais línguas de sinais utilizada pela comunidade surda em um mesmo país, por exemplo, na Espanha, duas línguas de sinais são reconhecidas: a Língua de Sinais Espanhola (LSE) e a Língua de Sinais Catalã (LSC). Podem surgir ainda línguas de sinais emergentes em minorias linguísticas surdas de indígenas e, também, de outras comunidades, como é o caso da Língua de Sinais Vasca.

Segundo Esteban Saiz (2017, p. 217), os grandes pesquisadores da LSE são:

Rodríguez González (1992), Báez e Cabeza (1996), Fernández Viader (1996), Lara e Vega (1997), Muñoz Baell (1998), Parkhurst (1998), Veyrat (1998a 1998b), Herrero e Alfaro (1999), Chapa (2001), Veyrat e Gallardo (2003), Herrero (2003), Montaner e Nogueira (2004), Herrero (2004), Moriyón (2005), Rodríguez Ortiz (2005), Herrero y Peidró (2007), Fernández Soneira (2009), Herrero (2009), Gutiérrez Sigut (2009), Belda (2012), y un largo etcétera.

Nesta pesquisa, trataremos especificamente da lexicografia da LSE utilizada na Espanha, uma vez que essa língua dispõe de maior quantidade de materiais lexicográficos, além de apresentar maior disponibilidade, acessibilidade e usabilidade tanto para a comunidade acadêmica quanto para a comunidade surda na Espanha quando comparada a outras línguas de sinais do mesmo contexto. Entretanto, considera-se fundamental discutir e refletir criticamente sobre os materiais lexicográficos existentes ou a ausência deles referentes às línguas de sinais de minorias linguísticas, como a Língua de Sinais Catalã (LSC), bem como as línguas de sinais emergentes e indígenas. Essas línguas estão diretamente relacionadas a contextos de minorização linguística, enfrentando desafios adicionais no que diz respeito à documentação, padronização, visibilidade e acesso a recursos lexicográficos.

Nesse sentido, embora o foco central da pesquisa seja a lexicografia da LSE, é imprescindível ampliar o debate para outras línguas de sinais presentes no território espanhol e em contextos semelhantes, a fim de compreender as desigualdades linguísticas, os impactos socioculturais e as implicações para a produção de materiais lexicográficos mais inclusivos, que atendam às diferentes comunidades surdas.

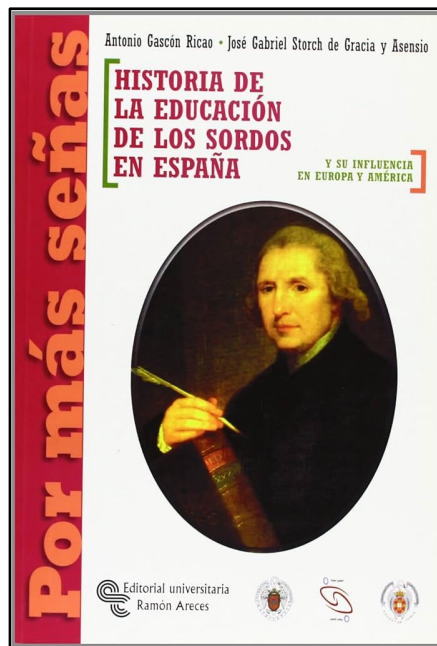
O reconhecimento legal da LSE pela Lei 27/2007 estabelece as diretrizes para a comunicação oral de pessoas surdas não sinalizantes, surdo-cegas e com deficiência auditiva. Conforme mencionado por Moyano (2012), a Lei 27/2007 é específica no contexto da deficiência e foi aprovada pelo CNLSE - Centro de Normalização Linguística da Língua Gestual Espanhola, com o objetivo de garantir o desenvolvimento e a normalização do processo da LSE como contribuição para o ensino, aprendizagem e pesquisa acadêmica, estabelecendo-se, portanto, como meio de apoio à comunicação oral. Vale ressaltar que a LSC (Língua de Sinais Catalã) possui sua própria lei, a Lei nº 17/2010, que a reconhece como uma perspectiva linguística (Moyano, 2012).

Segundo Vera Villaverde (2020), o reconhecimento da LSE a vê como língua normalizada e integrada a diferentes áreas. No âmbito acadêmico, há uma progressiva inclusão nos vários níveis de ensino. No contexto jurídico e clínico, bem como na comunicação social, como televisão e cinema. Apesar das diferenças entre as línguas de sinais de cada país, é possível haver a comunicação entre usuários da LSE e da Libras por meio da identificação de léxicos em sinais comuns a elas (Pina, 2013).

A história da LSE é rica e complexa e reflete a evolução da comunicação entre Surdos na Espanha ao longo dos séculos (Saiz, 2017). As comunidades surdas da Espanha desenvolveram sistemas de sinais informais para se comunicarem entre si, que não eram amplamente reconhecidos ou padronizados.

Na história da educação dos surdos da Espanha e da Europa, os autores empenham-se em questionar, respaldados por evidências documentais, diversos “mitos” presentes na história da educação dos surdos na Espanha, conforme indicado na Figura 2. Esta capa retrata o estudioso espanhol Lorenzo Hervás y Panduro (1735-1809), um pioneiro dos Estudos Surdos, injustamente negligenciado pela história.

Figura 2. Capa do livro *Historia de la Educacion de los Sordos en España*



Fonte: Ilustração da capa do livro foto retirado pelo livro físico

O livro de Hervás y Panduro destaca uma influência significativa que motiva uma profunda reavaliação da maneira como a História do Surdo foi abordada. Ressalta-se a polarização ideológica entre os extremos representados pelo Poder Surdo, que propõe a formação de uma comunidade surda, e o oralismo, que desconsidera a importância da comunicação gestual. Essa polarização teve impactos negativos em diversos momentos da história, resultando na distorção dos dados do passado para se alinhar às convicções dos escritores envolvidos.

Como dissemos antes, internacionalmente, o Fray Pedro Ponce de León foi pioneiro no método de ensino para surdos, tendo contribuído significativamente no século XVI ao educar os surdos no Mosteiro de São Salvador através da comunicação do alfabeto manual. O alfabeto manual foi posteriormente desenvolvido por Juan Pablo Bonet, uma figura influente na Europa do século XVII, que desenvolveu um sistema de comunicação manual para surdos juntamente com o Mestre Surdo de nascimento, Manuel Ramírez de Carrión. Esse método foi considerado o mais importante na educação de surdos e mudos na Antiguidade, sendo ambos reconhecidos como os três pedagogos em ensino para surdos mais relevantes da época na Espanha.

No século XVIII, o linguista espanhol Lorenzo Hervás y Panduro destacou-se como grande estudioso intelectual da época, pois conhecia mais de trezentos idiomas. Publicou 90 volumes em suas obras, sem contar panfletos ou manuscritos inéditos, abrangendo ampla gama de assuntos (Ricão; Asensio, 2004). Posteriormente, dedicou-se ao ensino da língua

espanhola para surdos, utilizando o método de Ponce de León, de Juan Pablo Bonet e de Manuel Ramírez de Carrión. Publicou os dois volumes na “*Escuela Española de Sordomudos o Arte para enseñarles a escribir el idioma español*” (1795), sendo esta primeira escola fundada na Espanha (Giner; Jiménez, 2008).

Hervás e Panduro destacou-se como mente iluminada ao explorar ideias e métodos para o ensino da língua espanhola para surdos. Seu objetivo era estudar aspectos psicopedagógicos e didáticos, além do método e suas estratégias de gramática específica na aprendizagem de surdos-mudos. Ele defendia a necessidade de uma legislação que garantisse os direitos sociais e educacionais dos surdos que até então não haviam sido regulamentados. Hervás e Panduro justificava que o ensino dos surdos-mudos era um dever inevitável da sociedade civil e da Igreja, argumentando que a educação desses deficientes deveria ser assumida pelas escolas públicas como meio de integrá-los à humanidade. Enfatizava que a ausência de escolas públicas para instruir surdos não deveria ser encarada como um insulto à religião e à sociedade, mas sim como um desafio a ser enfrentado no âmbito social (Giner; Jiménez, 2008, s/p)

Em 1795, ao publicar a obra “*Escuela Española de Sordomudos*”, de Hervás y Panduro, foi fundada a primeira escola de surdos da Espanha, denominada *Real Colegio de Sordomudos en Madrid*. A escola passou a nomear provisoriamente o *Real Colegio de Sordos Mudos de San Fernando* no mesmo colégio dos *Padres Escolápios de la Avapiés*. Embora o professor Fernández de Navarrete, em 1795, tenha ministrado aulas para seus poucos alunos surdos, abrangendo leitura, desenho, leitura labial e pronúncia, a experiência não foi agradável e fracassou como método de ensino (Susan Plann, 1992; Ricão; Asensio, 2004; 2011).

A partir de 1802, a escola encontrava-se sem professor ou pedagogo. A administração a passou para as mãos da Real Sociedade Econômica Matritense dos Amigos da Pátria, mantendo a escola para surdos nos fundos. O Abade Sicard, um dos professores franceses, foi designado para estabelecer a escola na Espanha e enviou o professor Antoine Joseph Rouyer para ministrar aulas com um método de sinais para surdos. Simultaneamente, o professor militar Juan de Díos Loftus y Bazán foi nomeado diretor da Real Sociedade dos Amigos da Espanha. Ele procurou reduzir salários e despesas na escola para surdos devido às dívidas da Real na Europa. Em 1804, Rouyer pediu demissão e retornou à França. A Real Sociedade Econômica Matritense dos Amigos da Pátria, em seguida, fez uma proposta ao Diretor militar Loftus para o Rei, aprovando oficialmente a escola dos surdos, chamada *Real Colegio de Sordos-Mudos de Madrid* (Plann, 1992; Ricão; Asensio, 2011).

Em 1805, a escola de surdos de Madrid abriu suas portas para Roberto Pradez, primeiro professor surdo a ensinar desenho aos alunos surdos. Seu trabalho teve impacto significativo na educação de surdos. Pradez colaborou com o estabelecimento da Real Sociedade dos Amigos da Espanha, inclusive contribuindo para garantir a continuidade da escola e a prestação de serviços voluntários. A escola permaneceu até 1808 (Plann, 1992; Ricão; Asensio, 2011).

Posteriormente, depois do ano de 1814, fundou-se a escola municipal para surdos-mudos em Barcelona. Nesse contexto, Juan Albert Martí e Salvador Vieta y Catá assumiram a liderança da educação para surdos em Barcelona, buscando implementar métodos de ensino. Posteriormente, Manuel Estrada também desempenhou um papel importante, enfrentando desafios na gestão da escola. Houve uma centralização das escolas municipais em 1820 sob a supervisão do padre Joaquín Catalá. Estrada continuou como diretor da escola de surdos, mas também se envolveu em atividades particulares na Academia militar e civil (Palomares, 2020)

A partir da década de 1980, e de forma mais significativa, na década de 1990, uma nova visão emerge no contexto da língua de sinais: o Bilinguismo. Essa abordagem propõe o ensino de duas línguas, sendo a Língua de Sinais Espanhola (LSE) considerada a primeira língua e, a língua falada e/ou escrita como segunda (Goldfeld, 2002). Ou seja, o ensino de duas línguas, sendo a LSE e a língua oral (espanhol), é conhecido como “bilinguismo” ou “educação bilíngue” para surdos na Espanha e em outras partes do mundo. Esse modelo educacional visa proporcionar às pessoas surdas a oportunidade de desenvolver fluência tanto na língua de sinais quanto na língua oral do país (na modalidade escrita), permitindo que sejam bilíngues. O ensino de duas línguas, LSE e espanhol no caso da Espanha, é uma abordagem educacional que reconhece e valoriza a identidade linguística e cultural das pessoas surdas, promovendo ao mesmo tempo sua participação plena na sociedade ouvinte. É importante que a educação bilíngue para surdos seja apoiada e implementada de forma consistente para garantir que os surdos tenham acesso igualitário a oportunidades educacionais e sociais.

A LSE, conhecida como *Lengua de Señas Española* em espanhol, assim como outras línguas de sinais, possui sua própria gramática, sintaxe e vocabulário distintos, o que a torna uma língua completa e independente, quando comunidades surdas na Espanha começaram a desenvolver sistemas de sinais para se comunicar entre si. A LSE foi fortemente influenciada pela língua de sinais francesa, já que muitos educadores surdos espanhóis eram treinados na França e levaram ideias e sinais franceses de volta para a Espanha. A LSE é fundamental para

a comunidade surda na Espanha e preenche um papel categórico na comunicação e na vida cotidiana dos Surdos. Sua importância e acesso continuam a evoluir à medida que se trabalha para que os Surdos tenham igualdade de acesso à informação e oportunidades na sociedade espanhola.

É importante ressaltar que as línguas de sinais são línguas vivas, por isso o desenvolvimento lexical contínuo é apenas um aspecto da sua riqueza e diversidade. Apoiar e promover a evolução da LSE e de outras línguas de sinais é fundamental para garantir que as comunidades surdas tenham as ferramentas de comunicação necessárias para se expressarem plenamente em todas as áreas da vida (CNSE, 2023). Nesse sentido, as pesquisas que se debruçam sobre análise, construção, comparação e catalogação de dicionários em Línguas de Sinais tornam-se relevantes, contribuindo para seu avanço.

1.2 CULTURA SURDA

1.2.1 A cultura e as pessoas surdas

As pessoas surdas se identificam com práticas de identidades semelhantes. Entre seus direitos está o de se expressar em sua própria língua para interagirem entre si. O ensino e aprendizagem de qualquer língua de sinais é valiosa para o surdo e é fundamental incluir a sociedade nesse processo para que interaja com os sujeitos surdos (Strobel, 2008).

No contexto brasileiro a língua dos surdos é a Libras, que é tão rica e complexa, quanto qualquer outra língua natural. Os estudos culturais dos surdos são fundamentais para o estudo da Libras, pois permitem compreender historicamente o sujeito surdo e a complexidade que envolve a sua identidade. Somente com esse entendimento, poderemos avançar na construção de uma sociedade mais inclusiva e justa para todos.

Segundo Perlin e Miranda (2003) e Strobel (2008), o povo surdo a cultura surda e a identidade surda têm uma representação compreendida como alteridade e diferença nas práticas que os sujeitos surdos constituem:

O conceito de ser surdo confirma o surdo, da mesma forma que o conceito ser negro, ou conceito ser índio. Assim, dentro de posições culturais, (...) ser surdo assume uma política para a identidade e diferença e a alteridade. Do mesmo modo, a diferença que na minha maneira se atrela mais ao aspecto cultural e a identidade, as formas de se fazer o eu prevalecer diferente pelas situações da sua constituição nas diferentes tramas de poder social. As paragens da identidade surda e suas múltiplas identidades surgiram durante o meu Mestrado em Educação. Foi aí que constatei o ser surdo com suas identidades culturais, multifacetadas, suas múltiplas experiências surdas e em constantes translados do ser surdo (Perlin; Miranda, 2003, p. 18)

A cultura, segundo Strobel (2008, p.30-31):

[...] é um conjunto de comportamentos apreendidos de um grupo de pessoas que possuem sua própria língua, valores, regras de comportamento e tradições; uma comunidade é um sistema social geral, no qual um grupo de pessoas vive junto, compartilham metas comuns e partilham certas responsabilidades umas com as outras.

Conforme essa autora, “os surdos possuem a sua cultura” (Strobel, 2009, p. 27), pois como minoria linguística, esse grupo tende a se relacionar e interagir com outros pares na busca de identificação, reconhecimento linguístico/identitário e social, sendo participantes de uma mesma cultura. Assim, esse grupo se expressa como povo surdo em sua forma de pensar, sentir e agir, constituindo suas histórias, costumes relacionados à língua de sinais, incluindo, também, valores, atitudes e objetivos de seus artefatos culturais visuais. Portanto, o surdo tem sua própria, uma cultura surda. Strobel (2009, p. 27) afirma que a cultura surda:

[...] é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo [...]

Sabemos que a autora menciona que o sujeito surdo está envolvido na comunicação por meio da língua de sinais, tanto no contexto familiar quanto na escola. Isso ocorre porque o processo de aprendizagem dessas percepções visuais, ideias, costumes ou hábitos valorizam a cultura e a partir da interação e comunicação linguística deles que se constrói a identidade surda. Segundo Perlin e Miranda (2003, p. 217):

Ser Surdo: (...) olhar a identidade surda dentro dos componentes que constituem as identidades essenciais com as quais se agenciam as dinâmicas de poder. É uma experiência na convivência do ser na diferença.

E complementam:

Quando pronunciamos ‘povo surdo’, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução lingüística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços (Strobel, 2008, p.29).

1.2.2. Cultura surda em Libras e LSE

É fundamental que os educadores e a sociedade em geral respeitem a cultura surda e reconheça que ela é tão valiosa quanto qualquer outra língua/cultura. Isso inclui o

reconhecimento da língua de sinais como uma língua legítima e a compreensão das tradições e valores da comunidade surda (Machado, 2017; Mendonça *et.al.*, 2018).

A cultura surda está intrinsecamente vinculada à língua de sinais. O desenvolvimento da cultura surda está intimamente relacionado à busca pela garantia de direitos na Libras. Neste trabalho, como dito anteriormente, estuda-se a LSE e a Libras, respeitando as diferenças culturais e linguísticas de ambos os contextos geográficos. Tanto a Libras no Brasil, quanto a LSE na Espanha, são línguas de sinais adotadas pelas comunidades surdas de seus respectivos países. Ambas são modalidades visuais e gestuais, e possuem gramáticas próprias, vocabulários distintos e estruturas linguísticas específicas.

Assim como em outras partes do mundo, a comunidade surda no Brasil e a comunidade surda na Espanha têm travado batalhas pelos seus direitos, incluindo a prerrogativa de empregar suas línguas de sinais em todas as esferas da vida, tais como na educação, na comunicação, no acesso a serviços de saúde e a participação plena na sociedade em paridade de condições com os ouvintes. Indivíduos surdos que se comunicam por meio da Libras ou de LSE frequentemente se identificam com a cultura surda, enxergando essas línguas como componentes essenciais de sua identidade cultural. A Libras e a LSE apresentam, por conseguinte, notáveis divergências culturais e linguísticas.

No Brasil, destacam-se eventos culturais específicos da comunidade surda, como festivais teatrais¹³ em Libras, encontros esportivos¹⁴ e conferências que abordam a cultura e a língua de sinais. A Libras desempenha papel fundamental na expressão da rica cultura surda brasileira, proporcionando um meio para os surdos compartilharem narrativas, piadas, músicas, danças e outras manifestações culturais¹⁵ que definem a identidade coletiva da comunidade surda. A cultura surda brasileira é fundamentada na coletividade dos surdos no país, priorizando o intercâmbio de experiências, a solidariedade e a compreensão mútua entre os membros dessa comunidade.

¹³ Encontros de surdos em eventos para contação de histórias, comédias e expressar humor em Libras, além de participar de atividades em minicursos para praticar e aprimorar a habilidade de sinalizar poesias. Disponível em: <https://acessibilidadeemmaos.wordpress.com/2018/05/01/slam-em-libras-poesia-surda/>; Disponível em: <https://www.ufrgs.br/artedesinalizar/>; <https://festivaldefolclore-surdo.com/> Acesso em: 28 dez.2023.

¹⁴ Neste evento esportivo, que ocorre a cada competição, destaca-se a valorização do atleta como participante nos esportes voltados para a comunidade surda, tanto no Brasil quanto na América e internacionalmente, como nas Surdolimpíadas. Disponível em: <https://cbds.org.br/cbds/>; Disponível em: <https://panamdes.com/>; Disponível em: <https://www.deaflympics.com/> Acesso em: 28 dez.2023.

¹⁵ A cultura surda se assemelha a um encontro de olhares entre pessoas surdas, estabelecendo conexões com outros surdos e envolvendo-se na aquisição, produção e consumo de línguas de sinais. Este processo ocorre em diferentes formas de contação de histórias, promovendo, assim, um contato literário surdo. Para mais informações. Disponível em: <https://culturasurda.net> Acesso em: 28 dez.2023.

A LSE está intrinsecamente ligada à cultura surda espanhola, a qual possui características culturais e históricas específicas. Diferentemente de uma simples tradução da língua espanhola, a LSE é uma língua independente, dotada de sua própria gramática e estrutura linguística única. Assim como qualquer outra língua de sinais, ela se destaca por suas regras gramaticais próprias e nuances linguísticas específicas. É importante destacar isto, pois este trabalho ajuda a evidenciar as especificidades de duas línguas de sinais por meio de contraste.

A cultura surda espanhola é forjada em torno da comunidade de surdos do país, destacando valores de solidariedade, compartilhamento de experiências e compreensão mútua entre seus membros. Na Espanha, eventos culturais específicos para a comunidade surda, como festivais teatrais em LSE e conferências sobre a cultura surda, oferecem espaços de celebração dessa língua e dessa cultura. A abordagem educacional bilíngue, que contempla o ensino tanto em LSE quanto em espanhol, é uma estratégia crucial para atender às necessidades dos estudantes surdos da Espanha, garantindo seu pleno desenvolvimento em ambas as línguas. Portanto, tal como ocorre com a Libras no Brasil, a LSE não é apenas uma língua de sinais, mas também um elemento vital da cultura surda espanhola, desempenhando papel central na vida e na identidade dos surdos na Espanha.

O respeito à diversidade linguística e cultural das comunidades surdas é essencial para fomentar uma sociedade inclusiva e promover a igualdade de oportunidades. Como entre ouvintes, nas comunidades surdas, o conhecimento da língua de sinais, as tradições culturais e os valores são frequentemente transmitidos de geração em geração. Essa transmissão ocorre principalmente por meio da interação de pessoas surdas, incluindo pais, avós e outros membros da família que são surdos. Segundo Perlin (2013, p. 63):

Estão presentes no grupo pelo qual entram os surdos que fazem uso com experiência visual propriamente dita. Noto nesses surdos formas muito diversificadas de usar a comunicação visual. No entanto, o uso da comunicação visual caracteriza o grupo levando para o centro do específico surdo. Wrigley (1996, p. 25), tenta descrever o mundo surdo como “um país cuja história é reescrita de geração a geração... As culturas dos sinais bem como o “conhecimento” social da surdez são necessariamente ressuscitados e refeitos dentro de cada geração

A diferença linguística e cultural entre a Libras e a LSE é comparável à diferença entre qualquer outra língua de sinais e a língua falada do país em que são usadas. Assim como as línguas faladas, as línguas de sinais evoluem e se desenvolvem em resposta às necessidades e experiências das comunidades que as utilizam. Elas também refletem a cultura, a história e as tradições das comunidades surdas em seus respectivos países, por exemplo, ao criar lexias que respondam a novas realidades, como PANDEMIA ou COVID.

CAPÍTULO II

LINGUÍSTICA CONTRASTIVA

A Linguística Contrastiva, enquanto campo teórico se destaca como um ramo do saber que sempre foi relacionado com o processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. E é nesta mesma linha que a presente tese a adota, aproveitando a possibilidade de contrastar estruturas lexicais da Libras e estruturas da LSE. Definiu-se como recorte temático e analítico privilegiar os sinais do campo semântico em contexto acadêmico em línguas de sinais ensino/acadêmico, e é neste contexto que se pretende aprofundar os conhecimentos da LSE e, também, aplicar a metodologia da Linguística Contrastiva (LC).

2.1 LINGUÍSTICA CONTRASTIVA NO ÂMBITO DA LIBRAS E DA LSE

A LC envolve diversas áreas, entre elas a Psicolinguística e a Sociolinguística, embora os estudos contrastivos se concentrem no ramo da Linguística Aplicada. A LC se debruça principalmente sobre a aprendizagem de Línguas Estrangeiras (LE), pois considera as estruturas da língua materna (LM).

O indivíduo, em posse de sua língua materna, tem base para aprender qualquer outra LE com a prerrogativa de contrastar as línguas como bagagem linguística, cultural e social (Santos, 2019). Sendo assim, a LC visa auxiliar e oferecer suporte teórico para promover intervenções significativas durante os processos de ensino e aprendizagem, uma vez que os aprendizes podem estar envolvidos na prática, utilizando melhor os recursos desenvolvidos em sala de aula, facilitando o conhecimento, assim como o processo de transferência e interferência linguística, os modelos de AC, AE e Análise de IL, entre outros que descrevem esses fenômenos (Santos, 2019).

Durão e Canato (2013, p. 4) afirmam que:

[...] a Linguística Contrastiva investiga a estrutura das línguas em questão, o que indica o seu caráter linguístico. Elas também explicam que por pretender compreender o processo de aprendizagem da LE como um todo, a Linguística Contrastiva também tem caráter psicológico.

Identificar e investigar a estrutura das línguas estrangeiras e compreender o processo de ensino e aprendizagem é um aspecto fundamental, pois permitem ao estudante reconhecer os padrões gramaticais das línguas. Ao abordar aspectos psicológicos no processo de aprendizagem de uma nova língua, também são consideradas as estratégias cognitivas e os processos mentais que influenciam a aquisição linguística.

Historicamente, os estudos linguísticos sobre as Línguas de Sinais tiveram origem na década de 1960, com a pesquisa pioneira de William Stokoe, intitulada *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf*. Esse trabalho impulsionou as pesquisas acadêmicas e conferiu legitimidade às Línguas de Sinais como uma modalidade linguística válida no campo da Linguística.

No contexto brasileiro, as pesquisas sobre a Libras iniciaram-se na década de 1980, com a formação de grupos de estudo na área da Linguística. Esses trabalhos foram desenvolvidos em articulação com o movimento social surdo, contribuindo para o reconhecimento e a sistematização dos estudos sobre a Libras (Brito, 1998).

Entre as principais contribuições nesse campo, destaca-se a obra de Quadros e Karnopp (2004), que aborda os estudos linguísticos da Libras por meio da LC. Essa abordagem compara a estrutura da Libras com a da língua oral portuguesa, demonstrando como os sistemas linguísticos se concretizam na língua sinalizada. Esse método reflete a proposta inicial de Stokoe, que contrastou a Língua de Sinais Americana (ASL) com a língua oral inglesa, evidenciando sua complexidade e estrutura linguística própria.

Eckert (2019, p. 69) destaca que a LC:

[...] tem como objetivo primordial, observar os efeitos que as diferenças e as semelhanças existentes na estrutura da língua materna, em confronto com as de outra língua, produzem na aprendizagem de uma LE ou segunda língua.

Neste ponto, é crucial analisar as diferenças e semelhanças no processo de aprendizagem de uma segunda língua e examinar os elementos linguísticos que influenciam a estrutura dessas línguas. Esse autor complementa essa preocupação com a dimensão pedagógica, destacando a importância de se considerarem métodos e abordagens que possam garantir sucesso na aprendizagem. Ele ressalta que esse campo teórico “apresenta uma preocupação pedagógica, isto é, ele se ocupa em como uma língua estrangeira (LE) pode ser ensinada para que os aprendizes tenham êxito” (Eckert, 2019, p. 67-68).

Durão (2005, p. 8-9) explica que a LC é “uma teoria linguística que confronta uma língua à outra, buscando identificar as semelhanças e diferenças entre elas”.¹⁶ Esta teoria e os trabalhos prévios feitos por esta estudiosa no âmbito da LC são relevantes para a pesquisa que estamos desenvolvendo. Gargallo (1993) também explica que a LC teórica dá conta exhaustivamente das diferenças e semelhanças entre duas ou mais línguas e oferece um modelo adequado para estabelecer o contraste e determinar quais elementos são contrastáveis.

¹⁶ Tradução livre da língua Espanhol: “[...] *una teoría lingüística que enfrenta una lengua a otra, buscando identificar las similitudes y las diferencias existentes entre ellas*”.

Lado (1957), pioneiro nas pesquisas da LC, publicou com Charles C. Fries, na década de 50, a obra *Linguistics Across Cultures: Applied Linguistics for Language Teachers*, com o objetivo de analisar contrastivamente as etapas ou estágios do ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira como segunda língua, conforme aponta Andrade (2011).

No Brasil, um dos primeiros registros que se utilizaram da LC surgiu na coletânea “Tópicos de Linguística Aplicada”, organizado por Bohn e Vandresen, no ano de 1988 (Andrade, 2011). Para Bohn e Vandresen (1988), cujas pesquisas se centraram na “Linguística Contrastiva e Ensino de Línguas Estrangeiras”, na década de 80, o objetivo principal dos estudos era a Análise Contrastiva (AC). Nesse contexto, eles apresentaram análises e teorias sobre os erros na segunda língua dos estudantes com o intuito de promover a aprendizagem de línguas estrangeiras. Mais recentemente, as obras de autores como Lado (1971), Fernández, (2003, 2004), Durão (2004b; 2004c; 2007; 2009; 2011; 2012; 2014a; 2014b; 2015a; 2015b; 2016; 2018) e Andrade (2011) desenvolveram estudos sobre a teoria e a prática da Linguística Contrastiva.

Os estudos de Durão foram relevantes porque começaram a ser desenvolvidos quando havia no Brasil uma grande carência de pesquisa nesta área. Graças aos seus estudos, aumentou-se a possibilidade de sustentar pesquisas preocupadas em contrastar línguas e a culturas nativas com as línguas e a culturas estrangeiras, objetivando a quebra de obstáculos que podem surgir nos processos de aquisição de LE. De acordo com Durão (2007), para além da preocupação didático-pedagógica e dos parâmetros contrastivos, a LC também se debruça sobre as variantes de uma mesma língua, alicerçando os seus pressupostos na observação de sistemas interlinguísticos (relação entre línguas) e na intralinguística (no estudo das variantes de uma mesma língua). Essa autora também explica que há mais estudos sobre sistemas linguísticos próprios de aprendizes de LE tendo a LM como base que estudos sobre variantes linguísticas.

Dentro desse campo de estudo, é necessário esclarecer a diferença entre a Linguística Contrastiva e a Linguística Comparativa, pois ambas apresentam terminologia confusa. De acordo com Eckert (2019, p.70):

[..] A diferença entre elas consiste em dois pontos principais: a gramática histórico-comparativa compara línguas procurando uma matriz comum e acompanha o desenvolvimento histórico de cada língua no seu distanciar-se e diferenciar-se da própria matriz (o seu objetivo é encontrar a matriz comum); a Linguística contrastiva compara e confronta duas línguas, uma vez que o seu fim último é a pesquisa para buscar solução para os problemas de aprendizagem e a elaboração de uma estratégia didática [..]

A Gramática Histórico-Comparativa procura atuar na temporalidade histórica,

movimentando-se na busca de semelhanças entre línguas; já a LC assume um caráter aplicado, pois se volta, sobretudo, para o ensino de LE e “[...] se interessa predominantemente pelo uso prático das formas no processo da comunicação” (Katerinov, 1980 *apud* Eckert, 2019, p. 70). Gargallo (1993, p. 26) explica que “A linguística comparativa estuda as línguas com o objetivo de estabelecer relações genéticas entre elas”, portanto, o objetivo da linguística comparada ou comparativa é comparar os aspectos formais da Gramática Histórico-Comparativa, analisando a fonética, morfologia e sintaxe de duas línguas ou mais de duas línguas, destacando as semelhanças e diferenças de uma única forma comum e original que evoluíram de maneiras diferentes. No caso da Linguística Contrastiva, ela se volta para a pesquisa no eixo sincrônico para auxiliar os sistemas linguísticos da aprendizagem de língua estrangeira, descrevendo diferenças e semelhanças entre as línguas estudadas.

Gargallo (1993, p. 30) explica que a LC:

[...]desenvolveu pesquisas sérias e científicas sobre o processo de aprendizagem de uma segunda língua. Esta orientação de investigação cristalizou-se em três modelos de análise que, pela sua personalidade e idiosincrasia, devem ser tratados separadamente: análise contrastiva, análise de erros e interlinguagem.

Embora o foco deste trabalho recaia sobre o modelo de Análise Contrastiva, destaca-se que na LC há três modelos de análise. Os modelos de análise nesta teoria se classificam em: Análise Contrastiva, o modelo Análise de Erros e Análise de Interlíngua.

Aplicando o ponto de vista defendido por Durão (2004) para a LC, a língua de sinais, que é a língua materna dos surdos e, portanto, a base para a aquisição de qualquer outra língua que um surdo venha a adquirir posteriormente, interfere no processo de ensino e aprendizagem de qualquer outra língua, seja esta língua oral ou gestual-visual. Assim sendo, a LC pode contribuir para o aprendizado de línguas estrangeiras.

A LC, além de desempenhar papel fundamental na elaboração e aplicação de dicionários, é essencial como recurso complementar para estudantes de línguas estrangeiras, conforme destacado por Bevilacqua (2006) e que será tratado mais adiante nesta tese. Além disso, sua relevância transcende o campo do ensino de idiomas, revelando potencial teórico significativo na compreensão linguística, particularmente quando aplicada às línguas de sinais, como a Libras e a LSE.

2.1.1 Análise Contrastiva

O modelo de Análise Contrastiva ganhou destaque na década de 60 e, com o passar

dos anos, foi perdendo vigência devido ao surgimento de novas compreensões em torno da aprendizagem das línguas. Muito embora isso tenha ocorrido, a AC tem sido ressignificada e atualizada depois que os estudiosos contrastivistas começaram a se distanciar das perspectivas estruturalistas e das teorias comportamentalistas. Durão (2007 *apud* Andrade, 2011) afirma que a Análise Contrastiva foi alvo de várias críticas, entre elas:

a) a ideia de que a língua não é conjunto de hábitos automatizados; b) a afirmação de que todas as estruturas diferentes da LM invariavelmente provocariam dificuldades de aprendizagem; c) a suposição de que a interferência é o único fator que levava os aprendizes a cometerem erros.

Com o afastamento das visões estruturalistas e graças à influência das teorias de Chomsky (2008), os estudiosos de Análise Contrastiva começaram a abrir espaço para um novo modelo de Análise de Erros (AE), que não enxerga os erros dos aprendizes de LE como fator negativo, mas os considera como parte do processo de aprendizagem na aquisição linguística.

No séc. XX, muitos autores (Fernández 2003; 2004, Durão, 2004b; 2004c; 2005; 2007; 2009; 2011; 2012; 2014a; 2014b; 2015a; 2015b; 2016; 2018, Andrade, 2011), desenvolveram estudos na Linguística Contrastiva como instrumento de pesquisa para melhorar a percepção dos equívocos ou erros na aprendizagem na produção das línguas, pois nem todos os erros de aprendizagem de LE ocorrem devido à interferência da LM na aprendizagem LE. Gargallo (1993, p. 33) cita que:

Um contraste linguístico deste tipo pode levar à determinação das diferenças e semelhanças entre as duas línguas e, como resultado, as áreas de dificuldade poderão ser apontadas e os problemas que o aluno enfrentará no seu processo de aprendizagem poderão ser previstos, utilizando os resultados para correção e elaboração de programação, materiais didáticos e técnicas instrucionais.

A LC na língua oral é uma ferramenta útil para identificar dificuldades de aprendizagem de línguas estrangeiras (LE), que levam a erros sistemáticos auxiliando na compreensão de que os erros são parte do processo de aprendizagem de uma língua, os quais, muitas vezes são causados pela interferência da língua materna (LM). Identificando semelhanças e diferenças, torna-se possível, segundo esse modelo, prever algumas das dificuldades que os alunos terão e ajustar a metodologia de ensino, os materiais didáticos e as técnicas de instrução.

Nesse sentido, é significativo para comprovar que as línguas de sinais são, de fato, línguas naturais, assim é possível analisar a LC em línguas de sinais como nas línguas faladas.

Abaixo serão apresentados alguns exemplos de pesquisas em Análises Contrastivas

dos falantes de LS que desenvolveram o aprendizado de uma segunda língua escrita e das línguas de sinais da modalidade visual-espacial.

Em primeiro lugar, destaca-se que a aprendizagem de línguas de sinais, tanto para surdos quanto para ouvintes, envolve processos singulares de aquisição, pois no caso de surdos pode haver erros de escrita de português (segunda língua para estes sujeitos) ou mesmo erros de sinalização de outra língua de sinais, diferentemente de sua língua materna (por exemplo, um surdo sinalizante da Libras que aprende ASL ou LSE) ou outras línguas de sinais.

Para ouvintes, as línguas de sinais constituem a sua segunda língua (L2), podendo ocorrer erros de sinalização próprios de um sujeito aprendente e que fazem parte do processo de aquisição linguística. Sobre esta questão, Andrade e Durão (2009, p. 29) com base em Vallejo (2005, p. 14), apontam que:

[...] o desenvolvimento do léxico de uma segunda língua começa com a projeção do léxico mental da LM na língua que se está aprendendo, por isso, em alguns casos, a transferência da LM para a LE pode ter êxito, mas, em muitos outros, não, quando o estudante deverá aprender novas formas da nova língua para expressar conceitos já conhecidos em sua LM. Mesmo quando LM e LE compartilham várias unidades léxicas, a aprendizagem da LE é uma atividade complexa, afinal as unidades léxicas de cada língua não têm necessariamente os mesmos sentidos em todos os contextos em cada um desses idiomas, porque aprender o léxico, como vimos insistindo, não consiste somente em projetar uma forma com todos os seus significados sobre outra forma; é preciso aprender a projetar certas acepções das unidades léxicas da LM a formas diferentes da LE, assim como conhecer e incorporar os significados da LE não existentes na LM. Não há, portanto, como negar que o conhecimento precedente interfere no conhecimento procedente, e isso tanto no modo como as unidades léxicas são aprendidas, na forma como se processam e se recuperam, como na maneira como essas unidades léxicas são arquivadas no léxico mental. (p. 29)

O desenvolvimento do aprendizado de uma segunda língua (L2) exige vasto conhecimento e a assimilação de conceitos da LM para a L2, o que representa um desafio especialmente na adaptação e na transferência de novos significados para a L2. Esse processo também se aplica às línguas de sinais, em que o aprendizado pode ser igualmente desafiador. Os aprendizes precisam adquirir a língua de sinais em contextos frequentes de uso, considerando conceitos e estruturas da língua de sinais da nação local. Além disso, é essencial compreender e assimilar as diferenças semânticas e culturais, aprendendo novas formas e significados léxicos específicos dessa língua.

Aspilicueta (2006) fez uma pesquisa baseada na LC e mostrou, por meio de uma AE de aprendizes surdos, erros relacionados ao uso das preposições em textos escritos por surdos em Língua Portuguesa. Há outros pesquisadores que analisam a produção de falantes das línguas de sinais para identificar os tipos de erros que cometem a produzirem textos escritos. Por exemplo, Rocha (2014) desenvolveu uma pesquisa-ação, fez um minicurso de língua

espanhola escrita para participantes/aprendizes surdos e identificou as estratégias de comunicação usadas por eles. Entre as motivações para erros se identificou a transferência interlinguística Libras/português e, também a transferência intralinguística, mediando a utilização da aprendizagem da escrita da língua espanhola e da língua portuguesa.

Silva e Silva (2019) abordaram a análise de erros na produção de sinais por falantes ouvintes aprendendo Libras como segunda língua (L2). Durante essa investigação, foram examinadas as características visuais presentes nos erros intralinguais, observando-se que as narrativas produzidas em Libras frequentemente carecem de elementos visuais importantes, como iconicidade, gestualidade e representatividade, especialmente ao avaliar os erros no uso de verbos manuais no contexto da aprendizagem de L2.

Autores como Napoli *et.al.* (2022) relatam uma pesquisa contrastiva realizada com usuários surdos na qual os participantes narraram as mesmas histórias sinalizadas. O objetivo foi verificar a expressão do alinhamento das articulações da boca em surdos nativos do ASL (Língua de Sinais Americana, usada nos Estados Unidos e no Canadá), da Libras e da Língua de Sinais Alemã (DGS). Os resultados demonstraram uma coordenação entre os movimentos da boca e as articulações manuais, espaciais e temporais, além de sua interação com outras partes do rosto durante a sinalização.

Reis, Pereiro e Quadros (2024) realizaram uma pesquisa sobre o processo referencial na Libras em contraste com a LSE com o objetivo de identificar semelhanças e diferenças nas entrevistas e nas construções de dêiticos-anafóricos nessas duas línguas de sinais. A análise revelou que esses processos apresentam características similares, destacando uma relação simultânea entre dêiticos e anáforas. Além disso, a pesquisa apontou para um hibridismo semântico, lexical e discursivo no uso referencial em ambas as línguas.

Uma pesquisa descritiva conduzida por Castro (2021) analisou os aspectos da fonologia em quatro línguas de sinais: Língua de Sinais Francesa (LSF), Língua Gestual Portuguesa (LGP), Libras e ASL, buscando descrever e contrastar as possíveis lacunas nos sistemas fonológico da Libras e contribuindo para o avanço do conhecimento nessa área. A pesquisa enfatiza a importância de suprir essa defasagem, destacando a relevância de incorporar descobertas fonológicas em cursos de Letras-Libras, promovendo uma formação acadêmica mais sólida e abrangente.

A LC das línguas de sinais oferece *insights* valiosos que podem enriquecer e aprimorar os estudos linguísticos relacionados às línguas de sinais, proporcionando uma base sólida para a ampliação e aprofundamento das pesquisas em diversas outras linhas de estudo.

2.1.2 Análise de Erros

É amplamente reconhecido nos estudos sobre aquisição de línguas que o processo de aprendizagem não ocorre de forma linear nem isento de erros, hesitações ou reformulações provisórias. Conforme postula Corder (1967), os erros produzidos pelos aprendizes não devem ser interpretados como simples falhas de desempenho, mas como evidências do funcionamento do sistema linguístico em construção, revelando as hipóteses formuladas pelo aprendiz sobre a língua-alvo. Para o autor, o erro possui valor descritivo, explicativo e pedagógico, pois permite acessar o estágio de desenvolvimento linguístico do aprendiz e compreender os mecanismos cognitivos envolvidos na aprendizagem. No contexto da formação de professores e pesquisadores de línguas de sinais, essa perspectiva assume especial relevância, considerando as especificidades estruturais, visuais e gestuais dessas línguas, bem como os diferentes percursos de aquisição de seus usuários.

Nesse cenário, a análise de erros configura-se como um instrumento central de investigação e avaliação do processo de ensino-aprendizagem. Longe de assumir um caráter meramente corretivo ou normativo, essa abordagem possibilita compreender como o aprendiz constrói e reformula hipóteses linguísticas ao longo do desenvolvimento de sua competência linguística. Em consonância com Corder (1967), Richards (1971) aprofunda essa discussão ao sistematizar as principais fontes dos erros, destacando a interferência da língua materna, a generalização excessiva de regras da língua-alvo e as estratégias de aprendizagem e comunicação mobilizadas pelos aprendizes. Essa sistematização é fundamental tanto para o ensino quanto para a descrição linguística, pois permite identificar regularidades nos desvios e compreendê-los como parte constitutiva do processo de aquisição.

Aplicada ao ensino de línguas de sinais, a análise de erros possibilita identificar padrões recorrentes relacionados à configuração de mão, ao movimento, à orientação, à expressão não manual e à organização sintática espacial. À luz das contribuições de Corder (1967) e Richards (1971), tais desvios não devem ser compreendidos como ocorrências aleatórias, mas como dados linguísticos sistemáticos, que indicam tanto o estágio de desenvolvimento do aprendiz quanto as estratégias cognitivas mobilizadas no processo de aquisição. Esses erros podem sinalizar interferências da língua oral dominante, dificuldades próprias da modalidade visuoespacial ou generalizações excessivas de regras da própria língua de sinais (Quadros; Karnopp, 2004).

Além do campo do ensino, a análise de erros revela-se igualmente relevante para a lexicografia bilíngue, especialmente quando articulada à linguística contrastiva. Nesse sentido,

Durão (2009) destaca a importância da análise contrastiva sistemática entre línguas na elaboração de dicionários bilíngues mais precisos, defendendo que o levantamento e a interpretação de erros recorrentes de aprendizes constituem uma fonte privilegiada para a identificação de falsos cognatos, lacunas lexicais, equivalentes parciais e divergências fraseológicas. Ao focar a relação entre Português e Espanhol, a autora evidencia como a análise de erros contribui para o aprimoramento da descrição lexicográfica, sobretudo no que se refere à precisão semântica e funcional dos equivalentes propostos.

Ainda segundo Durão (2009), o uso de corpora paralelos e comparáveis permite observar o funcionamento real das unidades lexicais em contexto, superando abordagens intuitivas ou meramente normativas. Essa perspectiva mostra-se particularmente produtiva quando integrada à análise de erros, pois possibilita verificar de que modo determinadas escolhas lexicais inadequadas refletem assimetrias estruturais entre as línguas envolvidas. Tal abordagem pode ser estendida à lexicografia bilíngue envolvendo línguas de sinais, especialmente na elaboração de dicionários Libras–Português, nos quais a identificação de erros recorrentes pode auxiliar na definição de equivalentes mais adequados, na descrição de usos pragmáticos e na representação de estruturas fraseológicas visuoespaciais.

Além de permitir uma avaliação global do desempenho da turma, a análise de erros favorece um acompanhamento individualizado do aprendiz, auxiliando o professor e o lexicógrafo na elaboração de intervenções pedagógicas e descrições linguísticas mais adequadas. Conforme defendem Quadros e Karnopp (2004), compreender os erros como parte constitutiva do processo de aquisição da Libras contribui para práticas pedagógicas e lexicográficas mais inclusivas e linguisticamente fundamentadas.

Do ponto de vista metodológico, a análise de erros também promove uma reflexão crítica sobre diferentes concepções de ensino e descrição linguística. Em abordagens tradicionais, o erro costuma ser associado à incapacidade ou ao fracasso do aprendiz. Em contraste, a perspectiva inaugurada por Corder (1967), sistematizada por Richards (1971) e ampliada por Durão (2009) redefine o erro como um recurso analítico fundamental, tanto para o ensino de línguas quanto para a elaboração de instrumentos lexicográficos mais sensíveis às diferenças interlinguísticas e interculturais. No campo da Educação de Surdos e da lexicografia em línguas de sinais, essa mudança de olhar é essencial, uma vez que envolve não apenas aspectos linguísticos, mas também dimensões culturais, identitárias e funcionais do uso da língua (Lodi, 2013).

Assim, ao reconhecer o erro como etapa natural e necessária do desenvolvimento linguístico e como fonte de dados para a linguística contrastiva e a lexicografia bilíngue, o

professor e o pesquisador assumem um papel ativo na mediação do conhecimento, favorecendo práticas pedagógicas e descritivas alinhadas às concepções contemporâneas da Linguística Aplicada.

2.1.3 Análise de Interlíngua

A análise da interlíngua representa um dos pilares fundamentais nos estudos sobre aquisição de segunda língua (L2), ao focalizar o sistema linguístico intermediário construído pelo aprendiz. Conforme delineado por Selinker (1972), a interlíngua configura-se como uma gramática autônoma, caracterizada por regras idiossincráticas, que surge durante o processo de aprendizagem e se diferencia tanto da língua materna (L1) quanto da língua-alvo (L2). Essa abordagem permite um acesso indireto aos mecanismos cognitivos subjacentes à construção do conhecimento linguístico, deslocando o paradigma avaliativo de uma perspectiva normativa para uma compreensão dinâmica do desenvolvimento linguístico.

Analiticamente, a interlíngua não deve ser interpretada como um aglomerado de produções errôneas, mas como um sistema estruturado e sistemático, cuja organização interna pode ser elucidada por meio da identificação de padrões recorrentes nas manifestações linguísticas do aprendiz. Selinker (1972) enfatiza que esses padrões refletem processos psicolinguísticos específicos, incluindo a transferência linguística, a sobre generalização de regras, as estratégias de aprendizagem e as estratégias de comunicação. Assim, a análise interlinguística visa mapear regularidades nesses fenômenos, conceituando-os como expressões válidas do funcionamento do sistema intermediário.

Ellis (1997) expande esse *framework* ao inserir a análise da interlíngua em uma perspectiva cognitiva da aquisição de línguas. Para o autor, o desenvolvimento interlinguístico pode ser examinado mediante a observação da variabilidade, estabilidade e reorganização das produções do aprendiz ao longo do tempo. Nesse contexto, estudos longitudinais revelam como formas linguísticas emergem, competem e, progressivamente, se consolidam ou são reestruturadas no repertório do aprendiz. A variabilidade observada não denota inconsistência inerente, mas sim diferentes graus de ativação cognitiva e níveis de automatização das representações linguísticas.

Ademais, a análise da interlíngua ilumina o fenômeno da fossilização, conceituado por Selinker (1972) como a estabilização de formas não-alvo no sistema do aprendiz. Ao detectar padrões fossilizados, essa análise fornece elementos para explicar a persistência de desvios

apesar de exposição prolongada à L2, destacando constrangimentos cognitivos, funcionais ou contextuais no processo aquisitivo. Ellis (1997) complementa essa discussão ao relacionar a fossilização à frequência de uso, à natureza do input e às condições de processamento cognitivo, enriquecendo assim a compreensão dos limites da plasticidade linguística.

No âmbito das línguas de sinais, a análise da interlíngua adquire contornos peculiares, dado o envolvimento de modalidades linguísticas distintas. Ao examinar a interlíngua de aprendizes de línguas de sinais, constata-se a formação de sistemas intermediários que amalgamam elementos da língua oral dominante, gestos espontâneos e estruturas parciais da língua-alvo. Essa análise permite identificar padrões interlinguísticos concernentes à configuração manual, ao movimento, à orientação espacial, ao emprego de expressões não manuais e à sintaxe visuoespacial, elucidando como o aprendiz reestrutura cognitivamente sua competência para operar em uma modalidade visuoespacial.

Sob a ótica cognitiva de Ellis (1997), a análise interlinguística em línguas de sinais facilita a compreensão de como o aprendiz elabora representações mentais para categorias gramaticais espacializadas e como essas representações evoluem temporalmente. Dessa maneira, transcende a mera descrição de desvios formais, investigando a reorganização do sistema intermediário perante as demandas estruturais da L2.

Portanto, ancorada nas contribuições seminais de Selinker (1972) e Ellis (1997), a análise da interlíngua consolida-se como um instrumento teórico-metodológico indispensável para a elucidação do desenvolvimento linguístico, particularmente em cenários de aquisição de línguas de sinais. Ao conceber a interlíngua como um sistema cognitivo legítimo e suscetível de escrutínio, essa abordagem propicia descrições mais precisas dos processos aquisitivos, fornecendo fundamentos robustos para a pesquisa linguística em contextos bilíngues e multimodais.

Complementarmente, Durão (2004) examina erros frequentes entre aprendizes de línguas românicas, expondo desafios inerentes ao processo e contribuindo para o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Em sua obra demonstra os trajetos linguísticos adotados por falantes de espanhol em aquisição de português e vice-versa, valendo-se da Linguística Contrastiva e de modelos como a Análise Contrastiva, a Análise de Erros e a Interlíngua. Essa análise revela como aprendizes não iniciantes produzem linguagem influenciada pela proximidade tipológica entre as línguas, oferecendo uma riqueza de materiais aplicáveis à preparação de aulas de Espanhol como Língua Estrangeira, especialmente para alunos com dificuldades específicas. Para o professor de línguas estrangeiras, essa leitura aprimora o repertório teórico-prático, fomentando intervenções pedagógicas mais eficazes.

A compreensão dos diversos tipos de análise contrastiva especificamente a análise contrastiva propriamente dita, a análise de erros e a análise da interlíngua oferece uma oportunidade estratégica para outros pesquisadores aprofundarem as bases teóricas dessas abordagens no contexto das línguas de sinais. Tal aprofundamento não apenas revelará descobertas inovadoras sobre padrões linguísticos visuoespaciais, mas também realçará a riqueza estrutural, a complexidade semântica e a autonomia das línguas de sinais, como a Libras e a LSE, promovendo sua valorização científica e cultural como sistemas linguísticos plenos e naturais.

A Lexicografia em Libras, a metodologia restringe-se estritamente à análise contrastiva lexical, alinhada de forma coerente ao corpus selecionado, composto por dicionários existentes e registrados Libras e LSE. Essa delimitação permite uma comparação sistemática das estruturas lexicais e semânticas entre as duas línguas naturais, identificando equivalentes, variações iconográficas, composições morfológicas e nuances conceituais que reflitam influências culturais ou históricas. Assim, o estudo não abarca outras modalidades de análise (como análise de erros em produções aprendizes ou análise interlinguística longitudinal), justificando-se exclusivamente pela análise contrastiva lexical, a qual subsidia diretamente o desenvolvimento de dicionários digitais inclusivos, precisos e adaptados às demandas educacionais e comunicativas.

CAPÍTULO III

LEXICOGRAFIA BILÍNGUE EM LÍNGUAS DE SINAIS

A lexicografia bilíngue em línguas de sinais é uma área de estudo que se dedica à compilação, documentação e análise dos sinais utilizados em diferentes línguas de sinais, como a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua de Sinais Espanhola (LSE). Este capítulo aborda os princípios teóricos e metodológicos da lexicografia, destacando a importância dos dicionários bilíngues como ferramentas essenciais para a comunicação e educação das comunidades surdas. Além disso, são discutidos os desafios e avanços na criação de dicionários que atendam às necessidades específicas dos usuários de línguas de sinais, promovendo a inclusão e o acesso ao conhecimento. A análise contrastiva entre Libras e LSE é apresentada como uma abordagem inovadora para o desenvolvimento de materiais lexicográficos de qualidade.

3.1 LEXICOGRAFIA GERAL: O CONCEITO

Na perspectiva dos estudos linguísticos, a Lexicografia é compreendida como uma área de estudos dedicada ao léxico, responsável por organizar repertórios lexicais, elaborar dicionários e realizar estudos e avaliação do desenvolvimento das obras lexicográficas. Segundo Polguère (2018, p. 238), a Lexicografia é “a atividade de redação de dicionários”, e isto engloba o estudo e a análise dos textos contidos nos dicionários, os quais são apresentados como uma modelagem do conhecimento lexical. Essa disciplina atinge uma variedade de aspectos, que englobam não apenas dicionários impressos e *online*, mas também bases de dados lexicais.

Welker (2004, p. 11) explica que:

A Lexicografia é uma ciência que se ocupa do estudo científico das técnicas de elaboração de um dicionário, levando em consideração a finalidade de uma obra lexicográfica. No primeiro caso, trata-se uma ciência levando-se em conta a elaboração de um de problema ligado à elaboração de dicionários, da crítica de dicionários, de pesquisa da história da Lexicografia, da tipologia e da pesquisa de uso de dicionários.

No segundo caso essa ciência se divide em duas vertentes: a lexicografia prática, que envolve a efetiva elaboração das obras lexicográficas, e a Lexicografia Teórica ou Metalexicografia, que se dedica ao estudo de questões e problemáticas relacionadas aos

dicionários, tais como sua história, os desafios enfrentados durante a elaboração e seu uso no contexto linguístico (Welker, 2004).

Segundo Seabra (2011, p. 29), até a metade do século XX, a Lexicografia era caracterizada como “a arte de compor dicionários”. Neste contexto, houve um crescimento notável do interesse em investigar e considerar a lexicografia como um tema de pesquisa e análise científica. Zavaglia (2014, p. 123) esclarece que a Lexicografia “[...] é a ciência que repertoria, analisa e organiza sistematicamente as unidades lexicais em um dicionário; é a “arte de se fazer dicionários”. Henriques (2018, p. 15) também fala que a Lexicografia:

[...] é uma disciplina intimamente ligada à Lexicologia. Ela se ocupa da descrição do Léxico de uma ou mais línguas, a fim de produzir obras de referência, principalmente dicionários (em formato impresso ou eletrônico) e bases de dados lexicológicas. Dessa Lexicografia, que estuda todas as questões ligadas aos dicionários (história, problemas de elaboração, análise, uso).

Por outro lado, a Lexicologia, enquanto ramo da linguística dedica-se à investigação científica do léxico, abrangendo o estudo das palavras, seus significados, estruturas e suas interrelações. A Lexicografia tem como objetivo a aplicação prática desse conhecimento na elaboração, compilação, redação e edição de diversos tipos de dicionários, assim como o de criar recursos linguísticos que ajudem os usuários a entenderem e usar efetivamente o vocabulário de uma língua. A compreensão e o uso efetivo do vocabulário de uma língua são fundamentais para estabelecer uma comunicação eficaz. Integrar várias abordagens e práticas diversificadas pode ser benéfico para usuários que buscam entender e utilizar o vocabulário de uma língua.

Segundo Cardoso (2017, p. 22), a Lexicografia é um campo de estudo que apresenta uma definição constituída:

A lexicografia tem por bases teóricas os princípios da organização e estruturação de obras lexicais, como por exemplo, os dicionários e glossários, e vista por uma vertente mais prática, a lexicografia refere-se à produção dessas obras. Pode ser definida também como uma disciplina acadêmica dedicada à produção e escrita de dicionários e glossários, que visa o ensino dos métodos e técnicas na execução destes. Os repertórios lexicográficos auxiliam exatamente no que concerne à descrição do léxico, buscando descrevê-los e organizá-los a nível geral e de especialidade.

Segundo Durão (2018, p. 300), a Lexicografia:

[...] vêm elaborando/consolidando partes da teoria lexicográfica e, desse modo, se [tem alicerçado] um saber estruturado e consensual na tentativa de tirar os dicionários do domínio da improvisação, levando o processo de elaboração de [vocabulários / glossários/ repertórios lexicográficos] / dicionários a patamares científicos.

Na Libras, os estudos lexicográficos têm como propósito investigar, um dos propósitos é elaborar e estruturar, entre outros aspectos, a origem das palavras ou sinais, portanto é fundamental, na elaboração de um dicionário, envolver partes da teoria lexicográfica, discutindo e descrevendo de que modo as palavras se relacionam umas com as outras, buscando aprimorar a compreensão e a prática na elaboração de dicionários e outros tipos de obras lexicográficas.

A teoria lexicográfica abrange uma série de aspectos como a definição de critérios de seleção e organização das entradas lexicais, a descrição dos significados das palavras, a apresentação de exemplos de uso, a indicação de variantes e registros linguísticos, entre outros elementos relevantes para a compreensão e o uso das palavras em um dicionário. Assim, os lexicógrafos dedicam-se ao estudo de unidades lexicais para especializar uma base de elaboração e avaliação, visando à construção de dicionários de qualidade. Segundo Costa e Nascimento (2015, p. 02), “o produto da lexicografia são os dicionários, vocábulos técnico-científicos, vocabulários especializados e congêneres”.

Qualquer obra lexicográfica elaborada e produzida por lexicógrafos pode suscitar críticas ou problemas. Nesse sentido, é preciso usar os preceitos da Metalexicografia como base de qualquer obra lexicográfica. Welker (2004, p. 69) cita que a Metalexicografia “[...] abrange o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários”.

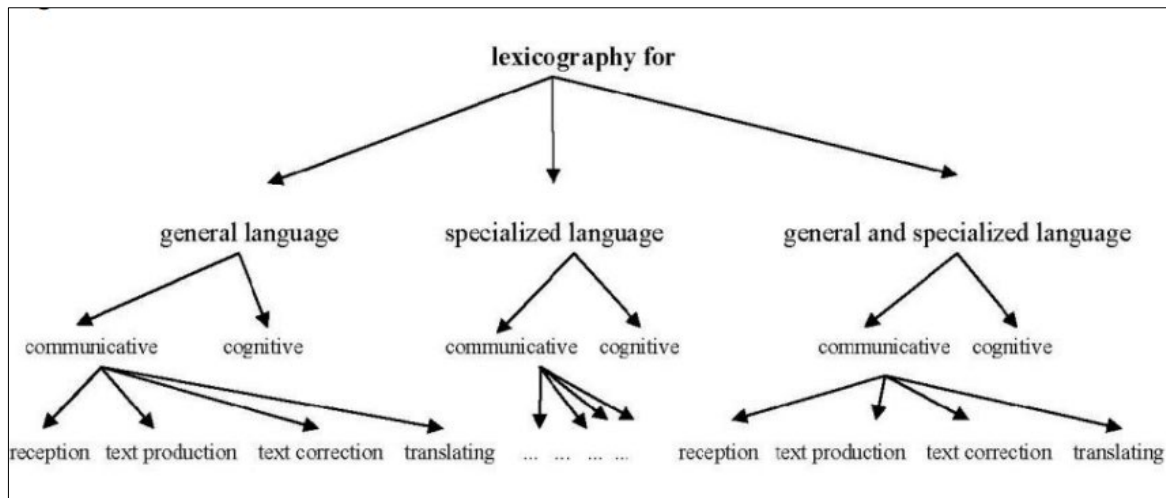
Para esse autor, a Metalexicografia é um ramo da linguística dedicado à análise crítica e reflexiva das questões envolvidas na elaboração de dicionários e outras obras lexicográficas, examinando os princípios, métodos e desafios associados à transformação e modificação na organização dos dicionários, incluindo a seleção e definição das entradas lexicais, assim como as estruturas das obras lexicográficas. Faulstich (2010, p. 170) destaca que a Metalexicografia:

A metalexicografia é um conjunto de operações lexicais que combinam forma e conteúdo para chegar ao significado de uma palavra. Para esse fim, os procedimentos metalexicográficos são de natureza durativa, porque analisam, sob o ponto de vista teórico, os conceitos básicos que servem à Lexicografia, antes de estes serem, na prática, empregados na elaboração de dicionários.

Os processos metalexicográficos definem os conceitos primordiais que fundamentam a Lexicografia antes de serem aplicados na prática para a elaboração de dicionários. Bergenholtz e Gouws (2012) reforçam as definições da Lexicografia, as quais incluem informações comunicativas para os dicionários de uso geral, bem como informações teóricas e críticas elaboradas nos dicionários. Isso é totalmente influenciado pela Linguística, que busca empregar

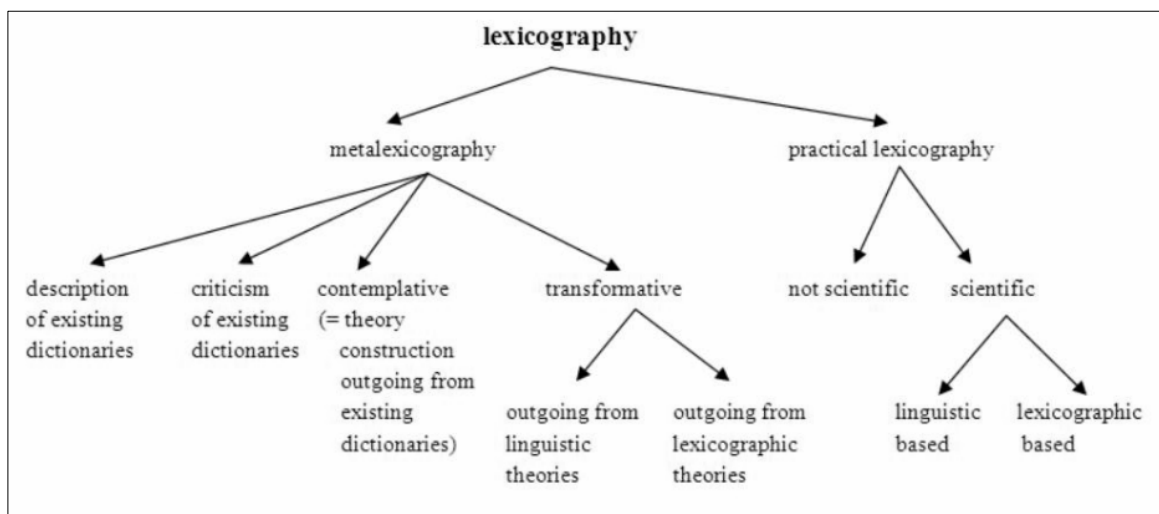
as melhores teorias para o planejamento e compilação dos dicionários. Abaixo há duas figuras exemplificativas sobre a Lexicografia.

Figura 3. A Função da Lexicografia geral



Fonte: Bergenholtz; Gouws (2012, p. 39).

Figura 4. A função da Lexicografia teórica.



Fonte: Bergenholtz; Gouws (2012, p.39).

Muitos pesquisadores do campo da Lexicografia têm ampliado sua análise e investigação. Alguns exemplos notáveis incluem o estudo do dicionário português-brasileiro e a problemática da tipologia de obras lexicográficas, conforme discutido por Cunha e Aguilera (2019). O estudo de Durão (2015) expõe algumas das especificidades da elaboração de um dicionário de falsos amigos português-espanhol. Já a pesquisa de dicionários bilíngues compara

as descrições linguísticas em línguas de sinais, como Libras e ASL, conforme abordado por Capovilla e Martins (2018).

Analisar aspectos teóricos e metodológicos da Lexicografia, investigando questões como a estrutura e a organização de dicionários, seleção, de informações lexicais, o papel dos dicionários na sociedade, entre outros, promove uma reflexão crítica sobre as práticas lexicográficas, visando a aprimorar os métodos de pesquisa e a produção de dicionários.

A reflexão crítica proporcionada pela Metalexigrafia permite identificar desafios e propor melhorias para as obras lexicográficas existentes. Ao longo do tempo, essas obras se expandem e se modificam, de forma a proporcionar maior reconhecimento na área científica e a fornecer informações que facilitam a elaboração para os consultantes.

Outro ponto interessante da Metalexigrafia é a definição dos componentes estruturais típicos dos diferentes tipos de dicionários, os quais são nomeados como microestrutura e macroestrutura. Os dicionários, quanto à sua função didático-pedagógica, seguindo a proposta de Bevilacqua (2006, p.112), apresentam:

[...]os aspectos teóricos referentes à constituição do dicionário como um texto e sua estruturação a partir da superestrutura, macroestrutura e microestrutura, procurando exemplificar as informações apresentadas com os dados coletados.

Essa abordagem possibilita aos consulentes, acadêmicos e profissionais direcionar sua busca para analisar precisamente as descrições e definições do léxico e dos objetos de consulta linguística, com o propósito de aprimorar o conhecimento e a aprendizagem lexicográfica (Bevilacqua; Finatto, 2006).

A superestrutura engloba a organização geral e as seções principais do dicionário, sendo responsável por organizar as informações da obra e proporcionar uma visão panorâmica de sua estrutura. Segundo Arroyo (1997, p. 110, tradução livre):

O dicionário bilingüe, com a representação genérica, responde a uma estrutura textual determinada que se desenvolve, no mínimo, em três níveis que são a superestrutura, a macroestrutura e a microestrutura. A superestrutura compreende a organização geral das informações da obra, considerando as unidades das duas línguas e as informações sobre as duas línguas. A macroestrutura é formada pelo conjunto das entradas selecionadas para a nomenclatura e abrange a seleção, a representação e a ordem como aparecem na obra. E a microestrutura é formada pelo conjunto das informações organizadas em cada verbete¹⁷.

¹⁷*El diccionari bilingüe, com a representació genèrica, respon a una estructura textual determinada que es desenvolupa, com a mínim, a tres nivells que són la superestructura, la macroestructura i la microestructura. La superestructura comprèn l'organització general de la informació de l'obra, tenint en compte que presenta unitats de dues llengües contraposades i informacions sobre les dues llengües. La macroestructura està formada pel conjunt de les entrades que s'han seleccionat per a la seva nomenclatura i abasta tant la selecció mateixa d'aquestes entrades com la seva forma de representació i l'ordre en què apareixen. I la microestructura està*

Além disso, a superestrutura é considerada nos dicionários bilíngues que abrangem duas línguas e inclui informações pertinentes a ambas. Conforme Arroyo (1999, p. 30), a superestrutura é definida como é:

[...]a organização geral da obra, levando em conta que apresenta unidades de duas línguas confrontadas e informações sobre as duas línguas; é descrita pela forma como se organiza e se classifica o conteúdo do dicionário em um número de categorias convencionais de natureza hierárquica.

Polguéré (2018) e Welker (2004) mencionam que a macroestrutura refere-se à organização do corpo do dicionário, que inclui as descrições dos vocábulos, a ordenação alfabética e/ou informações e ilustrações apresentadas no próprio corpo do dicionário. Segundo Arroyo (1999, p.30), a macroestrutura é definida como:

[...] dicionário está formada pelo conjunto das entradas selecionadas para sua nomenclatura e inclui tanto a própria seleção das entradas como a sua forma de apresentação e a ordem em que aparecem. Em relação aos critérios de seleção, deve-se levar em conta que a nomenclatura de um dicionário resulta da aplicação de determinados critérios a partir dos quais se incluem ou se excluem unidades do dicionário.

Assim sendo, a macroestrutura refere se elementos textuais que compõem os itens lexicais nas entradas dos dicionários, estabelecendo a ordenação alfabética dos termos e bem como as combinações selecionadas pelo léxico. Nas palavras de Barros (2004, p. 151), “a organização interna da obra, composta de todas as informações pertinentes aos verbetes e sua organização”.

A Microestrutura consiste nas informações específicas, oferecendo uma visão detalhada e minuciosa das entradas. Ou seja, detalhar e contextualizar o significado, além de incluir as expressões, classe gramatical, variações linguísticas, ilustrações e outros detalhes para compreender o termo de maneira completa. Conforme Barros (2004, p. 156):

[...] a microestrutura compreende a organização dos dados contidos no verbete, ou melhor, o programa de informações sobre a entrada disposto no verbete. Três elementos devem ser levados em consideração, quando da distribuição dos dados na microestrutura: a) o número de informações transmitidas pelo enunciado lexicográfico/terminográfico; b) a constância do programa de informações em todos os verbetes dentro de uma mesma obra; c) a ordem de sequência dessas informações.

Para Carvalho (2001, p. 65), a microestrutura é a parte do dicionário em que “[...] são organizadas todas as informações a serem mencionadas acerca do lema”, incluindo informações como a pronúncia, a classificação gramatical, as definições, os exemplos de uso, as variantes

formada pel conjunt de les informacions organitzades en articles que es donen dels lemes que constitueixen la nomenclatura. (GELPÍ, 1997, P. 110).

de palavras, as formas flexionadas, entre outros detalhes relacionados a cada lema presente no dicionário.

Nas áreas da semântica lexical existem alguns métodos para a construção de dicionários, e a escolha da análise e elaboração é fundamental para o processo como um dicionário visual, que pode ser definido como uma organização de termos ou verbetes acompanhados nas ilustrações, representando visualmente os significados ou conceitos com o objetivo de facilitar a compreensão do léxico. Correia (2009) adota uma abordagem onomasiológica, predominantemente formada por representações visuais de objetos. Tais imagens correspondem a conceitos, tanto concretos quanto abstratos, e fornecem indicações sobre seu campo semântico-conceitual e seus componentes.

A onomasiologia e a semasiologia, conforme Moreira (2010, p.113):

Onomasiologia e a Semasiologia favorecem tanto a lexicologia histórica como a visão estrutural dos fenômenos linguísticos, e atingem a reconstituição histórica, assim como o registro e a riqueza dos falares. Ambas estabelecem estruturas, sendo que a Onomasiologia corresponde à sinonímia, enquanto a Semasiologia se baseia na polissemia e, dessa forma, abrangem a realidade linguística na sua complexidade, levando em consideração os elementos constitutivos e suas regras, pois na língua um mesmo conceito pode ter vários nomes e um mesmo nome pode significar vários conceitos.

A semasiologia dedica-se ao estudo da relação entre o significante (a palavra) e o significado (o conceito) expressos por palavras ou outros sinais linguísticos. Enquanto o dicionário visual opera de maneira onomasiológica, como mencionado anteriormente, partir de um conceito para chegar à palavra ou expressão que o designa, a semasiologia parte das palavras ou expressões para chegar aos seus significados e como esses significados podem evoluir ao longo do tempo ou em diferentes contextos linguísticos. Destaca-se que o dicionário visual concentra-se na representação onomasiológica, explorando como diferentes imagens podem ser utilizadas para expressar ideias ou objetos complexos.

Cada material lexicográfico desenvolvido, seja dicionário impresso ou online, revela alguns problemas, como lacunas significativas, especialmente no que diz respeito à representatividade e inclusividade. Este problema destaca a necessidade de reavaliar e aprimorar o processo de elaboração de dicionários, garantindo que as ferramentas linguísticas elaboradas reflitam com precisão a diversidade cultural, social e linguística de uma população.

Até pouco tempo, a Lexicografia era predominantemente voltada para a criação de ferramentas de informação comunicativa, focando especialmente na elaboração de dicionários de uso geral. Contudo, essa abordagem se tornou limitada, pois ela deixa de abranger diversas ferramentas de informação igualmente cruciais. Aqui nesta tese, a teoria lexicográfica não deve

se restringir exclusivamente à produção de dicionários; ao contrário, ela deve abranger a criação de uma variedade de ferramentas lexicográficas informativas (Bergenholtz, 2012). Acredita-se também que essa abordagem é essencial não apenas para garantir melhores dicionários, mas também para assegurar uma recuperação de informação mais eficiente.

Assim sendo, a pesquisa lexicográfica promove o aprimoramento da Lexicografia, levando à produção de um recurso lexicográfico de qualidade que pretende atender às necessidades dos usuários e contribua para o desenvolvimento dos estudos linguísticos.

3.2 LEXICOGRAFIA EM LÍNGUAS DE SINAIS

A Lexicografia em línguas de sinais refere-se à prática de compilar, documentar e estudar o vocabulário expresso por meio de sinais específicos das línguas de sinais. Tanto as línguas de modalidades orais quanto as línguas de sinais, como dito anteriormente, possuem léxicos ricos e complexos que evoluem e se desenvolvem ao longo do tempo. Ambos os tipos de línguas têm uma ampla variedade de palavras, sinais e expressões que são utilizadas para comunicar uma gama completa de significados. A complexidade não está apenas na quantidade de palavras ou de sinais, mas também na forma como essas palavras e esses sinais são utilizados, combinados e adaptados para diferentes situações e contextos. Conforme Zwitterlood (2010, p. 444, tradução livre¹⁸):

[...] a Língua de Sinais pode ter uma estrutura complexa em que a língua falada tem uma palavra simples e vice-versa, sendo muitas vezes bastante difícil fazer uma tradução sinal por palavra ou palavra por sinal. Por último, os lexicógrafos de línguas de sinais têm de ultrapassar o legado de uma tradição de compilação (inadequada) de dicionários de línguas de sinais feita por não profissionais.

A importância da Lexicografia em línguas de sinais é crucial para aprimorar a produção de dicionários. Geralmente, alguns dicionários bilíngues em línguas de sinais entre o Português e a Libras compilados há anos eram utilizados principalmente por professores e familiares que precisavam se comunicar com falantes de sinais. Nesse tipo de materiais era frequente a presença de erros de sinalização, pois o léxico em sinais era apresentado de forma impressa por campos semânticos, o que não facilitava a visualização de um parâmetro gramatical importante, que era o movimento. Zwitterlood (2010) destaca que a maioria dos dicionários de línguas de

¹⁸ “[...] sign language may have a complex structure where the spoken language has a simple word and vice-versa, it is often rather difficult to give a sign-for-word or word-for-sign translation. Finally, sign language lexicographers have to overcome the legacy of a tradition of (inadequate) compilation of sign language dictionaries set by non-professionals”.

sinais, num passado recente foi elaborada por professores, os quais inseriram palavras e verbetes correspondentes a cada sinal e vice-versa. Contudo, esse método apresenta problemas de compreensão e falta de informação.

Outra situação que a autora Martins (2020, p. 46) aponta é relativa à elaboração de um dicionário monolíngue:

[...]projetar ou implementar um dicionário monolíngue de língua de sinais não é uma tarefa fácil, uma vez que exige do lexicógrafo pensar em um design de léxico que seja pesquisável e ainda se perguntar se existiria outra maneira de torná-lo mais acessível.

Atualmente, o desafio não está na dificuldade de elaborar dicionários em Línguas de Sinais, mas em como registrar sinais em uma base de dados padronizada que possibilite a consulta por diversos tipos de usuários, fluentes ou aprendizes em nível inicial. Isso proporciona aos profissionais lexicógrafos uma perspectiva de criação de dicionários que atendam às especificidades de seus usuários destacando as características da Língua de Sinais, contribuindo para uma melhor compreensão dos usuários consulentes. Outro desafio é o registro e circulação de dicionários em línguas de sinais voltados para o público infantil/ensino fundamental. Conforme Vieira, Boldo e Souza (2023, p. 233):

[...] o dicionário é uma ferramenta robusta capaz de auxiliar no processo de aquisição e ensino-aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (Libras), língua de constituição das pessoas surdas, e da Língua Portuguesa, língua oficial do país, linguisticamente classificadas como primeira e segunda língua respectivamente, sendo esta última, ensinada na modalidade escrita.

Para os autores referenciados, a diversidade na tipologia das obras lexicográficas Libras ainda é bastante restrita. Neste sentido, os autores advogam pela necessidade de ampliar a tipologia de repertórios lexicográficos, focando nas crianças como um potencial público consulente. Tendo em vista a inexistência de dicionários voltados para esse público no Brasil no estudo realizado por Vieira, Boldo e Souza (2023), foram selecionados três dicionários infantis de línguas de sinais de outros três países no intuito de realizar uma análise estrutural dessas obras, mais especificamente no que tange à micro e à macroestrutura. Diante da demanda que se levanta, a pesquisa em questão investe no fomento de uma prática lexicográfica nacional que invista na elaboração de dicionários bilíngues Libras/Português, descritivos na modalidade visual espacial, adequados às necessidades do público infantil e do Ensino Fundamental.

A consolidação da teoria lexicográfica das línguas de sinais envolve a contribuição de pesquisadores e profissionais que se dedicam ao estudo e à prática da lexicografia nessa área. Através desses esforços, busca-se aprimorar os recursos lexicográficos disponíveis,

proporcionando um melhor entendimento das línguas de sinais por seus usuários. Segundo Martins (2012, p. 32):

A lexicografia das línguas de sinais e as pesquisas relacionadas a essa área se configuram como um campo da linguística bastante restrito por sua pouca produção. Boa parte das pesquisas na área se ampararam até então nos estudos genéricos da Linguística, dedicando-se à descrição e coleta de sinais e à organização de dicionários e de manuais em algumas partes do mundo.

As obras lexicográficas em línguas de sinais, tais como dicionários pedagógicos ou dicionários bilíngues, são ferramentas essenciais para aprendizagem de línguas, pois têm a função de registrar, organizar, traduzir e explicar o léxico expresso por meio de sinais. Considerando o registro da Lexicografia em línguas de sinais, Martins (2012, p. 32) cita que:

A lexicografia como conhecemos só se inicia nos tempos modernos na Renascença quando o ser humano ampliou seus horizontes culturais percebendo então a necessidade de aprender línguas. Os registros lexicográficos são grandes contribuições para a aquisição e a divulgação de conhecimento sob a perspectiva social, linguística, cultural e pedagógica, transmitindo e preservando os saberes de um povo (Biederman, 1984). O registro lexicográfico pode ser feito por meio de dicionários ou manuais. Nos dicionários, as entradas são compostas de verbetes ilustrados e ordenados definição. Já nos manuais, as entradas são compostas de verbetes ilustrados e indexados por classe semântica.

A lexicografia em Língua de Sinais envolve a documentação e descrição do léxico (conjunto de palavras e sinais) dessa língua, sendo projetados para fornecer informações sobre o significado dos sinais, uso e variações dos sinais em determinada língua.

Ao estudar a Lexicografia das línguas de sinais é importante ao considerar a forma como os sinais são representados nos dicionários, levando em conta a necessidade de clareza e a adequação das descrições e exemplos. É relevante começar por averiguar se os dicionários são monolíngues ou bilíngues, ou seja, se são focados exclusivamente na língua de sinais ou se apresentam informações em outra língua-alvo.

Os dicionários bilíngues, nesta pesquisa, contribuirão para a proposta específica que se pretende propor para o seguinte público: acadêmicos, profissionais bilíngues e profissionais da tradução e interpretação em Libras, os quais precisam estudar e entender a língua em uso, seus contextos e sua estrutura. A análise das estruturas visa observar os dicionários bilíngues existentes e saber se esses recursos contribuem para um aprendizado também da cultura. Seguindo a proposta da autora de Bevilacqua (2006, p. 108):

Nos centraremos nos dicionários bilíngues, dado que os consideramos como um tipo de dicionário que cumpre a função de estabelecer a conexão entre duas culturas, servindo, desse modo, de mediadores entre as mesmas e caracterizando-se como ferramenta essencial no processo de aquisição de uma LE, principalmente para os principiantes.

Para entendermos como é a organização das estruturas dos dicionários bilíngues, ainda citando Bevilacqua (2006, p.109-110),

[...]A macroestrutura é o conjunto das entradas representadas no dicionário. Já a microestrutura refere-se ao conjunto de informações dadas para cada entrada, podendo ser informações referentes à pronúncia, categoria gramatical, definição, exemplos, indicações de uso, etc. Essas estruturas estão inter-relacionadas, de modo a constituir um conjunto - o próprio dicionário - coeso e coerente.

Um dicionário deve ser uma ferramenta que auxilie os principiantes no processo fluência na língua. Nesse sentido,

Se partíssemos de uma situação ideal e considerássemos os usuários e as funções, deveríamos dispor, na realidade, de quatro dicionários para dar conta de modo eficaz das necessidades específicas de cada usuários. Desse modo, o ideal seria dispor de um: 1) dicionário português-espanhol de produção em espanhol para usuários falantes do português; 2) dicionário espanhol-português de compreensão do espanhol para usuários falantes do português; 3) dicionário espanhol-português de produção em português para usuários falantes do espanhol; 4) dicionário português-espanhol de compreensão do português para usuários falantes do espanhol (Bevilacqua, 2006, p. 115).

A macroestrutura refere-se aos lemas que compõem os dicionários. Já a microestrutura trata de aspectos mais específicos, como a configuração das mãos, expressões faciais e corporais e outros aspectos linguísticos que compõem o dicionário em si. Nos dicionários de Libras e nos de LSE há sinais em ambas as línguas de sinais.

Sobre a macroestrutura, pode-se considerar também que a:

[...] macroestrutura refere-se ao conjunto de entradas selecionadas para a obra. Os critérios de sua seleção, bem como as fontes de onde foram retiradas deveriam, em princípio, estar explicitados já na parte introdutória do dicionário, fato que raramente ocorre nas obras lexicográficas bilíngues que incluem o português e o espanhol. a) Variantes fonéticas/fonológicas; b) Verbos reflexivos; c) Artigos; e) Pronomes; c) preposição d) conjunção g) contrações; h) mudança de classe gramatical; j) Falsos cognatos ou heterossemânticos (Bevilacqua, 2006, p. 123).

A macroestrutura envolve aspectos como a ordem alfabética das entradas, a apresentação das informações lexicais e a estrutura dos verbetes, entre outros elementos.

Já na microestrutura de dicionários de línguas de sinais são considerados os critérios de organização dos verbetes, a classificação por categorias gramaticais, temas ou campos semânticos. São apresentadas informações sobre a configuração das mãos, movimentos, expressões faciais e outros parâmetros linguísticos que compõem os sinais em Libras e LSE.

A organização adequada da microestrutura em dicionários de Libras e LSE é fundamental para facilitar a busca e a compreensão dos sinais pelos usuários, proporcionando um acesso mais eficiente e completo às informações lexicais.

Na análise aqui realizada, observa-se se as informações que estão disponíveis são claras para os usuários e de que forma elas são apresentadas no dicionário. Quanto à microestrutura, Bevilacqua (2006, p. 133) informa que,

São informações referentes aos aspectos fonéticos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Observamos que cada classe gramatical tende a ter um conjunto de informações mais ou menos homogêneo em toda a obra. Isto significa dizer que para os substantivos deveria ser apresentado basicamente o mesmo conjunto de informações, do mesmo modo que para os adjetivos, verbos e assim sucessivamente para cada uma das classes gramaticais.

A microestrutura está relacionada aos elementos presentes em cada entrada do dicionário. Nesse aspecto, observa-se a forma como os sinais são descritos por meio da utilização de notações específicas, a apresentação de informações gramaticais e definições, exemplos de uso contextualizados e ilustrações adequadas. Conforme Barros (2004, p. 156) a microestrutura:

[...] compreende a organização dos dados contidos no verbete, ou melhor, o programa de informações sobre a entrada disposto no verbete. Três elementos devem ser levados em consideração, quando da distribuição dos dados na microestrutura: a) o número de informações transmitidas pelo enunciado lexicográfico / terminográfico; b) a constância do programa de informações em todos os verbetes dentro de uma mesma obra; c) a ordem de sequência dessas informações.

Além disso, na microestrutura de um dicionário de línguas de sinais são fornecidas definições sobre o significado do sinal, exemplos de uso em contexto, informações acerca de variações regionais ou culturais e qualquer outra informação relevante para o entendimento e uso adequado do sinal.

A microestrutura pode incluir informações adicionais como sinônimos, antônimos, registros de usos específicos, notas explicativas e referências cruzadas. A organização da microestrutura em dicionários de Libras e LSE permite que compreendam e utilizem corretamente os sinais nas diferentes situações de comunicação.

A lexicografia bilíngue em línguas de sinais envolve alguns desafios únicos, pois essas línguas são visuais e não são baseadas em palavras faladas. Os vocábulos em sinais são considerados lexicais, e a lexicografia em sinais em si, mas também seus significados, usos e variações. A realização de palavras nesse contexto envolve a compreensão dos sinais, suas variações regionais e as características específicas da expressão visual-espacial.

No âmbito da lexicografia, não se pode deixar de lado a lexicografia bilíngue (LB), sobretudo aqui neste texto, uma vez que parte do repertório lexicográfico da língua brasileira de sinais é composto por dicionários, que normalmente se auto intitulam “dicionário de Libras”, “dicionário de língua brasileira de sinais” e assemelhados são,

na verdade, dicionários bilíngues na direção português – Libras. (Souza; Almeida, 2023, p.234).

Os dicionários visuais, como aqueles dicionários ilustrados das línguas de sinais que apresentam representações gráficas dos sinais desempenham um papel fundamental na documentação e comunicação do conhecimento linguístico, muito embora apresentem restrições, como já indicado anteriormente, como a ausência de movimento.

A teoria lexicográfica também busca compreender e definir os princípios e diretrizes específicos para a elaboração de dicionários nessa modalidade linguística, considerando as particularidades da estrutura e organização dos sinais, as formas de representação visual e escrita, a presença de exemplos e contextos de uso, e outras questões específicas das línguas de sinais.

As línguas de sinais incorporam expressões faciais e movimentos corporais como parte integral da comunicação. A lexicografia em línguas de sinais muitas vezes se entrelaça com a cultura surda, pois os sinais podem ter significados culturais específicos e refletir a identidade surda.

Assim como nas línguas faladas, as línguas de sinais têm variações regionais, com sinais específicos sendo utilizados em diferentes comunidades surdas. Por exemplo, o sinal de EXERCÍCIO em Libras:

Figura 5. Sinal do léxico “*exercício*” em Libras.

LIBRAS Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011

Busca
 Palavra Exemplo Acepção Assunto
 Palavra: N°:
 Buscar

Ordem
 Alfabética **Por assunto** Mão
 A - B - C - D - E - F - G - H - I - J - K - L - M - N - O - P - Q - R - S - T - U - V - W - X - Y - Z

Assuntos NENHUM	Palavras EXECUTAR EXEMPLO EXERCÍCIO1 EXERCÍCIO2 EXÉRCITO EXIBIR	Mão 	Vídeo
Acepção Prática de uma atividade.	Exemplo Na escola o professor manda os alunos treinarem exercícios. Classe Gramatical SUBSTANTIVO	Exemplo Libras ESCOLA PROFESSOR@ MANDAR A-L-U-N-O TREINAR EXERCÍCIO. Origem nacional	Imagem EXERCÍCIO1

Acessibilidade Brasil www.acessobrasil.org.br - créditos - libras em cd

Fonte: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/

Figura 6. Sinal do léxico “*exercício*” em Libras.

LIBRAS Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011

Busca
 Palavra Exemplo Acepção Assunto
 Palavra: N°:
 Buscar

Ordem
 Alfabética **Por assunto** Mão
 A - B - C - D - E - F - G - H - I - J - K - L - M - N - O - P - Q - R - S - T - U - V - W - X - Y - Z

Assuntos HIGIENE/SAÚDE	Palavras EXERCÍCIO1 EXERCÍCIO2 EXÉRCITO EXIBIR EXIGIR EXISTIR1	Mão 	Vídeo
Acepção Prática de uma ou mais atividades físicas.	Exemplo Fazer exercício todos os dias pela manhã é bom para a saúde. Classe Gramatical SUBSTANTIVO	Exemplo Libras MANHÃ TODOS-OS-DIAS EXERCÍCIO BO@ SAÚDE. Origem nacional	Imagem

Acessibilidade Brasil www.acessobrasil.org.br - créditos - libras em cd

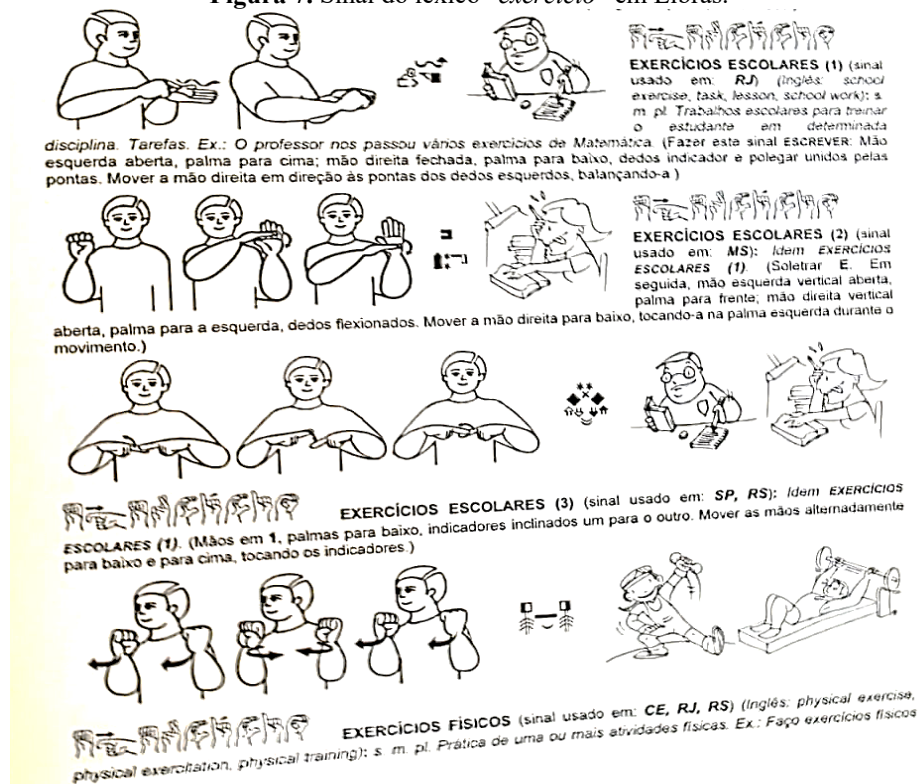
Fonte: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/

No Dicionário da Língua de Sinais do INES observa-se a presença de duas entradas para o termo “exercício”: “exercício 1” e “exercício 2”, A ausência de variações sinalizadas para esse termo compromete a precisão semântica e dificulta a compreensão por parte dos usuários surdos, cada uma representando significados distintos em Libras. A primeira refere-se a atividades escritas; enquanto a segunda associa-se à prática de atividades em contextos físicos, buscando obter boas condições de saúde.

Não obstante, em situações em que ocorre o envolvimento de estudo prático e teórico, em especial no contexto acadêmico relacionado ao conhecimento, a representação do termo, mostra-se limitada. A título de exemplo, o uso do sinal correspondente a “exercício 1” para indicar atividades de escrita, é visualmente adequado, no entanto, não abrange atividades tais como leitura, restringindo-se a um recorte específico do conceito. Essa lacuna evidencia a necessidade de uma maior variedade de entradas lexicais que contemplem os múltiplos significados contextuais da palavra “exercício”, sobretudo em ambientes educacionais. A ausência de variações sinalizadas para esse termo compromete a precisão semântica e dificulta a compreensão por parte dos usuários surdos.

Como referência, pode-se observar o Dicionário da Língua de Sinais Brasileira, o qual também apresenta desafios semelhantes no tratamento lexicográfico de polissemias em Libras.

Figura 7. Sinal do léxico “exercício” em Libras.



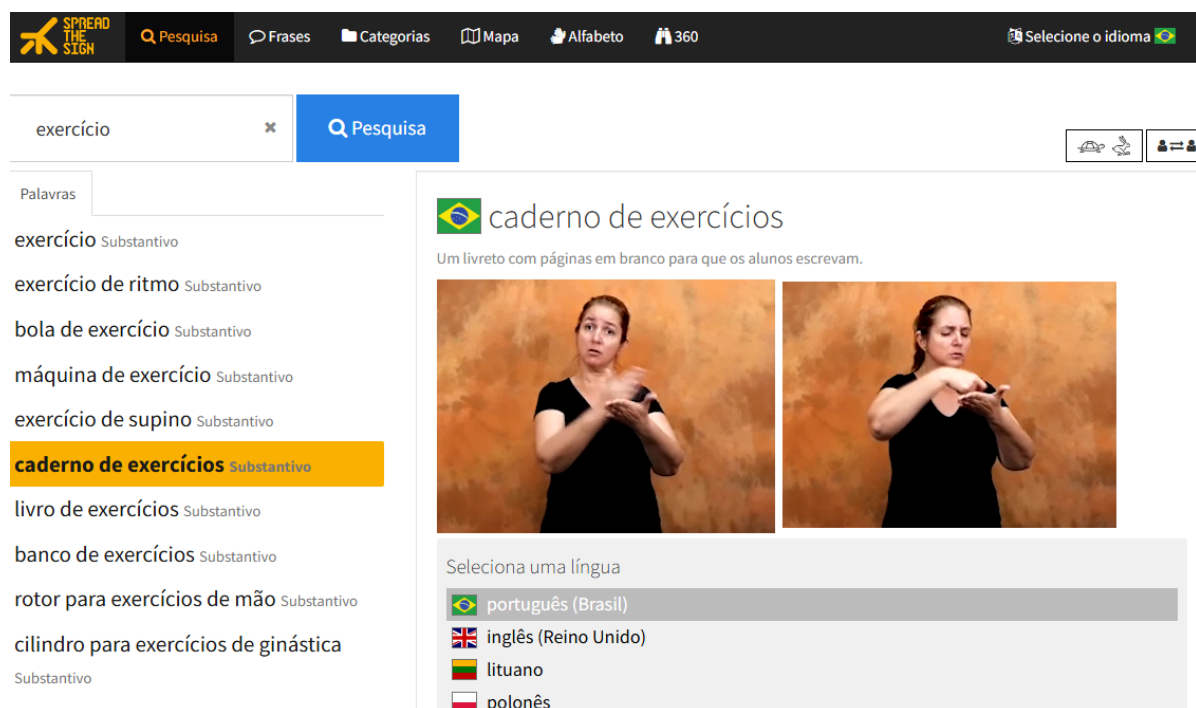
Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor.

Conforme a imagem apresentada, no Dicionário da Língua Brasileira de Sinais identifica-se apenas três sinais diferentes acompanhados de complementos como o léxico “escolar”. Mostra-se inexistente um sinal único para “*exercício*” no sentido mais amplo.

É possível observar ainda que, tanto a configuração de mão como sua orientação, em “exercício 1”, diferem do que vemos registrado no Dicionário do INES, evidenciando significativas variações regionais. Diante do exposto, surge o questionamento: como os consulentes aprendizes poderão e definir entre os dois sinais, qual deles deverá ser usado em determinado contexto? Torna-se ainda mais evidente, essa lacuna, pela ausência de sinais representando práticas específicas como exercícios de leitura, ou ainda, práticas que se relacionam ao estudo teórico. Quando se volta para o conceito de “exercícios físicos”, nota-se uma coincidência com a definição apresentada no dicionário do INES, tal coincidência sugere um ponto em comum entre as obras.

Já no dicionário *SpreadtheSign* não há registro do sinal “*exercício*” em Libras; encontramos apenas a entrada “caderno de exercícios”, que aparece acompanhada de um sinal correspondente.

Figura 8. Sinal do léxico “*exercício*” em Libras.



Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor.

Observa-se que o dicionário *Spreadthesign* não cumpre adequadamente o compromisso de registrar e ampliar o repertório de sinais disponíveis em Libras. Nota-se uma carência

significativa de registros, sobretudo alguns que já circulam na comunidade surda e possuem formas consolidadas de uso, os quais poderiam ser documentados, mas ainda não foram contemplados na plataforma.

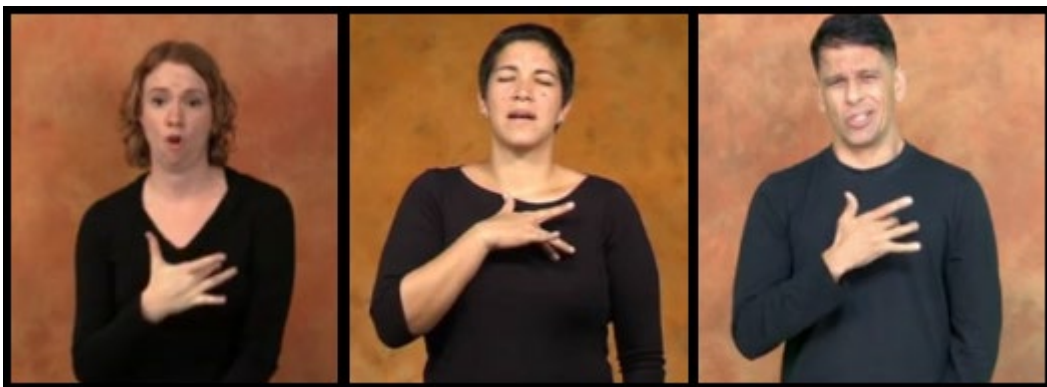
Ademais, embora o *Spreadthesign* seja uma das ferramentas tecnológicas mais ágeis para gravação e publicação de sinais, sua atualização lenta compromete o acesso à informação por parte dos usuários, especialmente estudantes surdos que ingressam no Ensino Médio e Ensino Superior. Nesse cenário, é fundamental destacar a importância do trabalho do lexicólogo em Línguas de Sinais, especialmente no que se refere à análise contrastiva.

Tal análise é imprescindível para orientar um registro criterioso dos sinais, evitando possíveis equívocos ou interpretações que possam comprometer o aprendizado e o uso dos significados dos sinais. Soma-se a isso a importância de disponibilizar aos estudantes um vocabulário mais amplo em Libras para que compreendam adequadamente as questões formuladas em exames nacionais, como o vestibular e o ENEM.

A ausência de sinais específicos nesses contextos prejudica significativamente tanto a produção como a compreensão da informação. Desse modo, torna-se urgente investir em estudos mais aprofundados na área da Lexicografia em Libras, bem como na formação e ampliação de equipes especializadas para o desenvolvimento e o registro sistemático de sinais com o objetivo de construir uma base lexical mais abrangente e representativa da diversidade linguística da comunidade surda.

Seguindo na explanação, observam-se que sinais idênticos em diferentes línguas, em que eles assumem significados distintos, é um aspecto relevante a ser mencionado, conforme ilustrado a seguir:

Figura 9. Sinal do léxico em ASL, LSE e Libras



Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor.

Observa-se que os três sinais analisados, embora apresentem semelhanças fonológicas e morfológicas, assumem significados distintos em diferentes línguas de sinais. Ao assumirem usos semânticos divergentes podem gerar confusões e, portanto, se faz necessária uma atenção

especial durante o processo de ensino e aprendizagem em língua estrangeira. Na ASL, por exemplo, o sinal em questão está relacionado ao coração, sendo frequentemente utilizado em contextos da área da saúde para se referir ao órgão cardíaco. Já na LSE, o mesmo sinal é associado ao sentimento de amor. Em contrapartida, na Libras, esse sinal expressa a ideia de “dó” ou “pena” por algo ou alguém.

No entanto, é importante destacar que, apesar da semelhança na forma, cada uma dessas línguas de sinais recorre a expressões faciais distintas para acompanhar o sinal, o que contribui para a diferenciação de seus significados, sendo fundamental considerar não apenas a configuração das mãos, mas também os elementos não manuais, como expressões faciais e as expressões corporais, para uma compreensão plena e precisa dos sinais em cada contexto linguístico.

Nesse sentido, uma observação feita por um grupo de pesquisa evidenciou que os vocabulários, glossários, repertórios, lexicográficos e dicionários “gerais” de Libras, com exceção de apenas uma obra, têm mantido características muito semelhantes às das primeiras obras de referência elaboradas já há bastante tempo (Durão; Boldo; Lohn; Vieira, 2018).

Os glossários em línguas de sinais buscam e ampliam algumas especificidades em suas áreas, utilizando terminologias e conceitos específicos, oferecendo uma visão abrangente da língua de sinais em diferentes contextos. Eles são voltados para públicos de consultantes profissionais em línguas de sinais, incluindo falantes de Libras, estudantes, tradutores e professores que desejam aprofundar seus conhecimentos da língua.

Considerando a visualidade das línguas de sinais, os lexicógrafos podem desenvolver sistemas de representação em léxicos para documentar cada campo-semântico através de ilustração abstrata ou concreta ou usar o enunciado/definição através de algum tipo de registro escrito da língua.

A produção lexicográfica tanto para línguas orais-auditivas quanto para línguas de sinais, em formato impresso ou digital, apresenta informações importantes para a organização da macroestrutura e microestrutura desses dicionários, envolvendo a descrição da teoria dos estudos linguísticos, abrangendo informações gramaticais, fonológicas e semânticas relacionadas aos léxicos em sinais e palavras (Pizzio; Rezende; Quadros, 2009).

A lexicografia em línguas de sinais também pode e deve se beneficiar de recursos digitais como vídeos e animações para melhor representar os sinais. O desenvolvimento de recursos tecnológicos na lexicografia em línguas de sinais é fundamental para promover a compreensão e a preservação dessas línguas.

3.3 PROCESSO HISTÓRICO DA LEXICOGRAFIA EM LIBRAS E LSE

A Lexicografia em Libras e em LSE passou por um processo marcado por desafios, avanços e reconhecimento da importância da preservação do patrimônio dessas línguas. De acordo com registros históricos, as línguas de sinais são consideradas como línguas e, assim, como formas de comunicação. Com o reconhecimento crescente dessas línguas como línguas naturais, houve uma demanda por recursos lexicográficos específicos para Libras e LSE como dicionários bilíngues, glossários e materiais pedagógicos educativos foram desenvolvidos para documentar e preservar o léxico das línguas de sinais.

Conforme destacado por diversos autores que exploraram a Lexicografia em línguas de sinais, como Sofiato (2011), Temoteo (2012), Sofiato e Reily (2014), Costa e Nascimento (2015), Klimsa (2016), Cardoso (2017), Martins (2017), Martins (2020), entre outros, é crucial promover a difusão da Lexicografia em Libras e em outras línguas de sinais em pesquisas acadêmicas, contribuindo para o aprimoramento contínuo dos dicionários em línguas de sinais. Em um artigo que aborda a história cronológica dos dicionários em línguas de sinais no mundo e no Brasil, conforme indicam Leôncio e Zavaglia (2021, p. 32):

[...] os primeiros registros lexicográficos e, também, terminológicos das LS surgiram no contexto religioso da vida monástica, na Idade Média, em locais isolados da Europa e América do Norte. Ambas as regiões tiveram forte influência sobre o registro dos sinais e a Lexicografia brasileira. A exemplo, o *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* (GAMA, 1875), primeiro registro lexicográfico, fortemente influenciado pela Lexicografia europeia (iniciada décadas antes, na Alemanha), e o *Dicionário Linguagem das Mãos*, de Eugênio Oates (1969), baseado na metodologia lexicográfica da ASL e línguas como o Espanhol falado.

Além das definições linguísticas das línguas de sinais, reconhece-se a importância dos dicionários em línguas de sinais como ferramenta visual e fonte de consultas de léxicos em sinais como uma parte da tradição cultural e identitária dos sinais, refletindo da comunidade surda. (Capovilla; Raphael, 2001; Lira; Souza, 2005). A Lexicografia dessas línguas desempenha um papel categórico na educação e sociedade de surdos, promovendo a aceitação de suas línguas e culturas.

Ao longo do tempo, linguistas têm conquistado o reconhecimento da língua de sinais como um fenômeno complexo, permeado por aspectos políticos, artísticos e de construção ideológica, o que também reflete uma afirmação de identidade e uma reivindicação por direitos linguísticos fundamentais.

Neste momento será apresentada uma compilação das obras registradas por meio da história lexicográfica ou por meios de dicionários em línguas de sinais, mostrando como era a organização por meio delas.

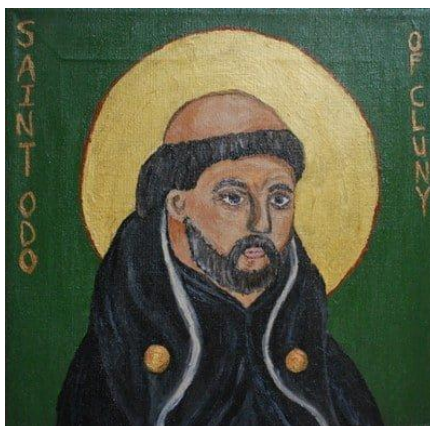
Conforme pode ser visto no excerto abaixo, Martins (2020, p.94) faz menção aos primeiros dicionários em línguas de sinais:

[...] os primeiros dicionários, em sua grande maioria, foram basicamente organizados a partir de listas de palavras de uma língua oral escrita, sendo elas acompanhadas por desenhos ou fotografias de uma pessoa articulando um sinal específico. Muitas vezes, setas ou linhas eram adicionadas aos desenhos ou fotografias com o intuito de indicar ao usuário o movimento de um sinal. A desvantagem das representações dos sinais é que elas são unidades holísticas que são difíceis de organizar ou pesquisar em comparação com a ordenação alfabética dos dicionários de línguas orais.

Martins (2020) explica que os dicionários na época tinham obras com o uso das palavras, ilustração e sinais para corresponder o significado e as palavras para representar as figuras, portanto a organização holística dos sinais dificultava a consulta e a pesquisa, pois não há um sistema estruturado. Diferentemente, a ordenação alfabética, típica dos dicionários de línguas orais, permitia maior facilidade e eficiência na busca e comparação com os sinais.

No século X, os gestos foram registrados por comunidades monásticas devido à necessidade de manter silêncio em respeito à vida monástica. Os primeiros gestos, conhecidos como “*Langue des signes de Cluny*”, foram desenvolvidos por monges cistercienses para facilitar a comunicação dentro dos mosteiros e contribuindo para os estudos religiosos. Inicialmente composto por 296 gestos com as informações práticas, por exemplo, comidas, jardinagem, etc., esta língua era conhecida como Língua de Sinais Monástica – LSM que se difundiu pela Europa, sendo adicionados gestos semelhantes em diferentes ordens religiosas. Ao longo do tempo, esses gestos continuaram a ser usados em vários contextos monásticos, influenciados por diferentes tradições religiosas (Guirette, 2021).

Figura 10. *Langue des signes de Cluny*



Fonte: Disponível em: <https://recettemedievale.fr/langue-des-signes-table-de-cluny/>. Acesso em set. 2025.

Em 1560, o alfabeto manual para instruir os surdos como o uso da comunicação e compreensão nos estudos religiosos surgiu no livro foi “*Refugium Informorum*”, produzido por Frei Melchor de Yebra (Klimsa, 2016)

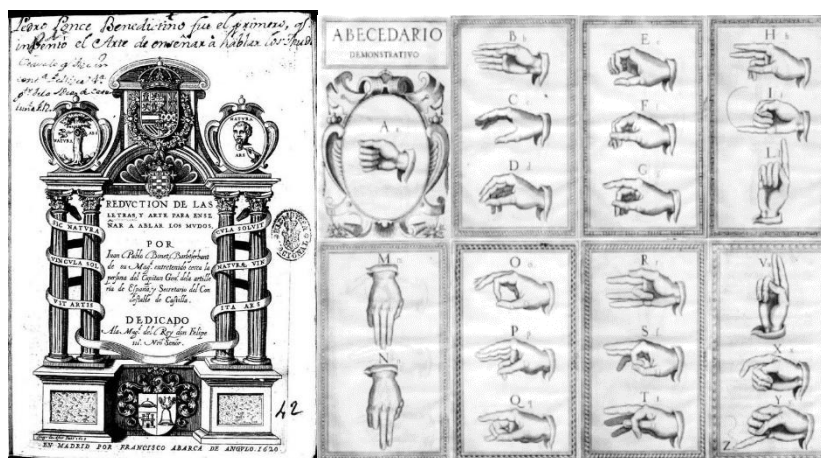
Figura 11. Livro “*Refugium Informorum*”



Fonte: Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=ucm.5325319161&seq=374&view=1up>. Acesso em set. 2025.

Em seguida, o espanhol Juan Pablo Bonet, em 1620, publicou a obra “*Reduction de las Letras y Arte para enseñar ablar los mudos*”, que contém o alfabeto manual. Essa obra serve como obra fundamental para o estudo da educação dos surdos daquela época (Martins, *et.al.* 2012), conforme pode ser visto na figura a seguir:

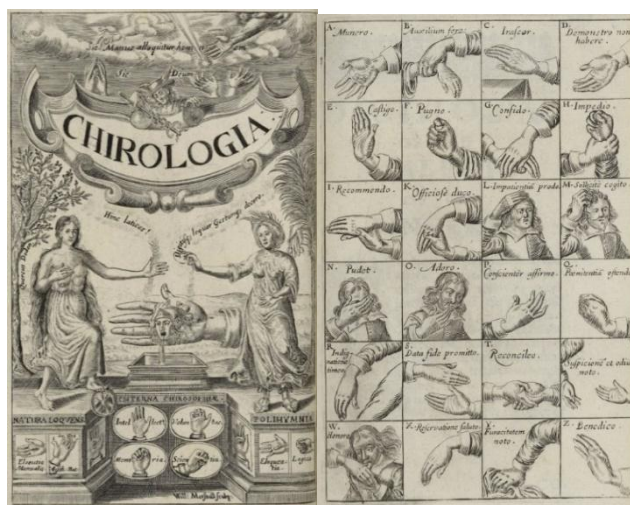
Figura 12. Livro do Abecedário do Juan Pablo Bonet



Fonte: Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/reduccion-de-las-letras-y-arte-para-ensenar-a-hablar-a-los-mudos--0/>. Acesso em fev.2024

Em seguida, o inglês John Bulwer, registrou o vocabulário em gestos e movimentos corporais, que foi publicada como “*Chirologia, or The Natural Language of the Hand*” (1644), a qual apresentava notações em gestos ilustrados, utilizando as mãos e os dedos, com o intuito de facilitar a memorização para a comunicação (Martins, *et.al.*, 2012).

Figura 13. Livro “*Chirologia or the Natural Language of the hand*” (1644).



Fonte: Disponível em: <https://luna.folger.edu/luna/servlet/view/search;JSESSIONID=d6b1c701-fdd5-4c2e-90cf-d09b09be727f?QuickSearchA=QuickSearchA&q=Chirologia&search=Search>. Acesso em fev. 2024.

Os primeiros educadores de surdos, como dito anteriormente, surgiram na França. O abade Charles Michel de L'Épée (1712/1789), fundou o Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris, onde a comunicação era feita por gestos (Strobel, 2008). Segundo Bonnal-Vergès (2006), estudar as coleções de sinais da Língua de Sinais Francesa (LSF) dos séculos XVIII e XIX, é ter acesso ao modelo antigo que se transformou no modelo mais eficiente de sinais para o século atual.

Os registros de dicionários em línguas de sinais na Antiguidade representaram desafios significativos na história, que consistiam na criação de sinais, avaliação da língua de sinais, organização do formato do dicionário e determinação para quem esses dicionários seriam destinados. Além disso, as histórias foram frequentemente registradas em textos descritivos, muitas vezes manuscritos, proporcionando informações sobre o desenvolvimento da educação para surdos (Arnaud, 2019).

Antes de expor os dicionários catalogados com descrições e ilustrações, será realizada uma revisão da pesquisa classificada pela autora Bonnal-Vergès em 2006. Esta pesquisadora publicou diversas obras lexicográficas desde os primórdios desta língua, conforme pode ser observado no excerto abaixo:

La plupart des dictionnaires adoptent une classification uniquement alphabétique : on entre dans le dictionnaire par des mots français, dans l'ordre alphabétique. Tel est le classement choisi par l'abbé de l'Épée (1786; publication : 1896), l'abbé Ferrand (années 1780 ; publication : 1897), l'abbé Jamet (entre 1822 et 1860), le Docteur Blanchet (1850), les Frères de Saint-Gabriel (circa 1853-1854), l'abbé Laveau, 1868 (même pour les signes dessinés, ce dernier suit l'ordre alphabétique des mots français correspondants) et Clamaron (1875). Trois auteurs importants, cependant, sortent de ce cadre, en adoptant, partiellement ou totalement, un classement noématique: l'abbé Sicard (1808), Pélissier (1856) et l'abbé Lambert (1865). (Bonnal-Vergès, 2006, p.161-162)¹⁹

No início do Instituto Nacional dos Jovens Surdos em Paris, as publicações não consistiam em vocabulários de sinais ou listas correspondentes a estes, mas na descrição verbal do método de combinação de gestos utilizado para ensinar os surdos a escreverem na língua francesa. De acordo com Pauline Descours (2011), o abade L'Épée foi o primeiro a publicar um método de educação dos surdos no qual a língua natural era considerada essencial para os surdos. Ele não tinha conhecimento prévio dos sinais. Quando iniciava as lições com os alunos surdos, surgiam os sinais e sinalizações, e ele os organizava através de sistemas de elementos dos sinais, métodos e descrições. Segue o exemplo:

« dès lors le mouvement de l'index droit, qui s'étend et se replie plusieurs fois en forme de crochet, devient le signe raisonné que nous donnons à tout article. Nous en exprimons le genre en portant la main au chapeau, pour l'article masculin le, et à l'oreille [...] pour l'article féminin la. » (L'Épée, 1784 : p.28) (Descours, 2011, p. 20)²⁰

Naquele momento da prática da língua de sinais com os alunos, observa-se que a obra do Abade L'Épée, em 1776, se centrava no método em língua de sinais. A partir do final do século XVIII, ele estava planejando o projeto de um dicionário, porém não foi capaz de concluí-lo. Posteriormente, o Abade Jean Ferrand publicou o dicionário feito em um manuscrito de

¹⁹ A maioria dos dicionários adota uma classificação exclusivamente alfabética: a entrada no dicionário é feita por palavras em francês, organizadas em ordem alfabética. Esse foi o sistema escolhido por l'abbé de l'Épée (1786; publicação: 1896), l'abbé Ferrand (década de 1780; publicação: 1897), l'abbé Jamet (entre 1822 e 1860), o Doutor Blanchet (1850), os Irmãos de São Gabriel (circa 1853-1854), l'abbé Laveau (1868, que, mesmo para os sinais desenhados, segue a ordem alfabética das palavras francesas correspondentes) e Clamaron (1875). No entanto, três autores destacados desviam-se desse modelo, adotando, parcial ou totalmente, uma classificação noemática: l'abbé Sicard (1808), Pélissier (1856) e l'abbé Lambert (1865). (Bonnal-Vergès, 2006, p. 161-162).

²⁰ A partir disso, o movimento do dedo indicador direito, que se estende e flexiona repetidamente em forma de gancho, torna-se o sinal racional atribuído a todos os artigos. O gênero é expresso ao levar a mão ao chapéu, para o artigo masculino le, e à orelha [...] para o artigo feminino la. (L'Épée, 1784, p. 28, *apud* Descours, 2011, p. 20)

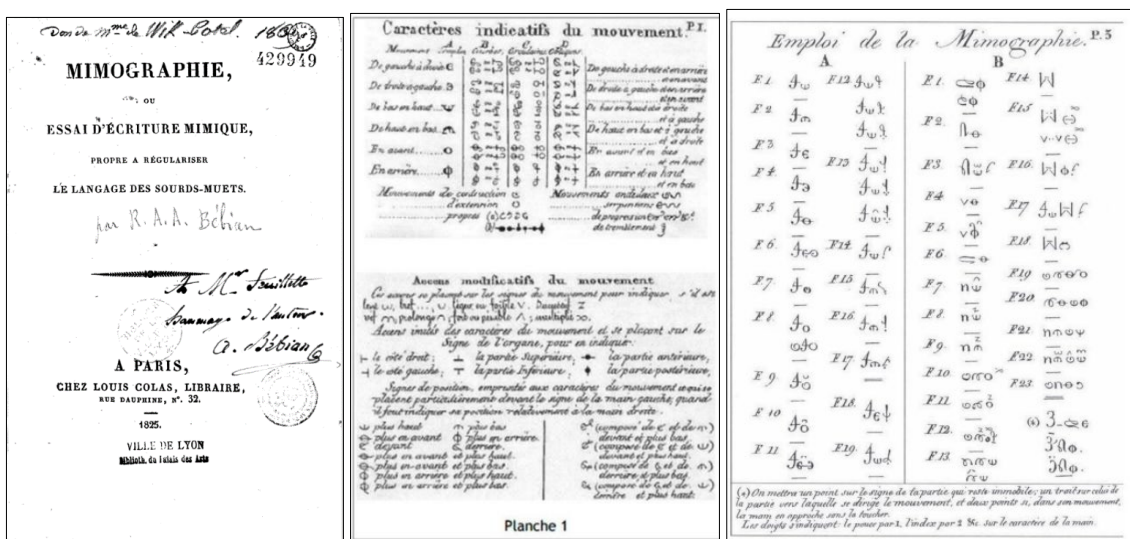
Durante o desenvolvimento de dicionários franceses, os primeiros dicionários de língua de sinais foram compilados por Abbé de l'Épée e Abbé Ferrand, que eram professores de alunos surdos em Paris e Chartres. Esses dicionários continham 4.450 e 4.087 entradas, conforme registrado por Bonnal-Vergès em 2008 (Arnaud, 2019).

Em seguida, o Roche Ambroise Bébien, publicou “um primeiro dicionário *da Langue de Signes Françaises, Mimographie*” (Martins, *et.al.*, 2012) com classificação e categorização sistemática de elementos com base em parâmetros em línguas de sinais. Por exemplo, tem personagens que representam partes do corpo, a forma da mão, movimentos, expressão facial (Oviedo, 2009). Em 1825, Bébien, em sua obra, “*Mimographie*”, apresenta os sistemas de notação e transcrição dos caracteres dos sinais. (Martins, 2017). Segundo Oviedo (2009, p. 297, tradução livre), refere-se “plancha” ou “placa” (Quadros) que mostram caracteres dos sinais.

A mimografia (Bébien, 1825) contém três Quadros (tábuas) com figuras e transcrições: as duas primeiras Quadros mostram os caracteres com os quais os sinais são escritos. Estes estão dispostos em cinco séries, que correspondem aos seguintes aspectos: (1) os caracteres que indicam movimento (placa I); (2) os acentos que modificam os anteriores, indicando modalidades como velocidade, ritmo, etc. (placa I); (3) os caracteres manuais (placa II); (4) as diversas partes da cabeça e do corpo (planche II); e (5) expressão facial.

A “*Mimographie*”, em suas placas, apresenta um sistema de 190 caracteres (Martins, 2017). Esses caracteres são objeto de pesquisa semelhante à desenvolvida por Stokoe em 1960 relacionados aos parâmetros das línguas de sinais (Oviedo, 2009). Apresenta-se a seguir, uma figura da obra:

Figura 16. “*Mimographie*” (1825)



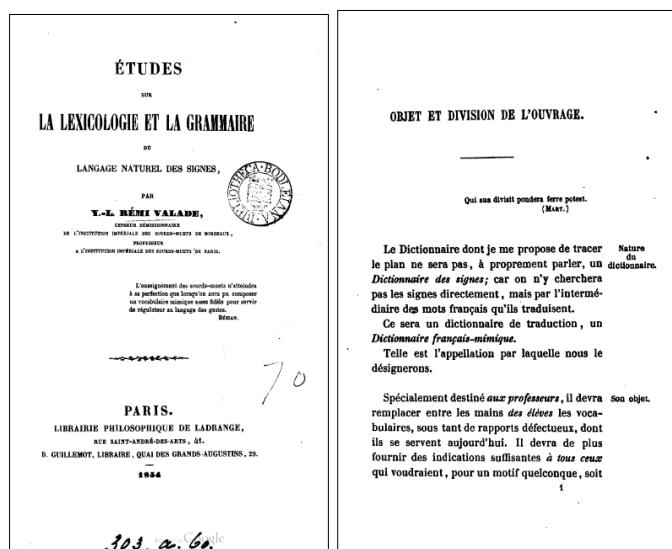
Fonte: Disponível em:

<https://archive.org/details/BebianMimographieLangageSourdsMuets1825/page/n5/mode/2up>. Acesso em: fev. 2024.

A “*Mimographie*” de Bébian ficou perdida por 20 anos. Yves-Léonard-Remi Valade continuou o trabalho de Bébian em descrição dos gestos em 1850, intitulado “*Études sur la lexicologie et la grammaire du langage naturel des signes*” na figura (Martins, *et.al.*, 2012). Valade percebe que o trabalho de Bébian permanecia confuso para compreensão e consistia em uma lista de palavras francesas em seguida descrição verbal dos gestos (Martins, 2017) e criticou os erros de Bébian.

O livro de Remi Valade é uns dos primeiros estudos sobre lexicologia e gramática da língua de sinais francesa. Nela, os gestos são oferecidos ao desenvolvimento gramatical e comparados em línguas faladas numa base semântica (Cuxac, 2001; Boutora, 2008).

Figura 17. *Études sur la lexicologie et la grammaire du langage naturel des signes*

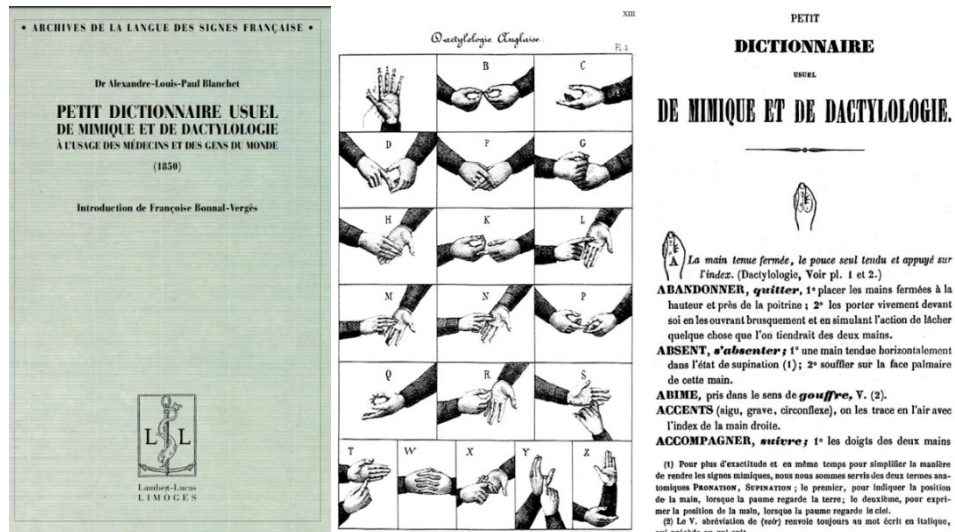


Fonte: Disponível em: <https://search.worldcat.org/pt/title/5013646>. Acesso em fev. 2024.

O livro que recebe o nome em dicionário de Línguas de Sinais Francesa, publicado por Dr. Alexandre Blanchet em 1850, chama-se “*Dictionnaire usuel de Mimique et de Dactylogie*” e possui uma descrição verbal com 700 gestos (MARTINS, *et.al.*, 2012). O dicionário desempenhou um papel central nos debates médicos, educacionais, sociais e políticos da época, influenciando outros importantes dicionários da língua de sinais francesa. Por exemplo, Joséphine Brouland utilizou um processo semelhante em sua obra “*Tableau Specimen d’un dictionnaire des signes*” (1855), enquanto Pierre Pélissier, professor surdo, representou os gestos por meio de ilustrações com recursos de setas, intitulando sua obra como “*Une*

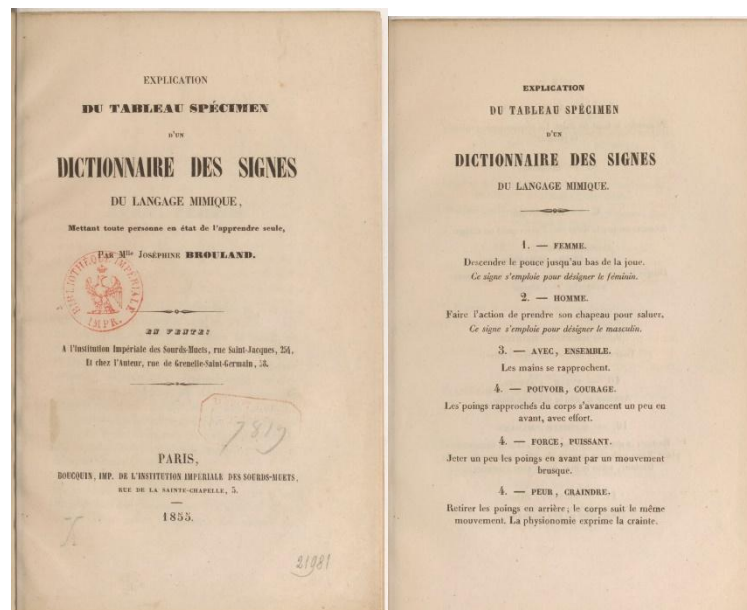
iconographie des signes” (1856) (Martins, *et.al.*, 2012). Essas obras complementares enriqueceram o estudo e a compreensão da língua de sinais francesa na época.

Figura 18. *Dictionnaire usuel de Mimique et de Dactylogogie (1855).*



Fonte: Disponível em: http://www.lambert-lucas.com/wpcontent/uploads/2020/12/OA_petit_dictionnaire_usuel_de_mimique.pdf. Acesso em fev. 2024.

Figura 19. *Tableau Specimen d'un dictionnaire des signes(1856).*

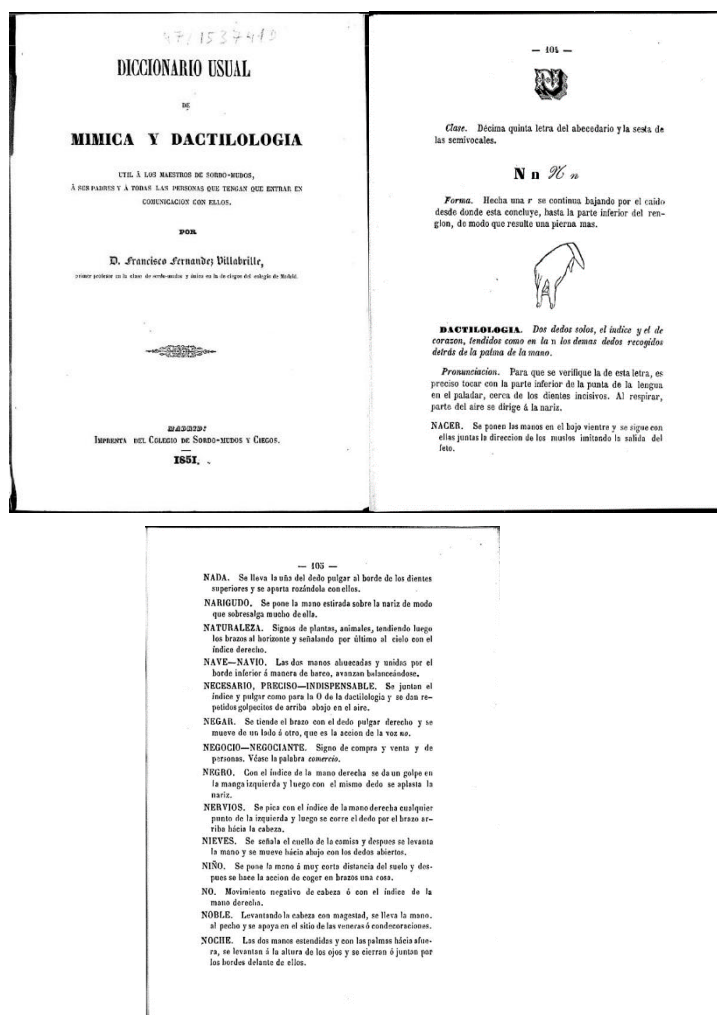


Fonte: Disponível em: https://www.europeana.eu/en/item/794/ark_12148_bpt6k4223188f. Acesso em fev 2024.

O “*Diccionario Usual de Mímica y Dactilología*”, de 1851, de Francisco Fernández Villabril, foi o primeiro registro significativo em língua sinais espanhola. Consiste em 1547, de

sinais com descrição verbal em ordem alfabética, acompanhados da explicação de cada palavra (Ricão; Asensio, 2004, p. 384). Cada palavra representa uma ideia intelectual ou moral expressa em uma cena de pantomima ou mímica, o que determinava seu significado e uso.

Figura 20. “Diccionario Usual de Mimica y Dactilologia” (1851).



Fonte: Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/diccionario-usual-de-mimica-y-dactilologia-util-a-los-maestros-de-sordomudos-a-sus-padres-y-a-todas-las-personas-que-tengan-que-entrar-en-comunicacion-con-ellos--0/html/ff8fbf0a-82b1-11df-acc7-002185ce6064_156.html. Acesso em fev. 2025.

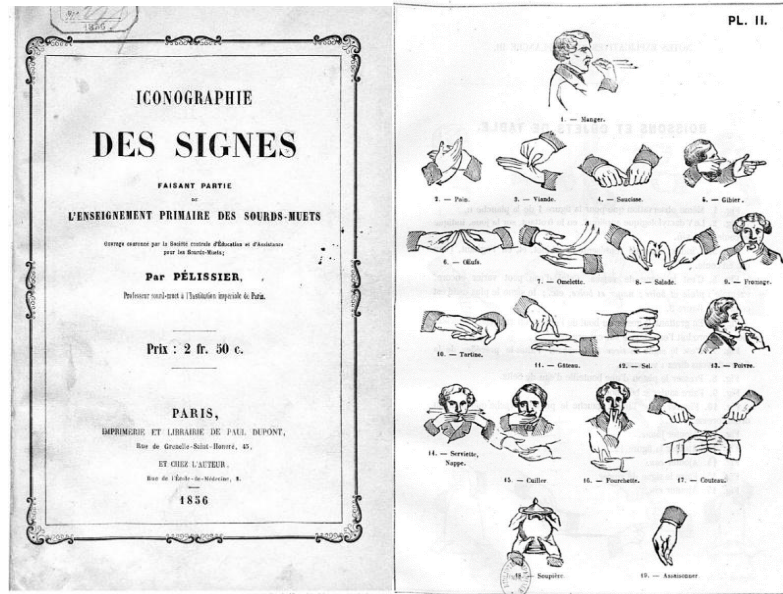
Além disso, representa o primeiro registro ilustrado na descrição dos sinais. Segundo Sofiato (2011, p. 65) afirma-se que foi:

[..] Pierre Pélissier é considerado um dos primeiros ilustradores da França entre os períodos de 1855 a 1865. Pélissier, Joséphine Brouland e Louis-Marie Lambert, também desenvolveram trabalhos relativos à língua de sinais francesa nesse período. Brouland e Lambert igualmente trabalharam no Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, assim como outros ilustradores que publicaram descrições de sinais.

A obra intitulada “*L’Enseignement Primaire des Sourds-Muets Mis à la Portée de Tout le Monde Avec une Iconographie des Signes*” foi publicada por Surdo Pierre Pélissier, em 1856,

contém 382 sinais registrados na iconografia das línguas de sinais (Temoteo, 2012; Martins, 2017).

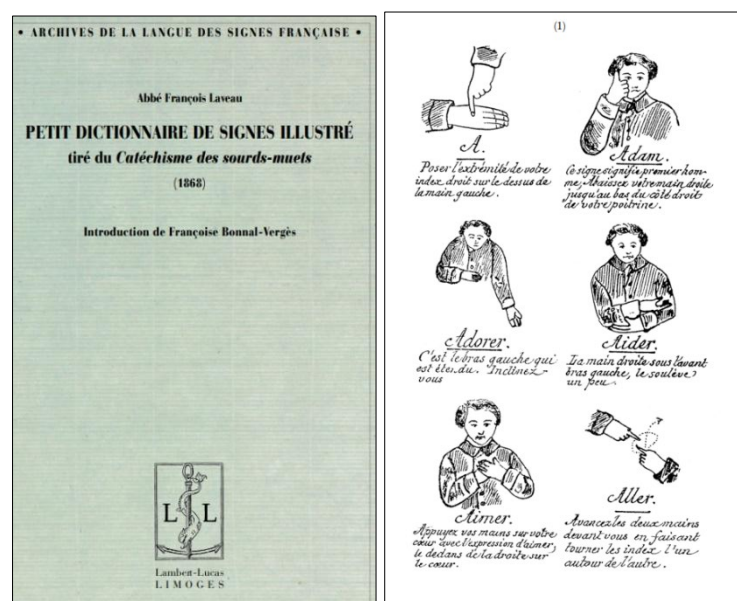
Figura 21. “Une iconographie des signes” (1856)



Fonte: Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k131991f>. Acesso em fev. 2025.

Dez anos depois, foi publicado o pequeno dicionário ilustrado em sinais, em 1868, em línguas de sinais franceses, “Petit Dictionnaire de Signes Illustré tiré du Catéchisme des sourds-muetes”, por Abbé François Laveau.

Figura 22. Petit Dictionnaire de Signes Illustré tiré du Catéchisme des sourds-muetes (1868)

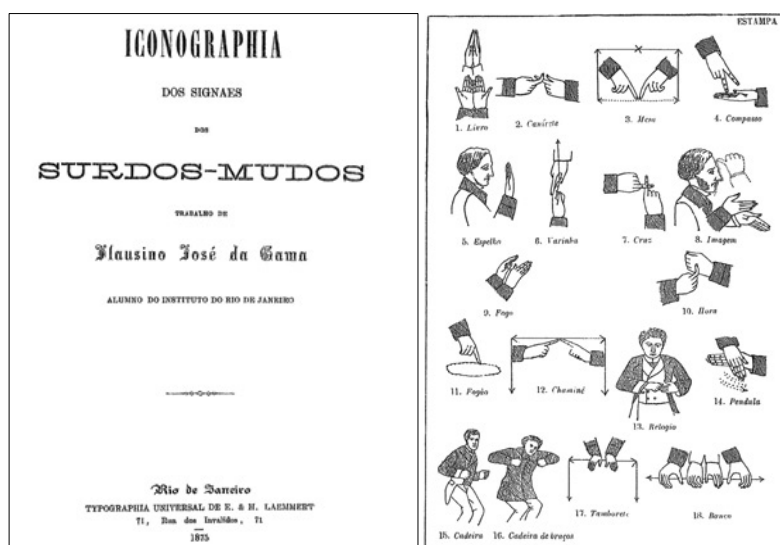


3.3.1 Lexicografia em Libras

À medida que a história da Lexicografia da Libras evolui, também cresce a conscientização sobre a necessidade de registro e preservação do patrimônio no contexto histórico. A Lexicografia da Libras tem como objetivo documentar, descrever e disseminar seu léxico dentro da perspectiva da cultura surda, fornecendo recursos úteis para usuários, pesquisadores e educadores. Segundo Martins (2020, p. 71), eventos históricos influenciados pelo contexto social, político e cultura: “[...] as línguas de sinais de modo geral, e em particular a Libras, cuja origem foi a Língua de Sinais Francesa (LSF), vêm passando por várias transformações”.

A história da Lexicografia bilíngue em Libras para o português ou vice-versa, especificamente no Brasil, teve origem na Língua de Sinais Francesa (LSF). A obra intitulada “A Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos” foi publicada em 1875, registrada e ilustrada por Flausino José da Costa Gama, um surdo “repetidor” e ex-aluno do Instituto dos Surdos-Mudos, atualmente conhecido como Instituto Nacional de Educação dos Surdos, considerado pioneiro nesse campo (Sofiato, 2011). Entretanto, é importante ressaltar que o trabalho original foi influenciado pela obra do francês Pélissier, em 1856, na França. Sua iconografia é composta por 382 sinais, nos quais as ilustrações representam sinais, acompanhadas por verbetes em Língua Portuguesa que correspondem ao significado desses sinais (Martins, 2017). A figura a seguir ilustra esse processo.

Figura 23. Iconografia dos sinais dos surdos-Mudos em 1875



Fonte: Dados da pesquisa. Retirado em Google Imagem.

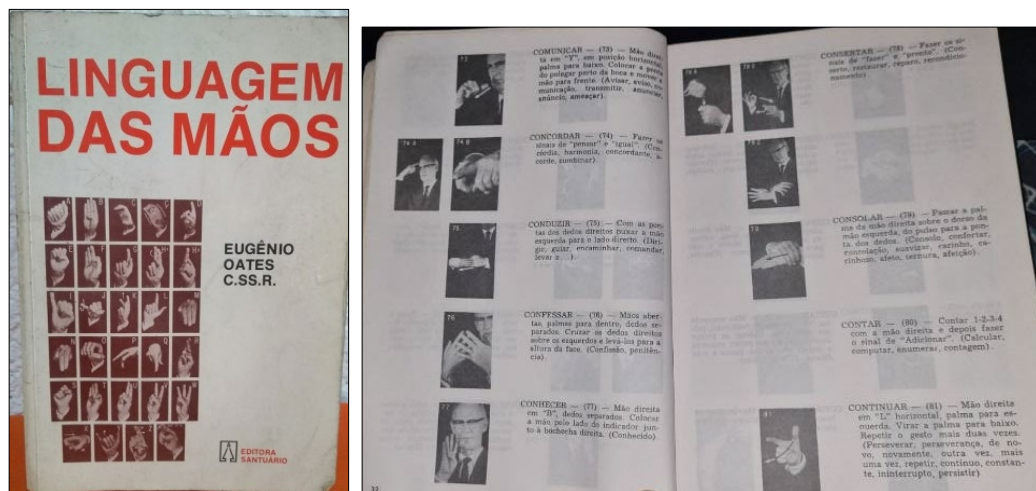
Depois da Iconografia elaborada por Flausino, surdo, a Lexicografia em Libras passou a ser desenvolvida por missionários religiosos, no século XX, os quais conviviam com a comunidade surda. O desafio enfrentado era a extensão territorial do país, o que dificultava a comunicação entre os surdos. Os missionários dedicaram-se à publicação de obras para ampliar o repertório gestual anteriormente conhecido como “mímicas”, expandindo, assim, os registros lexicográficos em línguas de sinais (Temoteo, 2012). A seguir, apresenta-se uma compilação da lexicografia em línguas de sinais.

O primeiro livro publicado, conhecido como “Linguagem das Mãos”, em 1969, foi elaborado pelo padre Eugênio Oates. O padre Oates desembarcou no Brasil em 1946, atuando como missionário procedendo dos Estados Unidos com o objetivo de prestar assistência às mensagens cristãs nas comunidades carentes em todo o território brasileiro. Durante essa jornada, Oates desenvolveu um interesse especial pela comunidade surda e dedicou-se a aprender a língua de sinais (Sofiato, 2005). Segundo Oates (1969, p. 12), o objetivo do dicionário:

[...] é simplesmente, o de ajudar os surdos-mudos brasileiros a terem um melhor entrosamento na sociedade e que haja um melhoramento contínuo na sua vida social, educacional, recreativa, econômica e religiosa. É, também, minha esperança que o livro seja útil a todos aqueles que têm contato com os surdos.

Este dicionário proporcionou a divulgação do léxico em sinais das principais orações do catolicismo, expressas tanto em língua portuguesa quanto em gestos destinados a permitir que os surdos aprendessem a expressassem-se através da linguagem gestual. Este registro compreende 1.258 sinais e 830 unidades lexicais, ilustrado por fotografias dos sinais, acompanhadas por descrições correspondentes apresentadas nos verbetes em língua portuguesa, seguidos pela descrição das formas gestuais (Temoteo, 2012; Martins, 2017).

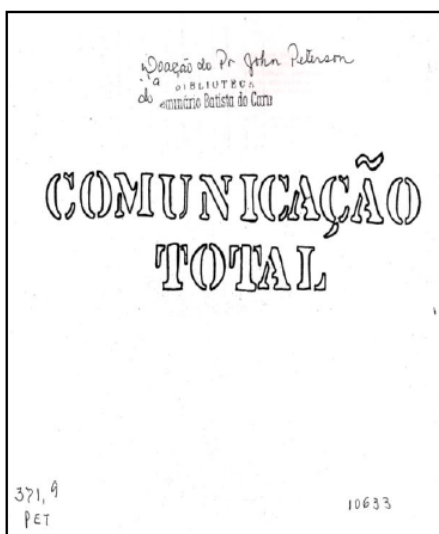
Figura 24. Livro “Linguagem das Mãos” em 1969.



Fonte: Dados da pesquisa. Foto tirada pelo autor.

Em 1981, John Peterson criou o dicionário da “Comunicação Total”, obra concebida por missionários americanos dedicados ao trabalho com surdos, que ampliou o léxico em Libras, como disse que, anteriormente era denominado como mímica (Klimsa, 2016). Segundo Temoteo (2012), a autora entrava em contato via e-mail buscando informação sobre o livro que foi encontrado durante esta pesquisa. Ele foi encontrado na biblioteca do Seminário Batista do Cariri e doado pelo próprio autor para o acervo da biblioteca, pois o autor do livro dava aula de Libras no curso de Teologia. A obra é simples e datilografada, não havendo registro do ano e data de publicação. Posteriormente, em 1987, ocorreu uma mudança de título na segunda edição para “Comunicação com as Mãos”, em que foi publicada com esse título até a sexta edição. O dicionário possui 21 páginas e uma lista numerada com palavras, totalizando 490 descritivos em sinais, porém sem ilustrações, conforme pode ser visto na figura abaixo:

Figura 25. “Comunicação Total - Comunicando com as mãos”.

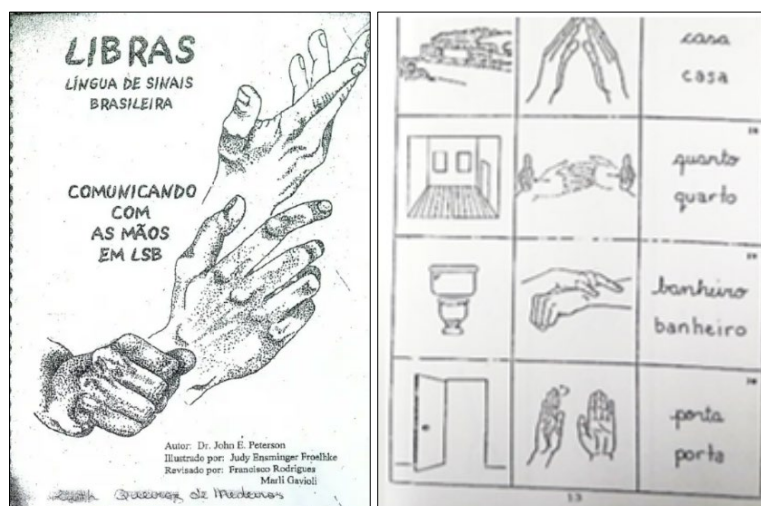


4ª lição, Sinal 31: DIFERENTE (Peterson, 1981, p. 12).
31. diferente - as duas mãos em "R". De repente muda para "V".
6ª lição, Sinal 52: PADRE (Peterson, 1981, p. 19).
52. padre - faça o sinal da cruz com a mão direita em "U".
6ª lição, Sinal 56: TRISTE (Peterson, 1981, p. 19).
56. triste - abaixar as duas mãos curvadas, do queixo até a cintura palmas para cima.
6ª lição, Sinal 28: FERIADO (Peterson, 1981, p. 18).
28. feriado - os polegares das mãos abertas estão colocados em baixo dos braços, abanando os dedos.
6ª lição, Sinal 34: CHEFE, DIRETOR, PATRÃO (Peterson, 1981, p. 18).
34. chefe, diretor, patrão - a mão direita em "R" está colocada no lado direito da testa. Mover a mão para a frente um pouco.

Fonte: Temoteo (2012).

Peterson e Judy Ensminger publicaram outra edição do dicionário, com o título de “Comunicando com as mãos” (1987), que fazia referência à educação dos surdos do nordeste, contribuindo para consulentos professores e alunos. Esta obra compilou 574 sinais. O formato do texto é organizado em três colunas: a ilustração, o sinal e a palavra (Temoteo, 2012).

Figura 26. Comunicando com as mãos



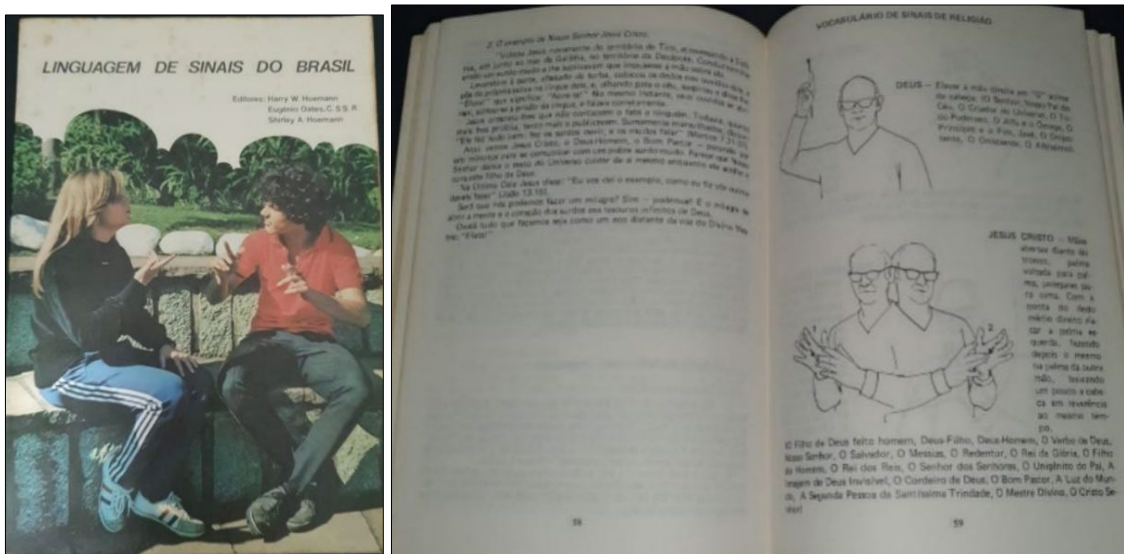
Fonte: dados da pesquisa. Google Imagens.

A organização da obra de Peterson e Ensminger facilita a compreensão dos surdos, pois não apresenta o léxico com definições ou informações na leitura dos vocábulos, apenas a semântica (Temoteo, 2012).

Em 1983, a obra intitulada a “Linguagem de Sinais do Brasil” foi publicada por Harry W. Hoemann, Eugênio Oates e Shirley A. Hoemann em colaboração com pesquisadores de ASL

e professores luteranos de Concórdia, Rio Grande do Sul. O livro foi publicado no Brasil com a edição a norte-americana (Temoteo 2012 *apud* Capovilla, Raphael & Macedo, 1998). Esta obra reúne os sinais registrados em fitas k7 com transcrição de vídeos. (Martins, 2018).

Figura 27. Linguagem de Sinais do Brasil - 1983



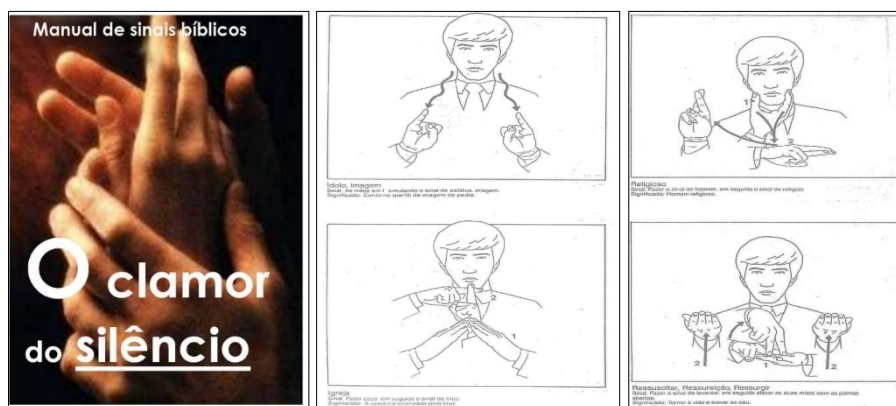
Fonte: Dados da pesquisa. Foto tirada do dicionário físico.

O livro publicado em 1984, sob o título “Aprendendo a se comunicar”, não foi encontrado. Segundo Temoteo (2012, p. 45), seu autor, Peterson, comenta que:

Em 1984 foi feito um livro intermediário: aprendendo a comunicar com alguns dos gestos com os desenhos de Judy para uma experiência. Foi muito bem recebido pelos surdos em Fortaleza e interior de Ceará. Somente o governo e as escolas de surdos não aceitaram por causa da política daquele tempo.

Dez anos depois, em 1991, emergiu outro dicionário intitulado “Manual de Sinais Bíblicos: O Clamor do Silêncio”, organizado por um grupo do Ministério de Surdos das igrejas Batistas. Esse dicionário reúne sinais de contextos bíblicos. O dicionário contém 272 palavras distribuídas em cinco categorias: Livros da Bíblia (59sinais), Personagens Bíblicos (93 sinais), Funções (15 sinais), Lugares (24 sinais) e outros sinais (81sinais). Não apresenta definições, apenas a informação dos sinais e o significado do sinal (Temoteo, 2012).

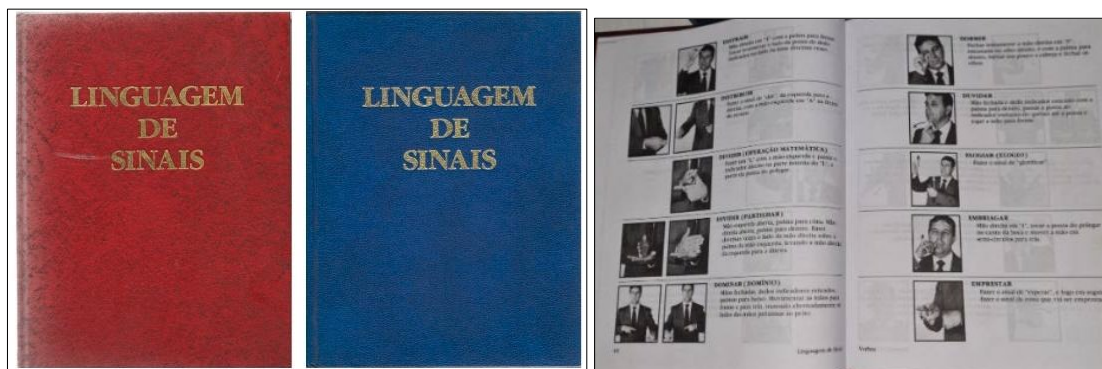
Figura 28. Manual de Sinais Bíblicos: O Clamor do Silêncio 1991.



Fonte: Dados da pesquisa. Foto tirada do dicionário em pdf.

Um ano depois, outro religioso publicou o dicionário “Linguagem de Sinais”, 1992, obra preparada por Testemunhas de Jeová. De acordo com Temoteo (2012), foram distribuídos dois livros gratuitos, um de cor vermelha e outro de cor azul, totalizando oito mil exemplares, divididos em 14 temas. Cada sinal apresenta uma ou duas fotografias, com ou sem seta para esclarecer os movimentos das mãos, além de possuir uma descrição escrita em língua portuguesa sobre como o sinal deve ser feito. Algumas páginas contêm ilustrações religiosas para complementar o significado do sinal.

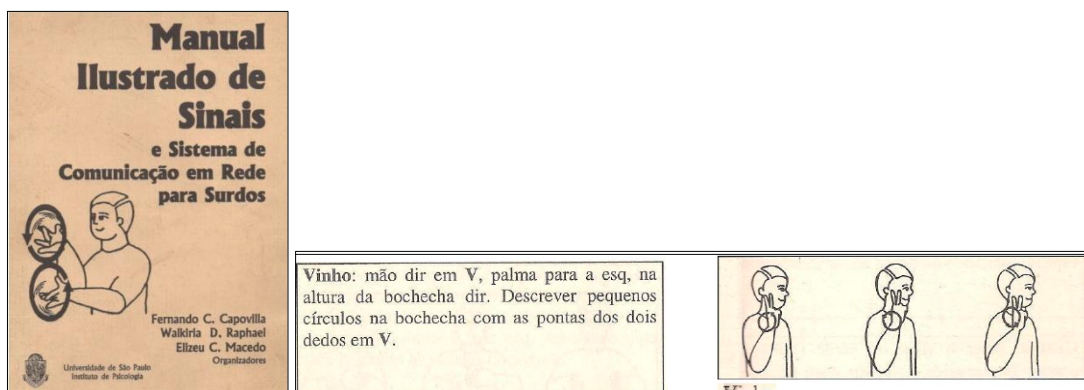
Figura 29. Linguagem de Sinais -1992



Fonte: Dados de pesquisa. Foto tirada no livro de dicionário.

Em 1998, foi publicado o dicionário “Manual ilustrado de sinais e sistemas de comunicação em rede para surdos”, organizado por Capovilla, Raphael e Macedo. Este livro foi organizado com muito esforço por uma equipe da USP, que trabalhou a compilação de todos os sinais encontrados na Libras. Este livro apresenta categorias semânticas, sinais referentes a Libras e descrições das formas morfológicas do sinal (Temoteo, 2012).

Figura 30. Manual ilustrado de sinais e sistemas de comunicação em rede para surdos.

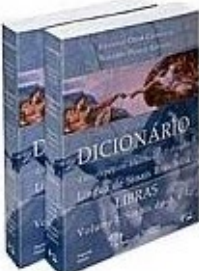
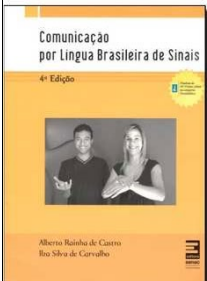


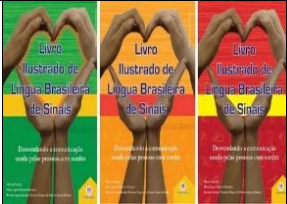
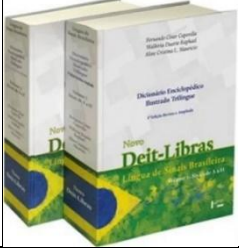

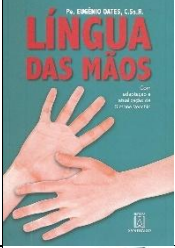

Fonte: Temoteo (2012).

Até o momento, sabemos que as obras dicionarizadas foram coletadas ao longo do século XX, representando sinais compartilhados e contribuindo o trabalho de instrutores e alunos surdos. Dos sete primeiros dicionários publicados, a finalidade foi registrar os sinais em contextos religiosos e preocupações com a comunicação. Além disso, o “Manual Ilustrado de Sinais e Sistema de Comunicação em Rede para Surdos” teve como objetivo ser uma ferramenta lexicográfica pedagógica.

A seguir, será apresentada um quadro com as informações dos dicionários impressos publicados no contexto da lexicografia pedagógica, um ramo do dicionário bilíngue e trilingue.

Quadro 2. Dicionário impresso bilíngue em Libras

ANO	TÍTULO	ILUSTRAÇÃO	AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO
2001	<i>Deit-Libras: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Libras</i>		Capovilla e Raphael	Edipusp – São Paulo, SP
2005	<i>Comunicação por língua brasileira de sinais: livro básico</i>		Castro e Carvalho	Editores Senac – Brasília, DF

2009	<i>Livro ilustrado de língua brasileira de sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez</i>		Honora e Frizanco	Ciranda Cultural – Jandira, SP
2009/ 2011	<i>Novo Deit-Libras: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Libras</i>		Capovilla, Raphael e Maurício	Edipusp – São Paulo, SP
2011	<i>Dicionário ilustrado de Libras</i>		Brandão	Global Editora – São Paulo, SP
2017	<i>Língua das Mãos</i>		Pe. Eugenio Oates (adaptação Simone Vecchio)	Editora Santuário/SP
2019	<i>Dicionário da língua de sinais do Brasil: a Libras em suas mãos – 3 volumes</i>		Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins	Edipusp – São Paulo, SP

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor.

Os dicionários mencionados são obras impressas bilíngues em Libras, que continuam a ser difundidos até o momento. Apesar de as obras estarem organizadas por ilustrações, sinais e descrições correspondentes aos vocábulos, é importante ressaltar que os dicionários trilingues, naturalmente, são mais abrangentes que os bilíngues e incluem definições, exemplos, escrita dos sinais e frases em inglês.

A Libras foi reconhecida como língua oficial no Brasil em 2002 pela Lei 10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto 5.626/2005 (Brasil, 2002; 2005). Esse reconhecimento impulsionou o desenvolvimento de recursos lexicográficos para essa língua. Nos primeiros anos

depois do reconhecimento oficial, a Lexicografia da Libras começou a ganhar destaque, com esforços para compilar obras lexicográficas que pudessem ajudar na disseminação e aprendizado dessa língua. Além disso é uma área, com um papel vital na promoção e preservação dessa língua visual-espacial no contexto brasileiro.

No âmbito da Libras, há diversos recursos lexicográficos cujo propósito é documentar e fornecer informações por meio da modalidade visual. Alguns dicionários apresentam pontos problemáticos, portanto, ainda é importante realizar pesquisas que abordem temas como o léxico, a gramática da língua e outras informações. Frequentemente isso envolve a apresentação de entradas lexicais de sinais em Libras, como discutido por Marinho (2007). Essas entradas são frequentemente acompanhadas por definições, exemplos de uso e informações gramaticais. Segundo Almeida e Souza (2023, p.234), a lexicografia bilíngue:

a lexicografia bilíngue (LB), sobretudo aqui neste texto, uma vez que parte do repertório lexicográfico da língua brasileira de sinais é composto por dicionários, que normalmente se autointitulam “dicionário de Libras”, “dicionário de língua brasileira de sinais” e assemelhados são, na verdade, dicionários bilíngues na direção português – Libras.

Algumas análises e pesquisas lexicográficas referem-se a dicionários em línguas de sinais ou dicionários em Libras. No contexto acadêmico, na verdade, é mais frequente encontrar dicionários bilíngues em Libras para português.

Os dicionários digitais e recursos *online* tornaram-se mais frequentes, facilitando o acesso ao léxico da Libras. Uma das informações disponíveis *online* é a seguinte: Glossários em Libras são listas de termos específicos, geralmente organizadas por temas ou contextos, “[...] abrangendo a coleção de sinais relacionados a um tópico específico.” (Oliveira; Stumpf, 2013). Essa categoria engloba diversos recursos que documentam o léxico de Libras, indo além de uma simples listagem de palavras. Repertórios podem incluir informações sobre variações regionais, níveis de formalidade e variações ao longo do tempo.

3.3.2 Lexicografia em LSE

Assim como em outros países, as línguas de sinais na Espanha foram historicamente subestimadas. Nos últimos anos, houve um reconhecimento crescente da diversidade linguística e cultural das comunidades surdas, incluindo a LSE. A LSE foi reconhecida oficialmente na Espanha em 2007, através da Ley 27/2007 sobre as Línguas Oficiais no Estado Espanhol (Espanha, 2007).

A história da lexicografia em LSE na Espanha tem evoluído progressivamente ao longo de quase cinco séculos. Além disso, a LSE é a língua natural utilizada pela comunidade surda. Rodriguez-Martín (2016, p. 128) destaca a importância da comunidade surda e da língua natural neste contexto:

[...] La lengua de signos es la que consideran su lengua natural, su rasgo identitario primordial y el principal factor aglutinante a la vez que mecanismo de transmisión cultural de su comunidad. Es un requisito imprescindible para la integración social en la Comunidad. [...], en nuestro caso del Estado Español, de la lengua de signos (tanto la catalana como la española) como lengua natural de la Comunidad Sorda y en igualdad de condiciones con las demás lenguas del Estado.

Segundo a pesquisadora Dolores Rodriguez-Martín (2016, p. 387), a LSE é reconhecida como língua natural da minoria linguística.

[...] Las personas sordas, a pesar de no mencionar directamente la vinculación de la lengua de signos con la creación de una minoría lingüístico-cultural (que se propugna desde los organismos e instituciones), sí consideran que esta es su lengua. Consideran que es la lengua de las personas Sordas, su lengua natural, se sienten orgullosas de ella y vivieron con entusiasmo el reconocimiento que se dio a nivel legislativo a la lengua de signos.

Já sabemos que a Língua de Sinais Espanhola (LSE) tem sido objeto de estudo desde o século XVI, com sua influência e referência na história da educação de surdos, internacionalmente reconhecida, especialmente através da figura de Fray Pedro Ponce de León, como dito anteriormente, considerado o primeiro educador de surdos no Mosteiro de San Salvador em Oña, Burgos, na Espanha (Ricão; Asensio, 2004). Até o século XVIII, não há registros de lexicografia específica para línguas de sinais na Espanha, havendo apenas documentos que mencionam o alfabeto manual.

É fundamental compilar os registros da evolução da lexicografia no contexto histórico da LSE, uma vez que esta língua faz parte do patrimônio linguístico de uma minoria linguística. Vale ressaltar o papel de um estudioso intelectual, Hervás y Panduro, que, como já dito, foi diretor e professor do Real Colegio de Surdos-Mudos de Madrid. Ele foi o primeiro a publicar o primeiro minidicionário da LSE, no qual explica alguns detalhes sobre o funcionamento da gramática mental dos surdos (Ricão; Asensio, 2004).

Ele empreendeu a elaboração do “*Diccionario Semalógico de Verbos*” (Ricão; Asensio, 2004). Segundo González e Antón (2018), Pinedo (1981b), o uso desse dicionário não foi prático para a comunidade surda, uma vez que estava voltado exclusivamente para a língua oral e não considerava as necessidades linguísticas específicas dos surdos:

[...] los diccionarios de español: "el uso del diccionario, al contrario de lo que pudiéramos creer [...] no sirve prácticamente de ayuda alguna al sordo, a no ser en el caso de aquellos que ya posean un amplio conocimiento del lenguaje" (Pinedo, 1981b: 30). Además, unas páginas más adelante Pinedo (1981b: 41) insiste: "Por desgracia la solución no es válida. El diccionario no sirve prácticamente en absoluto a no tratarse de sordos con amplios conocimientos previos [de la lengua oral] (González Y Antón, 2018, p.897).

O dicionário “Semalógico”, publicado em 1795, foi um dos primeiros dicionários em LSE da história. No entanto, Hervás e Panduro observaram que o dicionário não era útil para os surdos que o consultavam, uma vez que as informações constam a escrita da língua oral, tornando difícil sua compreensão para os surdos. Além disso, as línguas de sinais são naturais para expressar os verbos, cujos significados não eram compreensíveis na forma escrita.

[...]cuya acción es invisible o algo difícil de entender, se deberían observar las señas, que los sordomudos hablando entre si, o con otros que no son sordomudos hacen naturalmente para expresar la significación de tales verbos (Ricão Y Asensio, 2004, p. 253)

A Lexicografia da língua de sinais está em constante transformação, influenciada pelo avanço das pesquisas Metalexicograficas. Evidenciava-se uma carência de profissionais na área de ilustração manual e de lexicólogos especializados, o que limita a organização clara dos dicionários nos termos da modalidade da língua visuoespaciais. Hoje, comparativamente ao primeiro dicionário de Fernández (1851), observam-se semelhanças no dicionário semalógico de verbos e no dicionário gramatical mental de Hervás e Panduro. Contudo, é notável o progresso alcançado, com os dicionários em Língua de Sinais evoluindo para oferecer maior clareza e utilidade aos seus usuários, proporcionando uma melhor compreensão e visibilidade da língua de sinais.

A seguir, apresenta-se a cronologia dos dicionários da LSE já registrados como um recurso patrimonial da minoria linguística da comunidade surda.

Figura 31. Cronologia dos dicionários da LSE



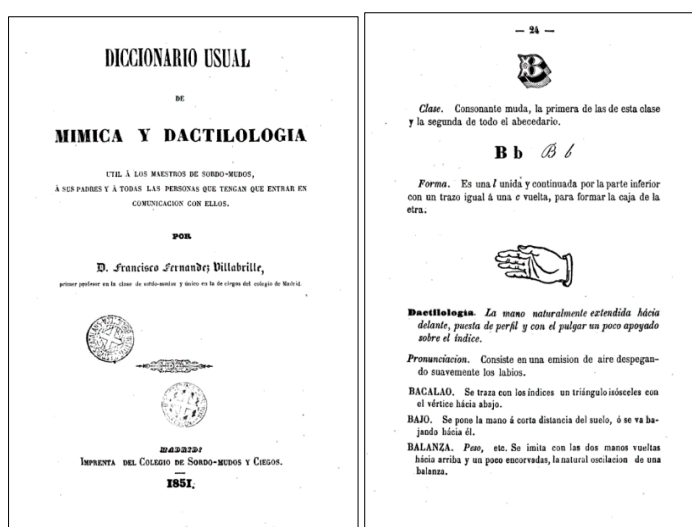
Fonte: Valdés-González Y Martín-Antón (2018).

Embora a história tenha sido iniciada por Francisco Fernández Villabrille, em 1851, com o “*Diccionario Mímico y Dactilológico Español*”, que apresentava uma organização alfabética e descrição de 1.500 sinais escritos correspondentes ao sinal (González; Antón, 2018).

Segundo Pereiro e Lago (2015, p. 730), a evolução do dicionário:

Otro hito que permite ver la evolución del idioma es el Diccionario de mímica y dactilología de Francisco Fernández Villabrille (1851) que realiza un registro de 1547 signos con una descripción de sus realizaciones. Este diccionario permite realizar una comparación con la realización actual del signo y observar así su evolución.

Figura 32: *Diccionario Mímico y Dactilológico Español -1851*



Fonte: Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/_/rYd6tieUJ7kC?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em mar. 2025.

Em 1954, a obra lexicográfica publicada em LSE teve um papel de liderança na comunidade surda espanhola, sendo conhecida por Juan Luis Marroquin. Essa obra foi considerada “*El primer Diccionario de LSE del movimiento asociativo*”. Posteriormente, em 1975, foi publicado o livro “*El lenguaje Mímico*”, o dicionário contém 200 vocábulos e 238 ilustrações em sinais e formas de mão para sinalizar e alguns tem parte de rosto (Rodríguez *et.al.*, 2008).

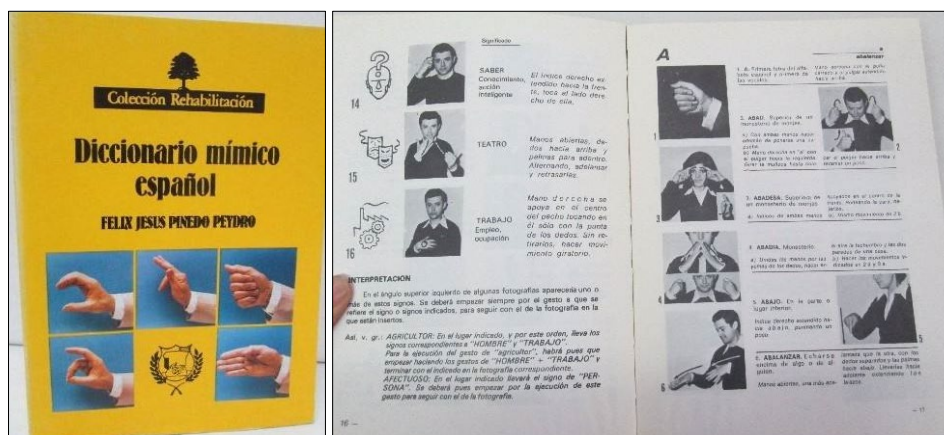
Figura 33. “El lenguaje Mimico” (1975)



Fonte: Artigo “Resumen de lecciones dadas en los cursos para la formación del profesorado de educación especial en el Colegio Nacional de Sordomudos”.

Passados alguns anos, foi publicado o “Diccionario Mimico Español” por Félix Jesús Pinedo Peydró, em 1981. Segundo esse autor, o dicionário conta de 3258 verbetes definidos. Na organização do dicionário, são incluídas ilustrações, sinais, definições e formas de sinalização com as mãos, apresentadas em preto e branco. Além disso, o dicionário possui um sumário que contém informações técnicas, sinais miméticos de uso mais frequente, um dicionário alfabético e dois apêndices: o primeiro com cidades e regiões e o segundo com números (Rodriguez, *et.al.*, 2008).

Figura 34. “Diccionario Mimico Español” (1981).



Fonte: Dados da pesquisa. Google Livros.

O pesquisador Pinedo Peydró foi um estudioso da LSE e foi considerado como presidente de honra da Confederação Nacional de Surdos da Espanha (1975 - 1992). Conforme a revista “Faro del Silêncio”, Peydró é apresentado da seguinte maneira:

[...]siempre fue la docencia, si bien destacó también en ámbitos como la militancia social y la promoción del arte y la cultura de las personas sordas. Presidente de la CNSE entre los años 1979 y 1992, se formó al lado de su fundador, Juan Luis Marroquín, y como él, contribuyó a fomentar el encuentro entre las personas sordas de toda España para lograr un asociacionismo fuerte y cohesionado. En este sentido, coordinó la organización del I Congreso Nacional de Sordos de España, un encuentro que por primera vez, reunió a personas sordas, familias y profesionales para reflexionar acerca de la realidad de este colectivo. Una de sus principales motivaciones fue la conquista de derechos para las ciudadanas y ciudadanos sordos. Así, convocó a las personas sordas españolas en una manifestación multitudinaria, que por primera vez, hacía visible sus necesidades y demandas, y sus ganas de participar y vivir en una sociedad sin barreras (CNSE, 2015, p. 5)

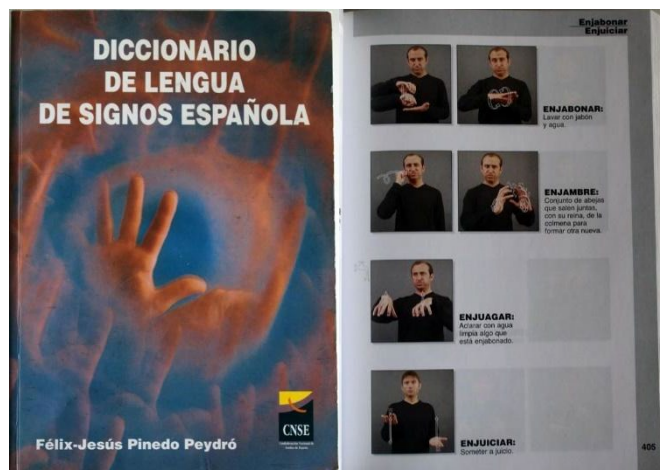
A história da criação da *Confederación Estatal de Personas Sordas* (CNSE), inicialmente foi chamada de *Federación Nacional de Sociedades de Sordomudos de España* (FNSSE). Em 1936, Marroquín foi seu primeiro presidente. Ele se uniu com Pinedo Peydro para que esta organização, CNSE, em 1983, fosse uma entidade de referência ao atendimento e defesa dos cidadãos surdos, promovendo e realizando encontros de pessoas surdas na Espanha. Durante esses encontros, discutiu-se a importância da ação social e a manifestação dos direitos dos surdos como cidadãos espanhóis (Rodríguez Martín, 2016).

A CNSE foi desenvolvendo o projeto e planejamento que promovem o reconhecimento legal da LSE e que vem contribuindo e ampliando os estudos lexicográficos das LSE. Segundo Rodríguez, *et. al*, (2008, s/p), o trabalho da CNSE:

[...]se implica mucho más en la planificación lingüística de la LSE, impulsando políticas que fomenten su normalización y normativización y defendiendo ante los poderes públicos el reconocimiento legal de esta lengua. Se crea una Comisión de expertos que elaboran el Plan de Normativización y normalización de la Lengua de Signos Española 2007-2010).

Penido Peydro publicou o “*Diccionario de Lengua de Signos Española*”, em 2000, com 3700 entradas com definições e 6000 fotografias coloridas. Esse dicionário segue a ordem alfabética do espanhol e quatro apêndices: localização na Espanha, países, alimentos e bebidas e números.

Figura 35. Diccionario de Lengua de Signos Española (2000)

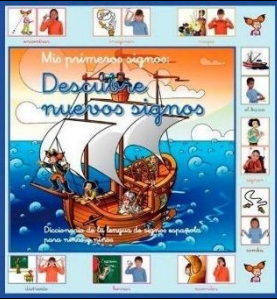

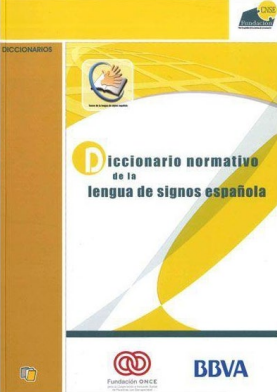
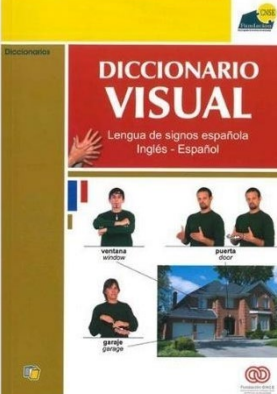


Fonte: Dados da pesquisa. Foto do dicionário físico.

A seguir, apresenta-se o quadro dos dicionários em LSE organizado cronologicamente:

Quadro 3. A cronologia do dicionário em LSE em material impresso.

ANO	TÍTULO	ILUSTRAÇÃO	AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO
2005	<i>Diccionario de la Lengua de Signos Española</i>		Jose Antonio Miron	Ediciones Universidad Salamanca
2005	<i>Mis primeros signos: diccionario de lengua de signos española para niños y niñas</i>		Fundación CNSE	Fundación CNSE

2010	<i>Mis primeros signos: descubre nuevos signos</i>		Fundación CNSE	Fundación CNSE
2008	<i>Diccionario normativo de lengua de signos española</i>		Fundación CNSE	Fundación CNSE
2011	<i>Diccionario normativo de la Lengua de Signos Española</i>		Fundación CNSE	Fundación CNSE
2013	<i>Diccionario visual LSE- Inglés-Español</i>		Fundación CNSE	Fundación CNSE

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor.

A história da lexicografia da LSE envolveu um esforço de ampliação dos léxicos em sinais, com uma melhoria progressiva ao longo do tempo. Nesse sentido, a evolução da Lexicografia impulsionou a política da CNSE, que promoveu a difusão dos dicionários e contribuiu para os estudos linguísticos da LSE.

O reconhecimento oficial da LSE impulsionou o desenvolvimento de recursos lexicográficos para a LSE, depois que ela passou a ser integrada nas instituições educacionais.

Como consequência disso, foram criados materiais pedagógicos, que incluem dicionários impressos e digitais que apoiam a educação dos surdos, pois esses recursos têm como objetivo documentar, preservar e difundir o léxico da LSE.

A comparação dos dicionários pode revelar diferenças culturais nas línguas de sinais, permitindo aos usuários uma maior compreensão da diversidade linguística e cultural da comunidade surda. Contribuí, também, para auxiliar os pesquisadores na utilização do contraste de dicionários lexicográficos em Libras e LSE. Essa análise colabora para a expansão do conhecimento e aprimoramento das habilidades linguísticas na comunidade surda e suas línguas.

3.3.3 Processo de criação lexical em Libras e LSE

O processo de criação lexical, em Libras e LSE, envolvem várias etapas que servem para identificar, desenvolver e incorporar sinais ao vocabulário das línguas de sinais. Embora existam algumas diferenças entre os processos de criação lexical em cada língua de sinais, o objetivo geral da criação de novos sinais é enriquecer o léxico e garantir que as línguas sejam capazes de expressar adequadamente ideias e conceitos. Isso quer dizer que as palavras ou conceitos que ainda não têm sinais estabelecidos em Libras ou LSE devem ser incorporados cuidadosamente ao vocabulário, respeitando as etapas para sua inclusão. Por exemplo, o termo “COVID” e a palavra “PANDEMIA”, que se disseminaram na sociedade, nos últimos anos face aos acontecimentos que todo o mundo vivenciou ou qualquer outro elemento linguístico que os usuários da língua de sinais sintam a necessidade de expressar, pode envolver a necessidade de realizar pesquisas em diferentes fontes, assim como a especialistas e membros da comunidade surda para garantir a precisão e adequação dos novos sinais criados. Depois de passar por testes e avaliações, os novos sinais são incorporados ao léxico da língua de sinais correspondente e são disponibilizados em materiais educacionais, dicionários e outros recursos linguísticos para que possam ser aprendidos e utilizados pelos membros da comunidade surda.

É importante ressaltar que o processo de criação lexical em Libras e LSE é contínuo, pois as línguas de sinais, como qualquer outra língua, estão em constante evolução e se adaptando às necessidades e demandas da comunidade surda. Novos sinais surgem à medida que novos conceitos e emergem, e a participação ativa da comunidade surda é essencial nesse processo.

3.3.4 Registro de léxicos

O registro dos léxicos em Libras e LSE envolvem a documentação e catalogação dos sinais utilizados nas respectivas línguas de sinais. Um dos objetivos desse registro é criar dicionário sistemático e organizado do vocabulário existente, permitindo o acesso e estudo dos sinais por parte da comunidade surda, pesquisadores e profissionais que trabalham com as línguas de sinais.

As obras lexicográficas por enquanto continuam a compilar os sinais em ordem alfabética, fornecendo sua representação gráfica, definições e exemplos de uso. Dicionários podem ser bilíngues (com a língua de sinais). Nesse sentido, Tuxi (2017, p. 30) explica:

Os estudos do Léxico e da Terminologia na Língua de Sinais Brasileira configuram um novo paradigma de cunho teórico e de organização linguística no meio acadêmico. Essa mudança resulta da necessidade que a LSB (Língua de Sinais Brasileira) tem em ocupar o lugar de língua de comunicação e de interação.

O estudo do léxico das duas línguas é essencial para o desenvolvimento de obras lexicográficas como dicionários. O léxico abrange o conjunto de palavras, sinais e expressões utilizados em uma língua e desempenha um papel central na expressão de ideias e na comunicação efetiva. O estudo do léxico envolve a análise dos diferentes tipos de sinais, sua formação, classificação e variação regional ou cultural. Ao compreender como as palavras e expressões são organizadas e utilizadas nas línguas de sinais é possível desenvolver dicionários que registrem e disponibilizem esse conhecimento de forma acessível aos usuários. Os dicionários podem ser tanto impressos quanto eletrônicos. Muitos esforços têm sido feitos para desenvolver recursos lexicográficos abrangentes que reflitam a riqueza e a diversidade dessas línguas visuogestuais.

Nos dicionários, as entradas são compostas de verbetes ilustrados e ordenados alfabeticamente, acompanhados de descrição, com classificação gramatical, definição e descrição da forma dos sinais, já nos manuais, as entradas são compostas de verbetes ilustrados e indexados por classe semântica.

Para as línguas de sinais, é fundamental incluir representações visuais dos sinais correspondentes a cada palavra. Isso pode ser feito por meio de ilustrações, fotos ou vídeos que demonstram como realizar o sinal corretamente. Além das palavras, os léxicos também podem incluir informações sobre a gramática e a estrutura da língua de sinais, envolvendo a ordem das palavras, expressões faciais para ajudar os usuários a entenderem como as palavras são usadas em contexto, exemplos de frases e/ou situações em que as palavras são aplicadas.

Dada à diversidade das línguas de sinais, alguns léxicos podem abordar variações regionais ou diferenças dialetais no uso dos sinais. Com o desenvolvimento natural das línguas de sinais e a introdução de novos sinais ou expressões, os lexicais têm que ser periodicamente atualizados para refletir essas mudanças.

É importante observar que diferentes comunidades surdas podem ter diferentes abordagens para a documentação de sua língua.

3.3.5 Tipologia e usabilidade

A tipologia e a usabilidade, em Libras, referem-se ao estudo dos diferentes tipos de sinais utilizados nessa língua e sua aplicação prática na comunicação. A tipologia, descrição, análise e crítica lexicográfica são etapas essenciais do processo de desenvolvimento de dicionários e recursos lexicográficos. Cada uma dessas etapas desempenha um papel específico e contribui para a qualidade e precisão do trabalho lexicográfico. Segundo Souza (2020, p. 46):

Com o surgimento de novas reflexões com foco nos dicionários, os primeiros trabalhos à luz da Metalexigrafia compreendiam questões inerentes à tipologia, descrição, análise e crítica lexicográfica (Hwang, 2010). Com isso, o trabalho dos lexicógrafos passou a ser guiado por esses referenciais, que contribuíram substancialmente, do ponto de vista epistemológico, para um reexame dos aspectos teóricos e metodológicos subjacentes à elaboração de uma obra lexicográfica.

A tipologia lexicográfica refere-se à classificação e categorização dos dicionários de acordo com critérios específicos, como o público-alvo, o tipo de informação fornecida, o formato, entre outros. Essa classificação ajuda a identificar as características e particularidades de cada dicionário, auxiliando na escolha e utilização adequada dessas ferramentas lexicográficas.

Alguns estudiosos argumentam que não é fácil diferenciar os tipos de obras lexicográficas, como dicionários, glossários, vocabulários e léxicos, com base em critérios teórico-linguísticos, porque alguns metalexicógrafos se baseiam em critérios linguísticos para estabelecer esses termos, e as obras que eles representam são provenientes de períodos anteriores às teorias lexicográficas. Portanto, as tipologias e a história da lexicografia possuíam significados específicos em épocas diferentes (Cunha; Aguilera, 2019).

Conforme observado por Martínez de Sousa (2009, p. 48), é difícil estabelecer uma separação radical e estrita entre os aspectos descritivos e normativos presentes em obras lexicográficas, devido à frequente presença de elementos mistos, que levam a dificuldades na categorização e classificação dos dicionários por famílias ou grupos distintos.

Para Krieger (2006, p. 142) tipos de obras lexicográficas são:

[...] alguns aspectos do universo da prática e da metodologia referentes à produção de dicionários que, longe de ser uniforme, apresenta uma grande variedade tipológica – dicionário monolíngue, bilíngue, dicionário geral, tipo thesaurus, tipo padrão, de usos, minidicionário, dicionário escolar, – entre tantas outras possibilidades. Isto para ficar no âmbito das obras de referência linguística, ou seja, as que registram o léxico de forma sistemática e são, conseqüentemente, consideradas como paradigmas linguísticos, independente de sua extensão.

Essa tipologia de dicionários estabelece diversas perspectivas para compreender as informações tratadas na classificação dos dicionários. Existem diferentes categorias de dicionários, tais como dicionário histórico-sincrônico, diacrônico, contemporâneo, geral, especializado, filosófico, linguístico e outras que abrangem informações teóricas, histórico-culturais e práticas da linguagem social (Cunha; Aguilera, 2019).

Segundo Souza (2020, p. 47) a classificação do dicionário organizado por Correia (2009) pode ser compreendida em dois sentidos, “genérico” e “estrito”:

[...] No primeiro, o dicionário funciona como uma espécie de catálogo, em que a ordenação dos itens (palavras ou expressões) é habitualmente alfabética, isto é, semasiológica, cuja orientação parte do significante para o significado. Já no sentido estrito, tem-se a ideia do dicionário enquanto um livro, que por sua vez é constituído por uma longa lista de palavra-entrada, apresentada também em ordem alfabética, onde cada uma é seguida de informações, organizadas em formato de texto, que tem por finalidade possibilitar ao consulente sanar determinadas dúvidas que podem estar relacionadas ao significado, aos itens da realidade passíveis de serem nomeados, ao uso, entre outras informações.

O dicionário de determinada língua é um modelo do léxico que oferece a descrição de cada entrada lexical, variando a depender da especificidade da tipologia do dicionário para o público-alvo. A produção da obra lexicográfica e sua estrutura podem ser organizadas de duas maneiras: como um catálogo, apresentando informações semasiológicas, ou como um texto informativo, com listas de palavras em ordem alfabética, fornecendo explicações e esclarecimentos sobre os significados das palavras, seus usos e outras informações relevantes.

Welker (2004) aborda a tipologia do dicionário, destacando a existência de várias especificidades e possibilidades de classificação. Outros autores também discutem diferentes tipologias de dicionários, por exemplo: Scebra (1940), Malkiel (1959; 19559a; 1962), Sebeok (1962), Rey (1970), Al-kasimi (1977), Haensch (1982), Hausmann (1985), Martínez de Sousa (1995) e Béjoint (2000). Na figura a seguir apresenta a tipologia de Martínez De Souza (2009, p. 52 - 53):

Figura 36. Classificação dos dicionários.

Clasificación de los diccionarios		
1. Criterio léxico	2.7. dicionario de citas	4.3.9. dicionario de frecuencia, dicionario estadístico
1.1. dicionario semasiológico	3. Criterio paradigmático	4.3.10. dicionario de valencias verbales
1.1.1. dicionario general, dicionario universal	3.1. dicionario onomasiológico, dicionario por conceptos, dicionario conceptual, dicionario por materias, dicionario sistemático, dicionario notional	4.4. dicionario de antropónimos, dicionario de nombres de persona
1.2. dicionario de lengua, dicionario lingüístico	3.1.1. dicionario ideológico	4.4.1. dicionario de topónimos
1.2.1. dicionario descriptivo	3.2. dicionario de sinónimos	4.4.2. dicionario geográfico
1.2.1.1. dicionario de uso	3.3. dicionario de antónimos	4.4.3. dicionario de gentilicios
1.2.2. dicionario exhaustivo, dicionario integral	3.4. dicionario de homónimos	4.4.4. dicionario de epónimos
1.2.3. dicionario selectivo, dicionario restrictivo, dicionario restringido	3.4.1. dicionario de homófonos	5. Criterio enciclopédico
1.2.3.1. dicionario de autoridades	3.4.2. dicionario de parónimos	5.1. dicionario de cosas
1.2.3.1.1. dicionario normativo, dicionario prescriptivo, dicionario preceptivo	3.5. dicionario inverso, dicionario de terminaciones	5.1. dicionario enciclopédico, dicionario de materias
1.3. dicionario etimológico	3.5.1. dicionario de la rima	5.1.1. dicionario enciclopédico regional
1.4. dicionario histórico	3.5.2. dicionario de crucigramas	6. Otras clasificaciones
1.5. dicionario cronológico	3.6. dicionario ideográfico	6.1. Historia
1.6. dicionario de sociolectos	3.6.1. dicionario por la imagen, dicionario pictórico, dicionario visual	6.1.1. dicionario diacrónico
1.6.1. dicionario de jerga, dicionario de argot	3.6.1.1. dicionario de gestos	6.1.2. dicionario sincrónico
1.6.2. dicionario del lenguaje de las grandes ciudades	4. Criterio terminológico	6.2. Lengua
1.7. dicionario de arcaísmos	4. dicionario especializado, dicionario monográfico, dicionario de especialidad	6.2.1. dicionario monolíngüe, dicionario homogloso, dicionario unilingüe
1.8. dicionario de neologismos	4.1. dicionario terminológico	6.2.2. dicionario plurilingüe, dicionario heterogloso, dicionario polilingüe
1.9. dicionario de equivalencias	4.1.1. dicionario tecnológico	6.2.2.1. dicionario bilingüe
1.10. dicionario de extranjerismos, dicionario de voces extranjeras	4.1.2. dicionario científico	6.2.2.2. dicionario multilingüe, dicionario poligloto
1.10.1. dicionario de galicismos	4.1.3. dicionario técnico, dicionario de tecnicismos	6.3. Presentación y ordenación de los materiales
1.10.2. dicionario de anglicismos	4.2. dicionario de abreviaciones	6.3.1. dicionario citador, dicionario codificador
1.11. dicionario dialectal, dicionario de dialectalismos	4.2.1. dicionario de abreviaturas	6.3.2. dicionario descifrador, dicionario descodificador
1.11.1. dicionario de localismos	4.2.2. dicionario de acrónimos	6.3.3. dicionario transcodificador
1.11.2. dicionario de provincialismos	4.2.3. dicionario de siglas	6.3.4. dicionario inductivo
1.12. dicionario de regionalismos	4.2.4. dicionario de símbolos	6.3.5. dicionario deductivo
1.12.1. dicionario de americanismos	4.2.5. dicionario biográfico	6.3.6. dicionario acumulativo, dicionario amplificador
1.12.2. dicionario de filipinismos	4.2.6. dicionario bibliográfico	6.3.7. dicionario diferenciador
1.12.3. dicionario de hispanismos	4.2.7. dicionario biobibliográfico	6.3.8. dicionario alfabético
1.13. dicionario humorístico	4.3. dicionario gramatical	6.3.9. dicionario analógico
2. Criterio sintagmático	4.3.1. dicionario de dobles	6.3.10. dicionario sistemático
2. dicionario sintagmático	4.3.2. dicionario de dudas	6.4. Formas satélites
2.1. dicionario de fraseología, dicionario fraseológico	4.3.3. dicionario de dificultades	6.4.1. dicionario abreviado, dicionario compendiado
2.1.1. dicionario de frases célebres	4.3.4. dicionario de incorrecciones	6.4.2. dicionario básico, dicionario elemental, dicionario esencial, dicionario fundamental
2.2. dicionario sintáctico, dicionario de sintaxis	4.3.4.1. dicionario de barbarismos	6.4.3. dicionario escolar
2.2.1. dicionario de construcción y régimen	4.3.4.2. dicionario de solecismos	6.4.4. dicionario estudiantil
2.3. dicionario de colocaciones	4.3.5. dicionario de estilo	6.4.5. dicionario ilustrado
2.4. dicionario combinatorio	4.3.6. dicionario ortográfico	6.4.6. dicionario infantil
2.5. dicionario de modismos	4.3.7. dicionario de pronunciación, dicionario ortóptico	6.4.7. dicionario inicial
2.6. dicionario de refranes	4.3.8. dicionario de conjugación	6.4.8. dicionario júnior
		6.4.9. dicionario pequeño
		6.5. Modalidades de edición
		6.5.1. dicionario actual
		6.5.2. dicionario actualizado
		6.5.3. dicionario moderno
		6.5.4. dicionario práctico
		6.5.5. dicionario razonado
		6.5.6. dicionario auxiliar
		6.6. Extensión y formato
		6.6.1. dicionario breve, dicionario conciso
		6.6.2. dicionario grande (gran dicionario)
		6.6.3. dicionario de bolsillo
		6.6.4. dicionario manual
		6.7. Publicación
		6.7.1. dicionario en entregas, dicionario por entregas, dicionario en fascículos, dicionario por fascículos
		6.7.2. dicionario en soporte magnético
		6.7.2.1. dicionario informático

Fonte: Martínez de Souza (2009, p. 52 - 53).

Essa classificação e tipologia refletem a complexidade e a variedade de propósitos que os dicionários podem ter, atendendo às necessidades específicas dos usuários e os contextos de uso de cada língua.

É fundamental destacar em cada dicionário a descrição lexicográfica, explicando detalhadamente as informações que ajudam na compreensão do leitor. Conforme citado por Polguère (2018), ao descrever o léxico de uma língua, é relevante considerar aspectos sociais, culturais e lingüísticos dessa língua, contribuindo para a organização do texto do dicionário. Martins (2020 p. 187) citou a proposta da descrição lexicográfica de Wiegand (1984):

[...] parte do princípio que a elaboração de uma definição lexicográfica deve lançar mão da linguagem natural como referência para o usuário, de modo que ele possa identificar expressões familiares nas quais um enunciado esteja com linguagem tecnicamente rebuscada e distante do diálogo e da comunicação natural do seu cotidiano.

Ao elaborar uma descrição lexicográfica é importante utilizar uma linguagem natural que permita ao usuário compreender as informações, evitando estruturas pouco comuns no uso cotidiano. Essa abordagem é destacada por Wiegand (1984), conforme Martins (2020, p. 17)²¹:

²¹ Quando os lexicógrafos explicam o significado de um lema em um dicionário monolíngüe para um usuário em potencial, eles devem pensar exatamente da mesma maneira que os falantes da língua. O enunciado deve ser como nos diálogos cotidianos com os significados de cada parte em resposta as interrogações. As atividades do

When lexicographers explain the meaning of a lemma-sign in a monolingual dictionary to a potential user of the dictionary, they must on principle proceed exactly the same way as speakers of the same language do in everyday dialogues about the meanings of parts of utterances that have been questioned. At all events, the activities of the lexicographer when explaining the meaning of a lemma-sign, and in particular the results, of these activities, show a greater similarity to the explanations of meaning given by speakers in everyday dialogues than to the procedures and definitions of natural and social scientists defining expressions belonging to academic and scientific usage and thereby creating technical terms.

O dicionário geral monolíngue deve empregar uma linguagem semelhante àquela utilizada em conversas comuns, porque as atividades do lexicógrafo devem ser capazes de esclarecer o significado das palavras de maneira análoga às explicações que um falante daria em uma conversa cotidiana, em vez de se concentrarem apenas em definições científicas ou termos técnicos. Nesta pesquisa, aborda-se a análise contrastiva das Línguas de Sinais, o que envolve avaliação e compilação dos sinais léxicos em duas línguas de uma mesma modalidade, que é o visual-espacial. Por meio disso, realiza-se uma análise lexicográfica das línguas de sinais em busca de uma identificação descritiva dos dicionários, observando as informações qualitativas e investigando o funcionamento dos dicionários para os consulentes.

Em relação à usabilidade dos dicionários, envolve a importância de identificar o uso agradável e a satisfação ao ler a informação e o manuseio do dicionário desejado por usuário. Segundo Souza (2020, p. 248). Cita que a usabilidade é:

[...] apontado pelos estudiosos citados na seção pertinente ao tema (DUBEY; RENA, 2012; NIELSEN; LORANGER, 2006; NIELSEN, 1993) diz respeito à facilidade do usuário em manusear determinado produto. Quando a usabilidade do produto lexicográfico, como é o caso deste trabalho, é boa, a acurácia da consulta é maior.

Segundo Souza (2020), a pesquisa incluiu entrevistas com usuários para explorar a experiência de uso de dicionários em Libras. Um dos pontos destacados é a importância de manusear os dicionários de forma que os usuários possam interagir de maneira clara e competente. As perspectivas dos usuários também apontam para o avanço tecnológico dos dicionários disponíveis na internet, que refletem maior qualidade de interação. No entanto, surge a preocupação com o acesso limitado aos dicionários impressos no futuro.

lexicógrafo deve ser capaz de explicar o significado de um lema. Os resultados deste trabalho devem ter semelhança com as explicações do significado possivelmente oferecidas por um falante em diálogo cotidiano. Muito mais do que definições científicas concentrada em fatores naturais e sociais comuns as definições e expressões acadêmicas para termos técnicos (Wiegand, 1984, p. 17, tradução de Martins, 2020).

CAPÍTULO IV METODOLOGIA DA PESQUISA

4.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. Este trabalho, portanto, se propõe a apresentar uma descrição linguística dessas palavras desse âmbito em duas línguas: a Libras e a LSE especificamente no âmbito da área do ensino/contexto acadêmico.

4.2 JUSTIFICATIVA

A escolha pela área do ensino encontra afinidade na própria definição da Linguística Contrastiva (LC), quando esta se propõe a analisar e comparar dois ou mais sistemas linguísticos com fins didáticos, objetivando o ensino de uma Língua Estrangeira – LE. Além disso, o ambiente escolar desperta o meu interesse, considerando a minha atuação como professor da rede pública federal.

Os leigos costumam pensar que as línguas de sinais são todas iguais. Nós, surdos, assim como os participantes da comunidade surda, sabemos que cada país tem uma ou mais língua(s) de sinais específicos. Esta tese ajuda a comprovar que a língua de sinais usada no Brasil, como disse inicialmente, tem seus próprios sinais e estrutura, enquanto a língua de sinais usada pelos surdos espanhóis é específica daquele país. Parece pouco pretender mostrar isso, mas não é, pois estão sendo provadas várias coisas por meio de evidências claras. Uma dessas evidências vem a ser o fato de que as línguas são criações de seus usuários, por isso as línguas refletem características do mundo no qual seus usuários vivem.

Outra evidência é que embora cada língua seja uma, existem semelhanças entre elas, e neste trabalho, por meio do contraste, evidenciamos algumas semelhanças e algumas diferenças das duas línguas aqui apresentadas. Para isso, procuram-se escolher um campo semântico interessante, que é o da educação, para contrastar o léxico como material de ensino para surdos. O que quero dizer é que, além de provar a especificidade da Libras e da LSE dentro de um campo semântico específico, também se está mostrando os sinais da Libras e da LSE dentro do campo semântico definido para este trabalho.

Este trabalho contribui, indiscutivelmente, para a discussão sobre a especificidade das línguas de sinais, levando essa discussão a um estágio avançado tanto no âmbito da Linguística, como também no da Linguística Aplicada e no dos Estudos Surdos.

4.3 CONTORNOS METODOLÓGICOS

Foram selecionadas categorias de vocabulários relacionadas ao ensino em contextos acadêmicos com o objetivo de analisar a presença ou a ausência de sinais equivalentes nos dicionários de Línguas de Sinais. O levantamento contempla 22 categorias temáticas, totalizando 143 vocábulos, todos pertencentes ao domínio educacional e acadêmico. Os vocábulos foram identificados e extraídos sempre que possível de dicionários voltados para a área do ensino. Nesta pesquisa, os dados coletados foram organizados em quadros, que serviram de base para a análise da existência ou ausência de sinais nos referidos dicionários. Para a análise dos vocábulos selecionados, foram consultados dicionários impressos e digitais de Libras e LSE, priorizando recursos que facilitassem a identificação e a comparação de sinais equivalentes.

A escolha pelo “Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos” (Capovilla et al., edições mais recentes pela Edusp) se deve ao fato de que ele é reconhecido nacionalmente como uma das obras de referência mais abrangentes e consolidadas. Esse dicionário foi obtido por empréstimo na biblioteca do Campus IFSC Palhoça Bilíngue, o que garantiu acesso a uma fonte confiável e amplamente utilizada pela comunidade surda brasileira.

Já os dicionários impressos em língua de sinais espanhola foram adquiridos por investimento pessoal do pesquisador com o intuito de permitir uma análise aprofundada durante o desenvolvimento da pesquisa. Essa escolha foi realizada quando o pesquisador estava em uma viagem de estudos à Espanha, durante a qual foi realizado um curso de Metalexigrafia. Nessa oportunidade, estabeleceu-se contato com um professor bilíngue em LSE, intérpretes e representantes da associação de surdos local, que indicaram os dicionários impressos mais reconhecidos e utilizados na comunidade surda espanhola.

Complementarmente, foram consultados dicionários digitais de maior acessibilidade e uso frequente na comunidade surda, os quais refletem o emprego real e atualizado da língua em contextos cotidianos. Dentre eles, destacam-se os promovidos por instituições de referência, como o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) no Brasil e o Centro Nacional de Surdos da Espanha (CNSE). Ademais, o projeto *SpreadTheSign* uma iniciativa multilíngue de dicionário de sinais online ganhou relevância recente na comunidade acadêmica e constitui, atualmente, uma das principais referências internacionais para consulta comparativa de sinais em diversas línguas de sinais.

Essa seleção de fontes visou combinar rigor acadêmico, relevância comunitária e praticidade metodológica, assegurando uma base lexicográfica diversificada e representativa para a análise contrastiva proposta.

As Quadros, são elaboradas em formato *Powerpoint* e *Excel*, permitirão acompanhar os vocábulos registrados, destacando as diferenças e semelhanças entre os sinais, bem como as formas de representação dos léxicos sinalizados nos dicionários.

Nesta pesquisa, utilizamos as abordagens qualitativa, quantitativa e de natureza descritiva. Gil (1999, p. 46) afirma que a pesquisa descritiva “[...] tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre as variáveis”.

A pesquisa qualitativa analisa os dados de maneira detalhada com o objetivo de explicar e compreender os dados coletados. Para Gil (2002, p. 44), esse tipo de pesquisa leva em conta “[...] a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa[...]”. Nesse tipo de pesquisa, o foco está no conhecimento teórico e metodológico para a prática, buscando contribuir para a melhoria dos processos existentes.

No contexto dos dicionários isso significa desenvolver abordagens e metodologias eficientes, precisas e adequadas para o consulente. A investigação privilegia, também, a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental.

A pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica. O elemento diferenciador está na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias. Essa é a principal diferença entre a pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. No entanto, chamamos a atenção para o fato de que: “na pesquisa documental, o trabalho do pesquisador (a) requer uma análise mais cuidadosa, visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico” (Oliveira, 2007, p. 70).

Uma pesquisa documental sobre os dicionários de Libras e de LSE envolve a análise de fontes dos documentos existentes, como dicionários impressos e *online*, contribuindo significativamente para o entendimento das línguas de sinais e para o desenvolvimento de recursos linguísticos precisos e abrangentes para a comunidade surda e para os profissionais que trabalham com essas línguas.

4.4 COLETA DE DADOS

A primeira etapa da pesquisa consistiu em um levantamento bibliográfico acerca da Lexicografia da Libras e da LSE, para posteriormente partir para a definição dos dicionários e

léxicos referentes ao campo semântico do “ensino no contexto acadêmico”. Os dicionários de Libras e LSE fornecem um registro visual do vocabulário dessas duas línguas de sinais, apresentando sinais individuais e expressões faciais usadas para palavras e conceitos. Cada sinal/léxico em língua de sinais pode incluir configuração das mãos, movimentos e expressão facial e corporal.

O percurso de pesquisa seguiu as seguintes etapas:

- Seleção dos dicionários impressos e *sites* em Libras e LSE para análise;
- Coleta de informações da macro e microestrutura desses dicionários selecionados;
- Categorização dos vocabulários especializados na área do “ensino em contexto acadêmico”;
- Preenchimento de uma Quadro das línguas de sinais;
- Análise das lexias em línguas de sinais presentes nos dicionários impressos e *sites*.

Destaca-se que o critério de seleção dos dicionários foi pautado em sua acessibilidade e na sua circulação entre os usuários, o que facilitou o acesso aos vocábulos e aos usos frequentados pela comunidade surda. Para tal, subdividimos o trabalho nas seguintes etapas:

- Levantamento da lexicografia em Libras e LSE existente no Brasil e Espanha;
- Levantamento do estado da arte, as obras dissertações e teses usando a pesquisa da Linguística Contrastiva com foco na língua de sinais e seus critérios;
- Levantamento da Metalexicografia dos dicionários em Libras e LSE;
- Levantamento da análise de semelhanças e diferenças dos vocábulos especializados e selecionados na área do ensino em contexto acadêmico.

Primeiramente, foi necessário fazer o levantamento de pesquisas da área da Lexicografia, Metalexicografia e Linguística Contrastiva que abordam estudos bilíngues em línguas de sinais, selecionando os trabalhos que pudessem contribuir para o desenvolvimento desta investigação.

Em segundo lugar, foi preciso fazer uma seleção dos vocábulos a serem estudados, no campo semântico do ensino em contexto acadêmico e categorizados a partir da proposta de Corominas em grupos, o que facilitou o desenvolvimento das análises e contrastes. Na lista de

vocábulo proposta no dicionário etimológico de Corominas (1954)²², constam as palavras transcritas em língua espanhola, para posterior consulta dos sinais nos dicionários elencados para esta pesquisa. Junto a esta lista constam as imagens dos sinais correspondentes, considerando a importância da representação gráfica no estudo das línguas visuais e sinais.

²² A proposta do dicionário de Joan Corominas (1954), o *“Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico”*, era estabelecer a origem e o desenvolvimento histórico do vocabulário do castelhano (espanhol), abrangendo o material arcaico e moderno, tanto da Península Ibérica quanto da América Latina. O dicionário também tinha um caráter crítico, fundamentando suas conclusões etimológicas com citações de textos históricos e dicionários, além de abordar as influências de outras línguas ibéricas e românicas no espanhol.

CAPÍTULO V

RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 CONTRASTE DE DICIONÁRIOS DE LÍNGUAS DE SINAIS

A comparação foi feita entre duas línguas de sinais da mesma modalidade visual: a Libras e a LSE, isto é, fez-se uma análise contrastiva dos vocábulos nos dicionários bilíngues em Libras e LSE, identificando as suas características e descrevendo-as.

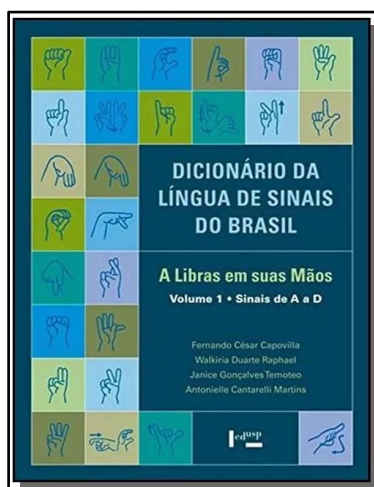
5.1.1 Dicionários de Libras

Existem várias versões de dicionários bilíngues ou trilíngues impressos de Libras disponíveis no mercado editorial/ internet, tanto em formato físico quanto online. Os dicionários selecionados para esta pesquisa foram os seguintes:

1a- “Dicionário da Língua de Sinais do Brasil” (Capovilla, Raphael, Temoteo & Martins, 2019).

A capa do livro, destacando quadros com as configurações de mãos da Libras, reforçando a importância do dicionário trilingue para leitores e aprendizes. O layout apresenta o dicionário de Libras e de Língua Portuguesa como uma estratégia de leitura de sinais e visual, representando os sinais e movimentos de forma acessível. Além disso, as ilustrações evidenciam a diversidade das configurações de mãos, contribuindo para a compreensão do movimento, localização e expressão do corpo e rosto e para o aprendizado da língua de sinais. Trata-se de uma obra impressa estruturada com base na semasiologia e organizada por ordem alfabética do português. Este dicionário é unidirecional trilingue e abrange verbetes em língua portuguesa, a Libras e o inglês. Sua estrutura inclui ilustrações dos sinais e ilustrações do significado, definições das entradas, escrita dos sinais, exemplos e descrições da forma dos sinais.

Figura 37. Capa do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil.

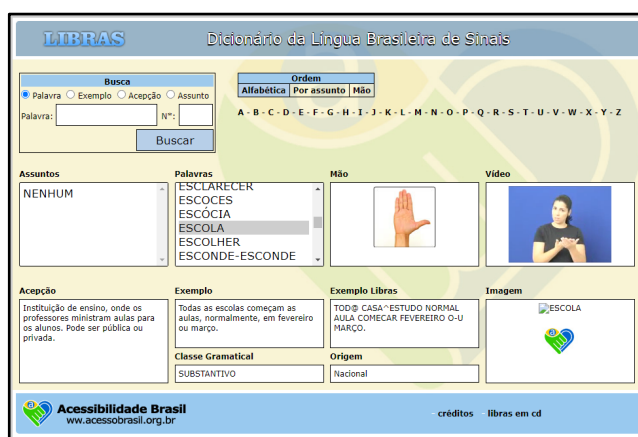


Fonte: Dados da pesquisa. Foto da capa do dicionário físico.

1b- “Dicionário digital da Língua Brasileira de Sinais *online*” (Disponível em <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/> ou também em CD).

O dicionário digital, apresenta um layout com um *menu* principal que inclui a opção “Busca”, que permite acesso rápido por meio da escrita da palavra desejada. Além disso, disponibiliza outras opções de pesquisa, como Exemplo, Acepção e Assunto. Há também um menu secundário que possibilita a seleção por ordem alfabética, assunto ou forma de mão. Ao realizar uma busca, o sistema exibe um layout com informações detalhadas sobre o item linguístico pesquisado, organizadas em 10 quadros informativos: Assuntos, Palavras, forma de Mão, vídeo em Libras, Acepção, Exemplo, Exemplo em Libras que é utilizado em glosas, Imagem, Classe gramatical e Origem. Trata-se de um dicionário bilíngue *online* que apresenta uma macroestrutura que permite a busca de opções para escrever as palavras, por assunto ou por configurações de mãos. O dicionário exibe os lemas, suas acepções, exemplos, classe gramatical por escrito em língua portuguesa, exemplos da frase em Libras, ilustrações e vídeos sinalizado do significado da palavra.

Figura 38. Interface do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais



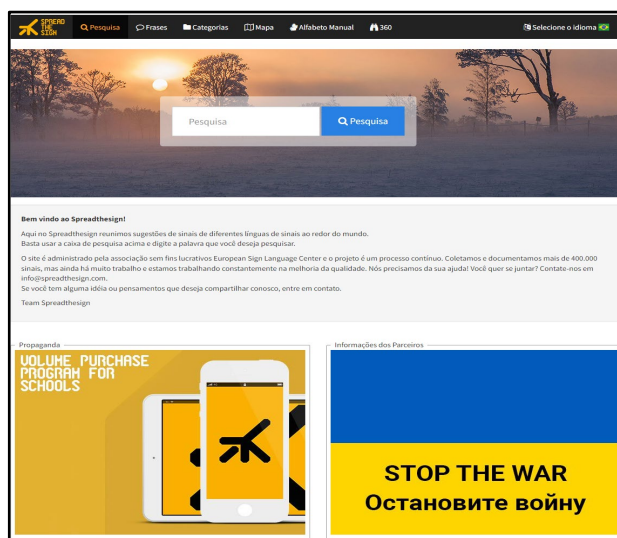
Fonte: Dados da pesquisa. Extraído da página do dicionário.

1c- “Libras – Spreadthesign” (Disponível em aplicativo/software ou pelo endereço eletrônico: <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/>).

Esse dicionário reúne línguas de sinais de vários países do mundo e o *layout* foi projetado para facilitar o aprendizado e o acesso online a lemas e sinais das línguas de sinais. A página oferece seções como busca, frases, categorias, mapa, alfabeto e recursos adicionais. No campo de busca, os usuários podem pesquisar palavras e visualizar vídeos correspondentes aos sinais. O site também disponibiliza a opção de seleção de idiomas, permitindo a escolha e a comparação entre diversas línguas de sinais e interfaces. No topo da página, destacam-se exemplos de frases escritas, categorias temáticas, exploração de sinais por meio de mapas e informações sobre alfabetos manuais. Além disso, há o recurso “360”, que proporciona experiências imersivas no aprendizado. Com um *design* agradável e intuitivo, o site garante a facilidade de uso para leitores e usuários de diferentes níveis de conhecimento.

O dicionário multilíngue online tem como finalidade auxiliar surdos a aprenderem outros idiomas por meio das línguas de sinais estrangeiras. A macroestrutura do dicionário online inclui pesquisa por palavras, por frases, por assuntos, mapas de países, ordem alfabética manual e seleção do idioma. Permite pesquisas por palavras e tradução em sinais, além de apresentar ilustrações do significado ou exemplos de frases. Adicionalmente, é possível selecionar outras línguas de sinais de diferentes países para comparar seus significados.

Figura 39: Interface do *Spreadthesign*.



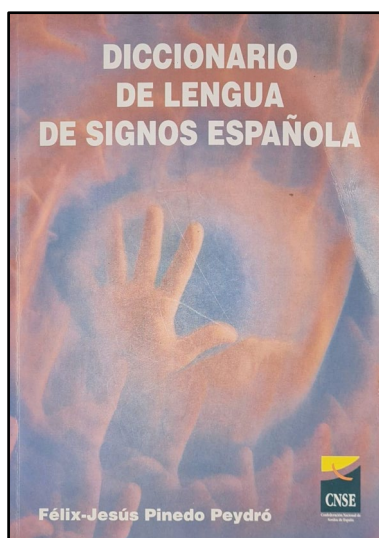
Fonte: Dados da pesquisa. Página inicial do site.

5.1.2. Dicionários da LSE

2a- “*Diccionario de Lengua de Signos Española*” (Pinedo Peydró, 2000).

Obra impressa organizada em ordem alfabética. A capa apresenta um design informativo, com o título “*Diccionario de Lengua de Signos Española*”, destacando imagens de mãos que evocam a ideia de um gesto de aceno. O nome do autor está posicionado no final do layout da capa. O dicionário inclui ilustrações de figuras humanas utilizando a Língua de Sinais Espanhola, acompanhadas pela correspondência da escrita em espanhol. Este dicionário é unidirecional e bilíngue, abrangendo a LSE e sua tradução para a língua espanhola. Sua estrutura inclui ilustrações dos sinais, definições simples para associá-las às entradas e símbolos para referir-se a categorias frequentemente utilizadas nos verbetes. Por exemplo, o símbolo “\$” pode estar associado à representação de algo relacionado ao contexto de dinheiro, como administrador, débito, grátis, cofre, pagamento, crédito, recebimento, desconto, promoção, entre outros.

Figura 40. *Diccionario de Lengua de Signos Española*



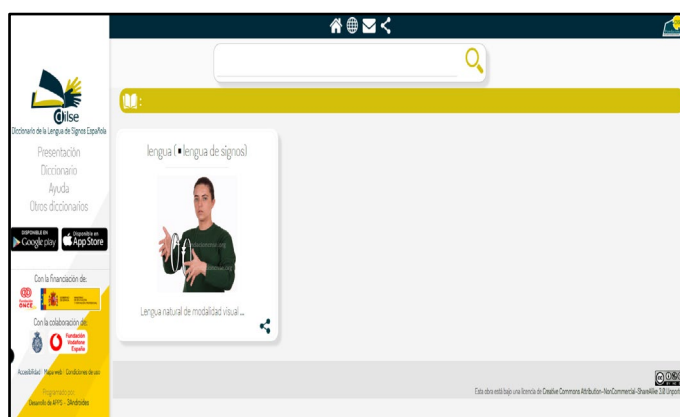
Fonte: Dados da pesquisa. Foto do dicionário físico.

2b- “*Diccionario de la lengua de signos española*”: (Disponível através do endereço eletrônico <https://fundacioncse-dilse.org/index.php>).

Este layout é um design informativo com a sigla DILSE que corresponde ao nome expresso do dicionário e a forma de organização e colaboração de uma fundação e do governo da Espanha. Apresenta na barra de navegação no topo do lado esquerdo uma opção que permite que os usuários acessem diferentes seções, como ver dicionário, apresentação, ajuda e ver outros dicionários publicados e, ainda, aplicativos de dicionários e informações de obras por escrito. O campo do *layout* apresenta uma busca por escrito e selecionar, um quadro com a ilustração de ser humano com sinalização e movimento parado e verbete por escrito. Neste campo, selecionado em sinais, apresenta-se também mais informações detalhadas como verbetes, significados, ilustração em LSE em movimento parado e vídeos em LSE.

A plataforma oferece recursos de aprendizado, com foco na interação visual e na compreensão dos sinais. Trata-se de um dicionário bilíngue *online* que apresenta uma macroestrutura que permite a busca por palavras escritas. O dicionário exhibe a palavra, definições simples, além de fotografias de LSE e vídeos sinalizados com traduções do significado em LSE.

Figura 41. *Diccionario de la lengua de signos española*

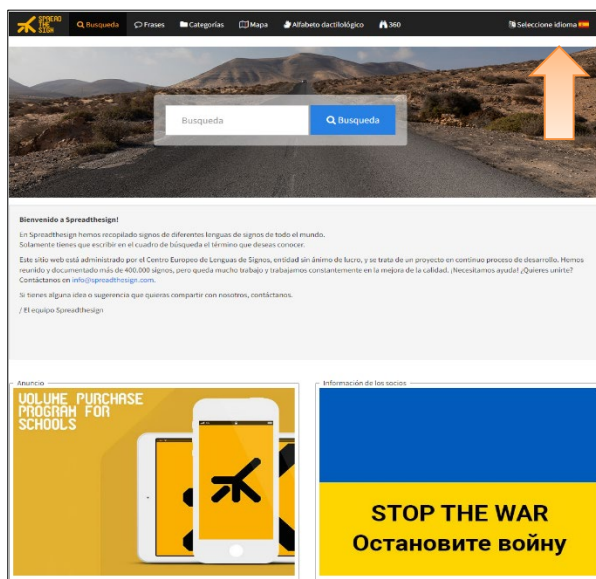


Fonte: Dados da pesquisa. Extraído do site.

2c- “LSE – *Spreadthesign*” (Disponível em aplicativo/*software* ou pelo endereço eletrônico: <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/>).

Conforme foi mencionado, a estrutura desse dicionário é a mesma explicada antes; o que altera é o acesso ao idioma por meio da bandeira do país, no caso, da Espanha, para que se possam fazer consultas em língua espanhola.

Figura 42. Interface do *Spreadthesign*



Fonte: Dados da pesquisa. Extraído do site.

Os dicionários mencionados foram selecionados pelo pesquisador por se tratar de materiais analisados, desenvolvidos e amplamente utilizados por seus consultentes e pesquisadores. Além disso, são obras amplamente reconhecidas pela comunidade acadêmica

em línguas de sinais. Esses dicionários também são uma ferramenta de estudo para a ampliação do vocabulário no cotidiano de discentes, constituindo-se como materiais contextualizados na cultura surda, com enfoque no ensino de Libras e de LSE. Agora em seguida, farei a análise de cada dicionário em Línguas de Sinais.

5.2 Análise dos dicionários em Libras e LSE

No decorrer deste capítulo, serão apresentados os dados que destacam as diferenças e semelhanças entre os cinco dicionários estudados nesta tese, a saber:

- 1) “Dicionário da Língua de Sinais do Brasil” (impresso)
- 2) “Dicionário da Língua Brasileira de Sinais” (*online*)
- 3) “*Spreadthesign*” (Libras e LSE - *online*)
- 4) “*Diccionario de Lengua de Signos Española*” (impresso)
- 5) “*Diccionario de la lengua de signos española*” (*online*)

A partir do contraste e da análise contrastiva dos vocábulos e sinais lexicais selecionados na área do ensino em contexto acadêmico nas línguas de sinais Libras e LSE, destaco alguns pontos relevantes que merecem ser observados, considerando-os como fundamentais na metodologia a ser analisada. Veja as informações sobre os Dicionários (Macroestruturas e Microestruturas) dos Dicionários em Libras e LSE:

Quadro 4. Dicionário da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS

Dicionário	Macroestrutura	Microestrutura
Dicionário da Língua de sinais do Brasil. A Libras em suas Mãos	A obra é disponibilizada em Língua Brasileira de Sinais (Libras). O dicionário é trilingue: Libras, português e inglês. Apesar de ter 3 volumes, o 1º de A à D; 2º E à O; e o 3º P à Z. No total são 3 volumes que possuem 14.500 verbetes. Os autores são: Fernando César Capovilla; Walkiria Duarte Raphael; Janice Gonçalves Temoteo; e Antonielle Cantarelli Martins. O dicionário foi publicado em 2019 pela editora Universidade de São Paulo - USP.	Entrada: Apresentada por ordem alfabética da língua portuguesa. Depois representa o sinal correspondente ao verbe em Língua portuguesa, a escrita dos sinais e a ilustração. Enunciado: O texto apresenta também o alfabeto datilológico em Libras, acompanhando as letras dos verbetes em Libras; apresenta variação dos usos dos sinais da região, a tradução em inglês correspondente aos verbetes da língua portuguesa e orientação das formas dos sinais. Definição: Apresenta-se a classe gramatical, sinônimos e significado dos verbetes. Exemplo: Frases que apresentam as diferentes acepções.

<p>INES (<i>online</i>)</p>	<p>O dicionário é disponibilizado na internet: https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/. O site é organizado pelo projeto Acessibilidade Brasil, elaborado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). O dicionário tem algumas versões, pois o projeto iniciou em 1997 e foi publicado em CD-ROM e, depois, foi disponibilizado <i>online</i> até este momento. A última versão é de 2011. O dicionário é Bilíngue e inclui a Língua portuguesa e a Libras. Pode-se buscar vocábulos por palavra ou por assunto. Seus autores são: Guilherme de Azambuja Lira; e Tanya Amaral Felipe de Souza.</p>	<p>Entrada: Apresenta busca por palavra ou por digitação. Enunciado: Organizado em ordem alfabética, por assunto e por configuração das mãos; além disso apresenta também vídeos em Libras e imagem. Definição: Apresenta a aceção do vocábulo lematizado, classe gramatical e origem. Exemplo: Frases que tratam o vocabulário.</p>
<p><i>SpreadtheSign</i> (<i>online</i>)</p>	<p>O dicionário multilíngue é disponibilizado na internet com o objetivo de oferecer acessibilidade de sinais das línguas de sinais de cada país para todos que o acessem. O site é organizado pela associação europeia em línguas de sinais (<i>European Sign Language Centre</i>). Link deste site é: https://www.spreadthesign.com.br. O projeto iniciou em 2006. Podem-se buscar os vocábulos através de digitação, ou por palavra e consta por categorias: Língua de sinais para iniciantes, diversos, frases, religião etc. Também podem ser feitas buscas por subcategorias, por exemplo: cores, medidas, emoções, características, números e tempo, frases, mapas, alfabeto manual. No total de verbetes, até o ano de 2015 constavam 15 mil palavras/sinais por idioma. Estão ampliando e melhorando a correção dos verbetes, sinais e outras funções. Pela estatística de números por Libras do Brasil há 21.887 palavras traduzidas, 7368 vídeos traduzidos e 160 locais com vídeos.</p>	<p>Entrada: Apresenta busca por palavras nas categorias ou por digitação. Enunciado: O texto apresenta várias palavras para selecionar e verificar o sinal em vídeo. Constam exemplos de frases e frases com expressão popular. Além disso, consta a ilustração do significado e várias bandeiras dos países relativos das línguas de sinais para comparação de sinais e para a tradução escrita. Outro menu tem o símbolo da tartaruga e da lebre, indicando a velocidade dos sinais; outro símbolo para ver duas línguas de sinais em duas janelas de lado observando o sinal do outros países. Definição: Apresenta a aceção simples do vocabulário e vídeo sinalizado com variação regional e ilustração. Exemplo: não há exemplos.</p>

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado por autor.

Quadro 5. Dicionário da Língua de Sinais na Espanha - LSE

Dicionário	Macroestrutura	Microestrutura
<i>Diccionario de Lengua de Signos Española</i>	O dicionário, que foi publicado em 2019, está disponível em LSE - Língua de Sinais Espanhola. É	Entrada: Apresenta os verbetes em ordem alfabética acompanhados da fotografia sinalizada correspondente

	organizado por ordem alfabética, com verbetes que contêm 3700 entradas em LSE e suas definições. A obra foi desenvolvida por Félix-Jesus Pinedo Peydró, juntamente com uma equipe da CNSE.	à ordem do verbete na escrita da língua espanhola. Enunciado: Apresenta alguns verbetes que tem símbolos à esquerda da fotografia sinalizada, os quais representam uma categoria referenciada de forma global e frequentemente utilizada nos verbetes. Por exemplo, o símbolo "\$" pode estar associado à representação de algo relacionado a dinheiro, como administrador, débito, cofre, pagamento, crédito, recebimento, desconto, promoção, entre outros. Definição: São apresentadas definições. Exemplo: Não disponível.
<i>DILSE (online)</i>	O dicionário bilingue em LSE e Língua Espanhola é disponibilizado na internet: https://fundacioncnse-dilse.org/ . O site é organizado por uma equipe da fundação CNSE, com o apoio da fundação ONCE e do Governo da Espanha. Foi fundado em 2019. Pode-se buscar o vocábulo em língua espanhola através de digitação por palavra, e assim apresenta busca como o enunciado a foto da sinalização, o vídeo sinal-léxico, e definição simples por escrita. No total possui mais de 4000 verbetes.	Entrada: Apresenta busca por palavra ou por digitação. Enunciado: Apresenta uma foto do sinal léxico e um vídeo da tradução do significado. Definição: Apresenta definição simples. Exemplo: Não disponível.
<i>SpreadtheSign (online)</i>	Conforme o comentário anterior, somente altera a bandeira da Espanha, para iniciar a consulta em língua espanhola. Pela estatística de números por LSE da Espanha tem 24.195 palavras traduzidas, 15.633 vídeos traduzidos e 136 locais com vídeos.	Conforme o comentário anterior.

Fonte: elaborado pelo autor.

Nesta síntese entre a macro e a microestrutura dos dicionários em Libras e LSE em um material impresso, há informações sobre o Dicionário da Língua de Sinais do Brasil e o Diccionario de Lengua de Signos Española, que foram publicados no mesmo ano, a diferença foi o número de volume de dicionário (livro) e a quantidade de verbetes registrados.

Além disso, na microestrutura do dicionário em Libras, a entrada indica se os verbetes ilustrados em sinal, ilustração do verbete, escrita de sinais referente ao verbete e ainda mais um conceito e exemplos por escrito referente ao verbete. Já no dicionário em LSE apresenta apenas a fotografia sinalizada e o significado do verbete por escrito.

Nos dicionários eletrônicos em Libras e em LSE, a distinção entre macroestrutura e microestrutura manifesta-se nas diferentes informações disponíveis nas plataformas virtuais e nas formas de consulta oferecidas. O Dicionário do INES, por exemplo, é um dicionário bilíngue que integra informações em Língua Portuguesa e em Libras. Ele permite consultas por palavras, acepções, exemplos de uso ou temas, organizados em categorias como ordem alfabética com base na Língua Portuguesa, assuntos específicos ou configuração de mão, esta última representando uma busca pela morfologia do sinal. Após a consulta, o dicionário apresenta a acepção da palavra, exemplos de uso em frases nas duas línguas (Português e Libras) e vídeos com os sinais lexicais correspondentes. Em alguns casos, também exibe imagens ilustrativas associadas ao vocábulo.

Por sua vez, o Dicionário *DILSE*, voltado para a LSE, permite a pesquisa de vocábulos em Língua Espanhola por meio de digitação, oferecendo como resultado uma definição escrita simplificada, uma fotografia da sinalização correspondente e um vídeo do sinal lexical. Diferentemente do Dicionário Inês, o *DILSE* inclui a definição escrita do léxico em Língua Espanhola, mas não oferece busca por categorias temáticas ou por configuração de mão, como ocorre no dicionário em Libras. Por outro lado, o Dicionário Inês não apresenta definições escritas detalhadas, o que pode limitar o acesso a informações lexicais completas.

Essa diferença na estruturação das consultas e na apresentação das informações revela lacunas significativas para usuários surdos e ouvintes bilíngues em línguas de sinais, especialmente no que diz respeito à ausência de definições em vídeo sinalizado nas línguas de sinais. Tal limitação pode ser atribuída à escassez de lexicógrafos surdos profissionais envolvidos no desenvolvimento desses dicionários, o que impacta a qualidade e a acessibilidade dos projetos, particularmente no contexto de dicionários bilíngues voltados para línguas de sinais.

O *Spreadthesign*, por sua vez, destaca-se como um dicionário eletrônico multilíngue, permitindo consultas por palavras escritas na língua oficial de cada país ou por categorias temáticas. Após a busca, a plataforma exibe o sinal correspondente à língua de sinais do país selecionado, além de oferecer a possibilidade de comparação com sinais de outras línguas de sinais, facilitando análises contrastivas entre diferentes sistemas linguísticos. O *Spreadthesign* também inclui frases sinalizadas e em alguns casos aparecem as imagens ilustrativas associadas aos vocábulos, embora nem todos os itens lexicais contem com esse recurso.

Embora a obra deste dicionário *Spreadthesign* em Libras e em LSE compartilhem plataformas iguais, diferenciando-se apenas pela língua escrita oficial de cada país (Português e Espanhol, respectivamente), a organização e o registro dos sinais lexicais revelam limitações

em ambas as línguas. A produção de registros em Libras e em LSE apresenta poucas informações adicionais, como contextos de uso ou variações regionais, o que restringe a profundidade das consultas. Além disso, a ausência de uma abordagem mais robusta para a documentação e análise contrastiva, como a oferecida pelo *Spreadthesign*, evidencia a necessidade de maior investimento em pesquisa lexicográfica e na participação de profissionais surdos para o aprimoramento desses recursos.

A análise linguística contrastiva desempenha um papel crucial na comparação de lexicográficos em Libras e LSE, assim como na avaliação de dicionários impressos e eletrônicos. Essa abordagem permite identificar lacunas significativas, como a ausência de definições em vídeo sinalizado ou de informações contextuais detalhadas, que comprometem a acessibilidade para todos os usuários, especialmente consulentes surdos e bilíngues. A justiça linguística, nesse contexto, é fundamental para garantir que os dicionários atendam às necessidades de comunidades surdas, ou seja, que todos os indivíduos tenham acesso igualitário aos recursos independente o usuário é diferente linguísticos e culturais, sem discriminação ou exclusão promovendo a equidade no acesso ao conhecimento lexical em línguas de sinais.

O Dicionário Inês, bilíngue em Libras e Língua Portuguesa, oferece consultas por palavras, acepções, exemplos de uso, temas ou configuração de mão, mas carece de definições sinalizadas em vídeo. O DILSE, voltado para a LSE, inclui definições escritas em Língua Espanhola, fotografias e vídeos de sinais, mas não dispõe de buscas temáticas ou por morfologia do sinal. Já o *Spreadthesign*, como dicionário multilíngue, facilita análises contrastivas entre línguas de sinais de diferentes países, mas apresenta limitações na inclusão de contextos culturais e expressões idiomáticas.

Para assegurar a linguística em línguas de sinais como informação de forma eficiente, é imprescindível incorporar recursos como vídeos com definições sinalizadas, legendas, traduções contextuais e interfaces intuitivas, adequadas a todos os públicos, incluindo usuários com diferentes níveis de proficiência linguística. Além disso, a participação de lexicógrafos surdos na construção desses recursos é essencial para garantir a representatividade e a precisão cultural, promovendo a justiça linguística. O aprimoramento de funcionalidades, como buscas por configuração de mão e análises contrastivas, fortalece a difusão do conhecimento lexical e a equidade no acesso à informação, beneficiando comunidades surdas e ouvintes em contextos bilíngues.

5.3 Categoria dos vocabulários especializados em área do ensino em contexto acadêmicos

Foram selecionadas as categorias de vocabulário na área do ensino em contexto acadêmico para analisar a presença ou ausência de sinais nos dicionários. Na Quadro a seguir, apresento o número de categorias e o número de vocábulos selecionados. Depois, mostro uma imagem que demonstra a maneira de analisar e preencher os sinais existentes ou ausentes.

Quadro 6. Vocabulários especializados em área do ensino/contexto acadêmico

Nº de ordem	CATEGORIA	Nº DE VOCÁBULOS
1	EVENTOS	4
2	ATIVIDADES NA SALA DE AULA	11
3	ENSINO	10
4	APRENDIZAGEM	4
5	CONTROLE DO ALUNO	7
6	ATITUDES	11
7	NOTAS	3
8	QUALIFICAÇÕES	3
9	TÍTULOS	5
10	ÁREA	4
11	DISCIPLINAS DO DO SEGUNDO GRAU	30
12	EXAMES	6
13	ALUNO	10
14	PROFESSORES	4
15	PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS	1
16	PESSOA ADMINISTRATIVA	4
17	CENTRO DE ENSINO	5
18	CENTROS E TÍTULOS	1
19	CENTROS E ESTATUTO	2
20	NÍVEIS PRÉ-UNIVERSITÁRIOS	7

21	PARTES DE UMA ESCOLA	5
22	ORGANIZAÇÃO	6
	TOTAL	143

Fonte: Elaborado pelo autor

A Quadro apresentada refere-se às categorias de vocábulos utilizados no contexto do ensino/acadêmico. Para este estudo, foram selecionados os léxicos especializados pertencentes à categoria “eventos”, considerando aqueles que possuem um significado específico e unívoco nesse contexto. Os vocábulos escolhidos foram: (classe, pátio, conferência e reunião). Outros termos que apresentavam mais de um significado, como “comissão de avaliação” e “cerimônia de premiação” foram descartados, uma vez que possuem múltiplos lexicais ou léxicos sinais, o que pode gerar ambiguidade ou sinais composto. Nos dicionários, frequentemente, apenas um lema é registrado como adequado ao contexto escolar, justificando a exclusão de termos com mais de um significado.

5.3.1 Análises dos vocabulários em línguas de sinais coletados nos dicionários

Os vocábulos reunidos neste trabalho foram identificados e extraídos de dicionários de Línguas de Sinais sempre que possível. Os dados foram organizados em Quadros do Excel e *Power Point*, destacando as categorias, com suas respectivas formas escritas em língua portuguesa e espanhola, além de anotações sobre as fotos, que serviram de base para a análise da existência ou ausência de sinais nos referidos dicionários.

Conforme mencionado anteriormente na parte referente à metodologia, o levantamento feito nesta tese abrange 22 categorias e 143 vocábulos, todas do contexto do ensino/acadêmico. O título identifica o contexto como “Ensino” e o número da categoria está na primeira coluna seguido pelo vocábulo em espanhol e sua tradução para língua portuguesa.

Neste momento, apresento a primeira Quadro para verificar os números de resultados de sinais analisados conforme nos vocábulos escolhidos na categoria acima. Nesta análise há cores das células que representam a origem dos dicionários organizados:

- Verde claro: Dicionários em Libras
- Alaranjado: Dicionários em LSE.
- As células preenchidas indicam uma atenção de análises para organizar de forma

a quantidade de sinais serem revisada, então as cores:

- Roxas: indicam que não tem sinais registrados no dicionários.
- Verde: Indica que são palavras derivadas de verbos, ou seja, inseridas em um mesmo contexto. Por exemplo: comer/comida. Não há ambiguidades para o leitor.
- Azul claro: Indica uma mudança de sinal que pode variar conforme o tipo de língua (oral ou visual-gestual). Por exemplo, nas línguas orais o sinal da palavra “gramática” é realizado na localização corporal próxima à voz/garganta, sendo que o mesmo vocábulo “gramática” na LSE e Libras é sinalizado no espaço neutro em frente ao corpo (pois considera a visualidade).
- Amarela: indica os sinais de variação regional.
- Vermelho: indica que tem mais de 1 sinal em conceitos diferentes.

Figura 43. Organização na Quadro do Excel

ENSEÑANZA - ENSINO								
11	asignaturas del bachillerato	disciplinas do segundo grau	Libras DCR	Libras MES	Libras STS	Libras DPP	LSE CNSE	LSE STS
1	álgebra	álgebra						
	aritmética	aritmética						
	caligrafía	caligrafía						
	canto	canto						
	ciencia naturales	ciencia natural						
	dibujo	diseño						
	educación física	educação física						
	filosofía	filosofia						
	física	física						
	geografía	geografia						

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor.


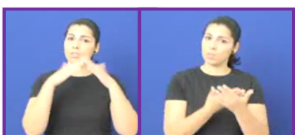

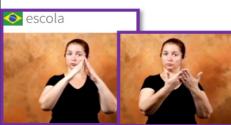

Apresenta-se uma nova análise que objetiva facilitar a compreensão dos sinais. Para tanto, a Quadro organizada por meio de cores, visa auxiliar na identificação e interpretação das informações nela contidas.

- Verde claro: diz respeito às informações da língua escrita em português e indica três

dicionários de Libras.

- Azul claro: corresponde às informações da língua escrita em espanhol e aponta três dicionários de LSE.
- Rosa: representa os vocábulos dos quais não constam nos dicionários analisados.
- Verde claro contorno da ilustração do sinal: incluindo variações regionais, apresenta mais de um sinal existente e também pode variar a línguas de sinais conforme o tipo de língua (oral ou visual-gestual), abaixo na imagem o sinal de “conversar” no dicionário em Libras indicar 3 variações de sinais e em LSE, indica 4 variações de sinais, e assim um deles mostra o sinal de conversar pela boca através de fala na língua oral e outro sinal como conversa em línguas de sinais mão.
- Roxo escuro contorno da ilustração do sinal: indica o sinal composto.

Figura 44. Organização a análise e auxiliar as informações na Quadro do Powerpoint.

Vocábulo PT	escola	Vocábulo LE	escuela
Dic. Libras		Dicc. LSE	Imagem (figura)
Dic. INES		Dicc. CSNE	
Spreadthesign Libras		Spreadthesign LSE	

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor.

A Quadro acima foi elaborada pelo autor através do programa no *PowerPoint*, indicando os quadros dos sinais consultados e contrastados nos dicionários em línguas de sinais, comparando os parâmetros da Libras e da LSE. Essas figuras coletadas foram estruturadas com quadros ampliados, facilitando a visualização clara dos parâmetros de cada sinal em Libras e LSE. A organização possibilita uma análise comparativa mais acessível, destacando semelhanças e diferenças entre as línguas de sinais conforme descritas nos dicionários consultados.

Essa abordagem, fundamentada em uma metodologia qualitativa, contribui para a clareza e precisão na análise dos dados. Em casos de dúvidas relacionadas aos movimentos dos

sinais, foi adotado o procedimento de revisitar os dicionários eletrônicos para esclarecimentos adicionais.

Figura 45. A análise informações na Quadro do *Power Point*.

Vocábulo PT	ateneu	Vocábulo LE	ateneno
Dic. Libras	Imagem (figura)	Dicc. LSE	Imagem (figura)
Dic. INES	Imagem (figura)	Dicc. CSNE	Imagem (figura)
Spreadthesign Libras	Imagem (figura)	Spreadthesign LSE	Imagem (figura)

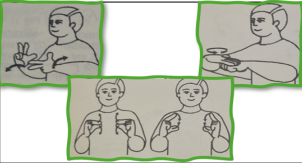


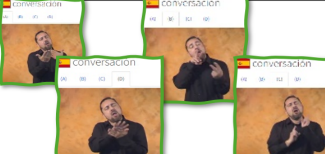
Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme mencionado, alguns sinais léxicos não foram encontrados nos dicionários de línguas de sinais consultados. Essa ausência representa um desafio, uma vez que a inclusão de vocábulos especializados, especialmente em contextos educacionais e acadêmicos, é fundamental para garantir uma comunicação clara e acessível no cotidiano de estudantes surdos e ouvintes bilíngues. Assim, destaca-se a necessidade de dicionários que contemplem léxicos especializados, permitindo consultas confiáveis e abrangentes.

Analisa-se, ainda, cada vocábulo desta categoria para verificar se os sinais estão inventariados nos dicionários consultados. Quando se observa que alguns vocábulos não são encontrados em nenhum dicionário, classificam-se como: “PERITO”, “PASSIVIDADE”, “LICENCIADO”, “DISCÍPULO”, “LACUNA”, “MARQUETEIRA”, “PRIMEIRO e “SEGUNDO” ano do Ensino Médio.

Sabe-se que nem todo sinal tem uso diariamente no contexto escolar e ou na comunicação da comunidade surda, mas estes não constam o registro, apesar também de incluir alguns individuais para formar os sinais compostos, mesmo assim não consta o sinal individual.

Figura 46. A análise de informações na Quadro do *Power Point*.

Vocábulo PT	conversar	Vocábulo LE	conversación
Dic. Libras		Dicc. LSE	Imagem (figura)
Dic. INES		Dicc. CSNE	
Spreadthesign Libras	Imagem (figura)	Spreadthesign LSE	


Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor

A Quadro apresentada constitui uma fonte essencial para esta análise contrastiva, destacada por um contorno verde nas figuras dos sinais. Ela permite identificar múltiplos sinais e significados em um vocábulo no mesmo dicionário de línguas de sinais, além de indicar variações regionais e linguísticas, contribuindo para a compreensão das particularidades e diferenças em ambas as línguas de sinais.

Uma das categorias que apresento em língua espanhola é “*asignatura del bachillerato*”, cuja tradução é disciplinas de segundo grau, que consta de 30 vocábulos escritos para catalogar os sinais nos 3 dicionários em Libras e 3 dicionários em LSE.

Encontram-se alguns vocábulos com apenas um sinal registrado no dicionário CSNE, mas não nos outros. Por exemplo: “ORTOGRAFIA”, “CONVOCATÓRIA”, “ÁLGEBRA”, “VASCO”.

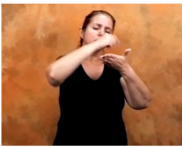

Figura 47. A análise de informações em LSE.

Vocábulo PT	álgebra	Vocábulo LE	álgebra
Dic. Libras	Imagem (figura)	Dicc. LSE	Imagem (figura)
Dic. INES	Imagem (figura)	Dicc. CSNE	
Spreadthesign Libras	Imagem (figura)	Spreadthesign LSE	Imagem (figura)

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor

Outro exemplo tirado do dicionário *Spreadthesign* tanto na Libras e na LSE são: “CALIGRAFIA” E “CONSERVATÓRIO”, e os outros não constam, conforme demonstrado na figura abaixo.


Figura 48. A análise de informações em Libras e LSE.

Vocábulo PT	caligrafia	Vocábulo LE	caligrafia
Dic. Libras	Imagem (figura)	Dicc. LSE	Imagem (figura)
Dic. INES	Imagem (figura)	Dicc. CSNE	Imagem (figura)
Spreadthesign Libras		Spreadthesign LSE	

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor


Enquanto isso, outros dois vocábulos em sinais que não foram encontrados no dicionário impresso, apenas no LSE, são: “INSUFICIENTE”, “BEDEL”, conforme figura 49. “DOCTRINA” também não tem em outros dicionários impressos e nem *Spreadthesign em* Libras e nem LSE, apenas no Dicionário de Capovilla, conforme apresentado na figura 50. Há também o sinal “LEITOR” que consta apenas no *Spreadthesign em* LSE, conforme figura 51. Ainda assim, alguns têm sinal, mas não possuem registros formais nos dicionários, entretanto, são utilizados na comunicação da comunidade surda e na área acadêmica. No entanto, é fundamental que esses sinais sejam devidamente documentados, para que os consulentes consigam se apropriar adequadamente das línguas de sinais e utilizá-las de maneira mais apropriada no contexto acadêmico.

Figura 49. A análise de informações em LSE.

Vocábulo PT	Insuficiente	Vocábulo LE	insuficiente
Dic. Libras	Imagem (figura)	Dicc. LSE	
Dic. INES	Imagem (figura)	Dicc. CSNE	Imagem (figura)
Spreadthesign Libras	Imagem (figura)	Spreadthesign LSE	Imagem (figura)

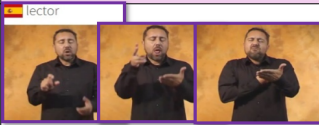
Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor

Figura 50. A análise de informações em Libras.

Vocábulo PT	doutrina	Vocábulo LE	doctrina
Dic. Libras		Dicc. LSE	Imagem (figura)
Dic. INES	Imagem (figura)	Dicc. CSNE	Imagem (figura)
Spreadthesign Libras	Imagem (figura)	Spreadthesign LSE	Imagem (figura)

Fonte: Elaborado pelo autor.


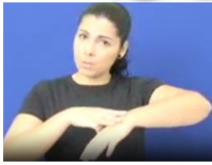
Figura 51 A análise de informações em *Spreadthesign*.

Vocábulo PT	leitor	Vocábulo LE	<u>lector</u>
Dic. Libras	Imagem (figura)	Dicc. LSE	Imagem (figura)
Dic. INES	Imagem (figura)	Dicc. CSNE	Imagem (figura)
Spreadthesign Libras	Imagem (figura)	Spreadthesign LSE	

Fonte: Elaborado pelo autor

É possível também encontrar os sinais que constam apenas nos dicionários em Libras e que não consta na LSE, por exemplo, o vocábulo “magistério” e “magisterio” na língua espanhola, apresentado na figura 52, o qual não apresenta sinal correspondente no dicionário *Spreadthesign*, uma vez que este ainda não foi atualizado ou registrado. Conforme destacado nas análises, trata-se de uma das equipes responsáveis por projetos em andamento, com o objetivo de expandir o repertório lexical. Nesse contexto, o processo de elaboração e gravação de vídeos revela-se moroso, a fim de permitir que avaliadores surdos validem os sinais associados a cada vocábulo, assim não consta na Quadro em questão. O Dicionário do INES consta um sinal quanto o Dicionário em Libras do Capovilla consta dois sinais de “magistério”, pois são variações regionais que exibem movimentos distintos.




Figura 52. A análise de informações em Libras e não consta LSE.

Vocábulo PT	magistério	Vocábulo LE	<u>magisterio</u>
Dic. Libras		Dicc. LSE	Imagem (figura)
Dic. INES		Dicc. CSNE	Imagem (figura)
Spreadthesign Libras	Imagem (figura)	Spreadthesign LSE	Imagem (figura)

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor

Assim, ao contrário também consta o vocábulo em sinal na LSE e não em Libras, conforme figura 53. O vocábulo “tutor” e “tutor” são palavras utilizadas no cotidiano acadêmico ou em ensino a distância, no entanto, não constam registrados nos dicionários gerais de Libras, apenas nos dicionários de LSE. O registro formal de sinais como esses se faz necessário, a fim de permitir que usuários leigos sejam capazes de analisar semelhanças e diferenças de maneira mais precisa. A seguir, da mesma forma que os vocábulos encontrados nos dicionários da Libras e da LSE não consta, por exemplo: na língua portuguesa “magistério” e “magisterio” em língua espanhola.

Figura 53. A análise de informações em LSE e não consta na Libras.



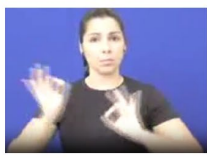



Vocábulo PT	Tutor	Vocábulo LE	tutor
Dic. Libras	Imagem (figura)	Dicc. LSE	
Dic. INES	Imagem (figura)	Dicc. CSNE	
Spreadthesign Libras	Imagem (figura)	Spreadthesign LSE	

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor

Há também alguns vocábulos que têm todos os sinais nos dicionários; em alguns dicionários têm inclusive mais sinais por motivo de variações regionais. Contrastam-se alguns sinais para confirmar se há diferenças e semelhanças nos dicionários de línguas de sinais em Libras e LSE na representação e organização dos parâmetros linguísticos das línguas de sinais do léxico, e para verificar se há variações regionais na forma de representação dos sinais através de visuais e ou sinais do ponto de vista sincrônicas.


Observe na sequência o primeiro vocábulo da Quadro na categoria “aprendizagem/aprendizaje” para analisar o vocábulo “preparação” ou a “preparación” e analisar o sinal nos dicionários da Libras e LSE.

Figura 54. Análise do vocábulo “preparação” e “preparación”

Vocábulo PT	preparação	Vocábulo LE	preparación
Dic. Libras		Dicc. LSE	
Dic. INES		Dicc. CSNE	
Spreadthesign Libras		Spreadthesign LSE	

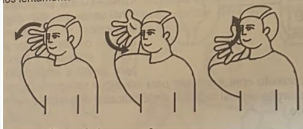
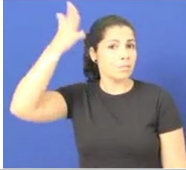



Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor

Como as cores já foram explicadas anteriormente, vê-se que nesta Quadro aparece um contorno verde claro na ilustração dos sinais, que indica que há mais de um sinal e também possuem variações regionais. Nesta análise encontra-se a informação da língua escrita da língua portuguesa e da língua espanhola é indicado a mesma informação, pois na língua de sinais também são mesmas informações semelhança. Apenas alguns movimentos são diferentes:

observam-se a CM  de ambas as mãos e usando movimento. Destaca-se que o sinal do vocábulo “preparação” e “preparación” possui semelhança com outros sinais em todos os seis dicionários analisados.




Outro vocábulo é “conferência”, que apresenta as palavras tanto na língua portuguesa e língua espanhola e quanto nas Libras e na LSE e os parâmetros que constam é a localização em semelhança e os CM como movimentos são diferentes.

Figura 55. Análise do vocábulo de “Conferência” e “Conferencia”

Vocábulo PT	conferência	Vocábulo LE	conferencia
Dic. Libras		Dicc. LSE	
Dic. INES		Dicc. CSNE	
Spreadthesign Libras		Spreadthesign LSE	


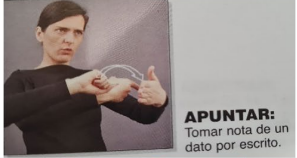



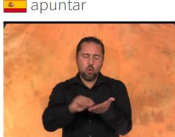
Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor

Este sinal de “conferência” corresponde ao conceito de compartilhar conhecimento nas apresentações de estudo, pesquisa, em reuniões de algum tema específico para debater o assunto, portanto, sempre haverá um representante que fará um discurso na língua oral ou na língua de sinais. Ou seja, os sinais apresentam semelhanças devido aos parâmetros da CM e a diferença dos movimentos. Pode-se interferir que esses sinais são utilizados para sinalizar em línguas de sinais para o público.

Nos dicionários em Libras é usado a CM  no lado do rosto com o movimento circular para frente. Na LSE o sinal é parecido, quase igual, pois apresenta a primeira CM  e depois solta como CM  com os movimentos para frente. Percebe-se que o sinal de “conferência” está relacionado ao uso visual, considerando um discurso que é realizado em público, ou seja, utilizando a linguagem semiótica para representar o sinal desse vocábulo. É possível que tenha havido influência das línguas de sinais espalhadas internacionalmente nesse contexto.



Observe outros dois vocábulos: “apuntes” e “anotações”, em que o sinal apresenta em diferentes dicionários em língua de sinais.



Figura 56. Análise do vocábulo “anotação” e “apuntes”

Vocábulo PT	anotações	Vocábulo LE	apuntes
Dic. Libras		Dicc. LSE	
Dic. INES		Dicc. CSNE	
Spreadthesign Libras		Spreadthesign LSE	




Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor






Neste Quadro, apresenta-se o sinal de “anotação” que no dicionário de Capovilla apresenta um sinal composto, usando o sinal de “caderno” e o de “colocar”, outro sinal do mesmo dicionário que possui o sinal de variação regional usando apenas “anotar” sem sinalizar o vocábulo de “caderno”. No dicionário INES em Libras, apresentam variações regionais do

verbo “anotar”, no caso essa CM  com mão dominante em movimento batendo na outra CM  com o braço em horizontal como um apoio referência como “caderno”. O sinal do

dicionário *Spreadthesign* - Brasil é o sinal composto de CM  com o braço em vertical como um apoio referência como “papel/folha” e mais esse CM  com movimento de escrever

dominando na outra mão com a CM  como um apoio referência como “papel/folha”.



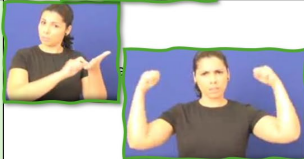



Nos dicionários de LSE, apresenta-se o sinal de CM  com a mão horizontal, com movimento semicircular dominante na palma da mão com a CM  horizontal. No CNSE-DILSE, apresenta-se o sinal de “apuntes” com o uso de CM , com o movimento de escrever e o segundo sinal é o mesmo do primeiro sinal do dicionário, apresenta-se o sinal de

CM  com a mão horizontal, com o movimento semicircular dominante na palma da mão com a CM  horizontal. No terceiro dicionário, o sinal mostra o sinal composto, que é o sinal de CM  com o movimento de escrever e acrescentando CM  com um leve de movimento na ponta da outra mão CM  no braço em posição horizontal, alisando um pouco para trás.







Esses sinais em de “anotação” e “apuntes” apresentam sinais diferentes em outros dicionários tanto em Libras e LSE, pois possuem variações regionais. O dicionário de Capovilla apresenta informação clara da variação regional dos sinais, mas nos dicionários online, tanto o dicionário INES como o *Spreadthesign*-Brasil representam um desafio para os consulentes que desejam aprender esses sinais devido à falta de informação sobre as variações regionais. Seria importante fornecer informações específicas sobre as regiões em que esses sinais são empregados, facilitando o uso correto dos sinais pelos consulentes em cada contexto regional. Da mesma forma que ocorre com a LSE, apenas dois dicionários apresentam os mesmos sinais, enquanto o dicionário *Spreadthesign*-Espanha apresenta outro sinal, o que geram dúvidas nos consulentes sobre qual sinal devem utilizar.

Outro sinal que apresenta alguns exemplos de sinais diferentes e contextos diferentes do conceito de um vocábulo semelhante são os vocábulos “exercício” e “ejercicio”.

Figura 57. Análise do vocábulo “exercício” e “ejercicio”

Vocábulo PT	exercício	Vocábulo LE	ejercicio
Dic. Libras		Dicc. LSE	
Dic. INES		Dicc. CSNE	
Spreadthesign Libras		Spreadthesign LSE	

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor.


Observe que neste Quadro há dificuldade para se compreender o sinal, pois o vocábulo selecionado em um dicionário que possuem um conceito específico no contexto escolar, mas os sinais são consultados nos dicionários de línguas de sinais em geral que apresentam outros conceitos relacionados à ação do corpo e à saúde. Por exemplo, no dicionário de Capovilla, apresenta-se variação regional com o conceito de atividades de estudos para o vocábulo "exercício". O primeiro sinal da CM de  com duas mãos na localização no espaço de frente do corpo com o movimento assimétrico; o segundo sinal é de CM , com o movimento de escrever na outra palma da mão CM  no braço em posição horizontal. O terceiro sinal é composto: o sinal inicia com a letra inicial da palavra CM  e depois CM  dominante na outra mão com a CM  no braço em posição vertical.

O vocábulo “exercício” que é apresentado no dicionário INES em Libras, o distingue em dois conceitos distintos, sendo eles: tarefa de estudo e exercício físico corporal. Além desses dois conceitos, é possível observar no dicionário *Spreadthesign* o conceito de caderno de exercícios que está relacionado ao contexto educacional. Dito isso, é possível observar que o sinal para “exercício” se assemelha em Libras, uma vez que remete à ação de escrever no caderno.

Observa-se na LSE, o mesmo problema já explicitado, em que é apresentada apenas a acepção de exercício físico, não contemplando o sentido para atividade escolar. Em contraste, no dicionário CNSE-DILSE duas possibilidades são descritas: exercícios físicos e exercícios em contexto escolar. Já no *Spreadthesign - España*, a acepção apresentada refere-se apenas a atividades escolares. Considerando esse último, vale chamar atenção para o sinal “ejercicio”, que, paradoxalmente, remete ao significado de atividade física. A divergência exposta remete ou conduz a alguns questionamentos: haveria erros nos registros e vídeos disponibilizados pelo *Spreadthesign - España*? Ou estaríamos diante de um diante de um sinal composto formado pela combinação dos léxicos “ejercicio” e “actividad” na LSE?





Na Quadro seguinte, apresento o vocábulo da disciplina de “Filosofia” em português e “Filosofia” em espanhol, considerando que em ambas as línguas os sinais utilizados apresentam semelhanças.


Figura 58. Análise do vocábulo de “filosofia” e “filosofía”

Vocábulo PT	filosofia	Vocábulo LE	filosofía
Dic. Libras		Dicc. LSE	
Dic. INES		Dicc. CSNE	
Spreadthesign Libras		Spreadthesign LSE	

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor.

No dicionário de Libras do autor Capovilla, há sempre algumas informações adicionais sobre sinais em função das variações regionais. Isso ocorre porque o conceito do vocábulo “filosofia” em língua de sinais está relacionado a pensamentos humanos (na cabeça humana). Portanto, todos os sinais do vocábulo "filosofia" nos dicionários de línguas de sinais apresentados anteriormente são semelhantes, diferenciando-se por meio da expressão facial, embora o significado permaneça o mesmo.



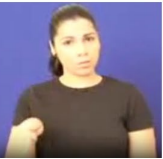



Ainda devido à variação regional, outros sinais para o vocábulo “filosofia” são apresentados no dicionário Capovilla. O primeiro sinal é apontado com a CM  na têmpora e depois com a letra inicial do vocábulo que é o a CM . O segundo sinal inicia com a letra inicial do vocábulo com a CM  com o movimento circular. Já o terceiro é feito com a CM  na têmpora, movimentando os dedos e os braços para cima, inclinado. Nos três casos apresentados, as representações visuais remetem ao pensamento e à reflexão filosófica sobre o conhecimento humano.

Na LSE os sinais se assemelham, apenas usando com a CM  na têmpora, movimentando os dedos e braços para cima, inclinado. Assim, é possível supor que os sinais

podem ter sido difundidos historicamente da Europa para a América do Sul, seja por meio do contato com a comunidade surda, seja por meio de pesquisas acadêmicas, levando ao desenvolvimento do sinal e do conceito. Naturalmente, o sinal é empregado de maneira visual, representando o processo de pensamento e imaginação do conhecimento a partir da perspectiva humana.


Outro sinal que analisaremos é o sinal de “professor”. Cada língua apresenta um sinal específico para essa designação. O vocábulo selecionado corresponde a “professor”, em português, e “maestro/profesor”, em espanhol.


Figura 59. Análise do vocábulo de “professor(a)”, “maestro”

Vocábulo PT	professor	Vocábulo LE	maestro
Dic. Libras		Dicc. LSE	
Dic. INES		Dicc. CSNE	
Spreadthesign Libras		Spreadthesign LSE	

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor.

O vocábulo de “maestro/profesor”, em espanhol, tem os mesmos conceitos, correspondendo ao docente de educação geral básica, que equivale ao professor do Ensino Fundamental. O que corresponde a “professor” em língua portuguesa e “maestro” ou “profesor” em língua espanhola. Observe que nos dicionários de Libras apresentam-se os mesmos sinais

com a CM  que é a configuração de mão do alfabeto manual da letra “P” do início da letra do vocábulo e com o movimento semicircular à frente do corpo na altura da barriga. Já na LSE é possível observar outro padrão onde se vê os mesmos sinais em todos os dicionários, com a

CM  na têmpera com o movimento de dedo para frente e para trás. Com isso, embora seja evidente a semelhança na escrita entre as duas línguas, os sinais apresentam diferenças consideráveis entre Libras e LSE.

Após apresentar alguns exemplos de vocábulos em línguas de sinais, é importante destacar a seleção de dicionários especializados no contexto educacional que permitam observar diferenças e semelhanças entre os sinais. Os registros evidenciam aqueles que mantêm sua forma original ao longo da tradição histórica da educação dos surdos. Nota-se, ainda, que a língua de sinais, assim como as línguas escritas em português e espanhol, compartilha algumas similaridades influenciadas pela colonização espanhola e pela disseminação da educação dos surdos internacionalmente.

Cada país desenvolveu as suas próprias línguas de sinais, as quais não podem ser simplesmente consideradas derivadas da Língua de Sinais Francesa (LSF). Essas línguas possuem estruturas gramaticais distintas e vocabulários próprios, embora alguns sinais possam divergir devido às experiências e registros culturais de cada povo. Destaco, portanto, que existem sinais que podem ser influenciados e moldados pela história.

Os estudos de Lexicografia desempenham um papel fundamental na compreensão da estrutura e das características que compõem os dicionários de Libras e de LSE, reconhecendo cada língua de sinais como um idioma natural que, assim como as línguas faladas, está sujeita a processos evolutivos ao longo do tempo. Tais estudos contribuem para o aprimoramento da descrição dos sinais e para a garantia de representatividade da comunidade surda na elaboração de dicionários e materiais lexicográficos.


A seguir apresentam-se as Quadros referentes aos sinais consultados, abordando semelhanças, diferenças, sinais idênticos e sinais não encontrados em dicionários selecionados de Libras e de LSE. A partir deste ponto, serão apresentados seis vocábulos com sinais idênticos encontrados. Ressalta-se que os sinais possuem uma fonologia linguística, cujos parâmetros serão detalhados a seguir.


Quadro 7. Sinais em Libras e LSE no contexto escolar: sinais idênticos

1	Filosofia;	4	Religião;
2	Inglês;	5	Leitura;
3	Preparação;	6	Francês

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor.

Observa que nesta análise contrastada nos vocábulos acima em Libras e LSE, apresenta uns dos exemplos de vocábulos com sinais idênticos, destacando com o foco os parâmetros em

linguísticas em línguas de sinais. O vocábulo “filosofia” em português e “filosofía” em espanhol compartilham a mesma tradução, a diferença está somente na fonologia oral, sendo a pronúncia em espanhol semelhante à do português, portanto, relacionado às características fonéticas em línguas orais. Os vocábulos em línguas de sinais como Libras e LSE também correspondem a sinais idênticos, pois o sinal encontrado o vocábulo de “filosofía” em dicionário impresso e digital são a mesma CM  na localização têmica da cabeça com um movimento acompanhando com a articulação dos dedos de forma sincronizada.

Da mesma forma que o vocábulo “inglês” em português e o “ingles” em espanhol são a mesma palavra, distinguindo-se apenas o acento ortográfico na língua espanhola. Da mesma forma, em Libras e na LSE o sinal contrastado é idêntico, pois a CM  fica na localização do queixo, próxima ao rosto e o movimento.

Nesta análise a linguística contrastiva é fundamental para contrastar línguas de sinais, como a Libras e a LSE, revelando sinais com o uso das fonologias e definições, bem como indicam os sinais idênticos, conforme apresentado nos resultados acima. Essa observação é crucial para que os consulentes, incluindo aprendizes, exerçam cautela ao consultar os sinais, uma vez que alguns podem apresentar definições diferentes em contextos culturais ou linguísticos específicos, embora estes vocábulos acima compartilhem o mesmo significado nas línguas orais (português e espanhol) e nas línguas de sinais.

O quadro abaixo apresenta alguns dados contrastivos dos sinais semelhantes encontrados nos dicionários consultados, bem como aqueles que são idênticos.


Quadro 8. Sinais em Libras e LSE no contexto escolar: análise de registros lexicográficos


1	Didática	4	ginástica
2	Ciência	5	química
3	Conferência	6	inteligência
4	terceiro (número ordinal)	10	quarto (número ordinal)



5	Biblioteca	11	regulamento
6	Caligrafia	12	anotação

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor.

Nos estudos da fonologia em Libras apresentam-se os cinco parâmetros, assim estes sinais semelhantes acima encontrados indicam que os sinais são quase iguais, apenas um desses parâmetros são diferentes. Por exemplo, o sinal de “didática” e ou “didactica” em língua

espanhola é o mesmo sinal da CM  e apresenta a mesma localização no neutro, apenas um movimento diferente. Ainda, há o sinal de “ciência” ou “ciencia” em língua espanhola, apesar

de semelhantes, também há diferenças. Portanto, o sinal inicial com a CM  e com localização neutra próximo do rosto, nestes sinais encontrados, são semelhantes, apenas o movimento é diferente. Assim como o sinal de “ginástica” e “gimnasia” em língua espanhola, o sinal corresponde à localização no ombro e o movimento para frente e para trás, somente

havendo diferença na CM em Libras  e em LSE .

Na análise contrastiva dos sinais das línguas de sinais, com ênfase na Língua Libras e na LSE, no campo semântico em contexto acadêmico, observa-se uma semelhança significativa entre os sinais, uma vez que apresentam a maioria dos parâmetros idênticos, com apenas um parâmetro diferente. Essa diferença pode estar relacionada às formas visuais e às influências culturais das comunidades surdas, que moldam os parâmetros definidores dos sinais em cada língua de sinais.

Quadro 9. Sinais diferentes entre Libras e LSE no contexto escolar:

1	classe	34	rejeição	67	segundo(numero ordinal)
2	teste	35	diploma	68	cantina
3	problema	36	geografia	69	refeitório
4	educação	37	gramática	70	vestuário
5	experimentação	38	história	71	gratuito

6	aprendizagem	39	matemática	72	trimestre
7	ensino	40	poesia	73	pátio
8	falta	41	professor	74	reunião
9	arrogância	42	universidade	75	teste
10	ensino médio	43	primeiro(numero ordinal)	76	explicar
11	gratuito	44	interesse	77	disciplina
12	férias	45	vontade	78	educação
13	quinto (numero ordinal)	46	nota	79	ilustração
14	sexto (numero ordinal)	47	premio	80	metodologia
15	sala de aula	48	engenheiro	81	aquisição
16	matricula	49	canto	82	nível
17	método	50	idioma	83	atenção
18	conversar	51	língua	84	distração
19	deveres	52	cola	85	progresso
20	prova	53	concurso	86	aprovado
21	redação	54	aluno	87	reprovado
22	evangelização	55	estudante	88	castigo
23	instrução	56	externo	89	doutor
24	pedagogia	57	repetir	90	física
25	assimilação	58	coordenador	91	bolsista
26	relatório	59	diretor	92	colega

27	aplicação	60	conservatório	93	interno
28	ausência	61	instituto	94	seminarista
29	geometria	62	idioma	95	instrutor
30	literatura	63	língua	96	secretário
31	tecnologia	64	cola	97	escola
32	falha	65	concurso	98	faculdade
33	estudante	66	aluno	99	universidade
				100	geometria

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor.

Ainda, conforme as análises demonstram-se na Quadro acima os sinais léxicos diferentes, pois cada país possui sua língua, além de que alguns desses sinais não têm registros nos dicionários selecionados em Libras e em LSE. Assim, alguns vocábulos em sinais não são completamente distintos, mas pelo contraste se vê que os sinais nas duas línguas de sinais são totalmente diferentes.

A seguir há a Quadro 10, que representa os sinais lexicais disponíveis em Libras e que não tem vocábulo na LSE. Após, serão demonstrados os casos contrários, em que existem na LSE e não na Libras, conforme Quadro 11.

Quadro 10. Vocábulos encontrados em Libras e não consta na LSE

1	Formação	5	optativa
2	Magistério	6	desenho
3	Doutrina	7	infantil
4	Matéria	8	reitor

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor

A Quadro acima indica que oito vocábulos em sinais, identificados nos dicionários da Libras, não constam no dicionários em LSE. Essa ausência pode decorrer de diferenças culturais no uso cotidiano da LSE, em que tais sinais possivelmente não sejam empregados com frequência, ou de uma lacuna no registro lexicográfico, especialmente no contexto escolar,

apesar de sua relevância no dia a dia das aulas. Essa discrepância evidencia a necessidade de maior atenção na documentação de sinais essenciais, a fim de promover a padronização e a acessibilidade em ambientes educacionais bilíngues.

Da mesma forma, observa-se a Quadro 11 o caso inverso, 17 com vocábulos em sinais encontrados nos dicionários da LSE e que não estão registrados nos dicionários da Libras. Tal situação reforça a importância de um esforço mais amplo por parte dos lexicógrafos, visando expandir os vocabulários relacionados ao ensino escolar e acadêmico.

Quadro 11. Os vocábulos encontrado na LSE e não consta em Libras

1	ditado	10	insuficiente
2	qualificação	11	álgebra
3	expediente	12	aritmética
4	catalão	13	galego
5	latim	14	basco
6	ortografia	15	convocação
7	tutor	16	leitor
8	zelador	17	colégio
9	academia		

Fonte: dados da pesquisa. Elaborado pelo autor.

A seguir, apresentam-se quantos vocábulos no campo semântico no contexto escolar estão registrados nos dicionários na Libras e na LSE.

Quadro 12. Número total de vocábulos nos dicionários em Libras e LSE

143 no total de vocábulos	Dic. Libras	Dic. INES	<i>SpreadtheSign</i> Libras	<i>Dicc.</i> LSE	<i>Dicc.</i> CSNE	<i>SpreadtheSign</i> LSE
Não registrados	33	44	68	66	35	34
registrados	110	99	75	77	108	109

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor.

No âmbito da pesquisa lexicográfica em LC, nas línguas de sinais Libras e LSE, foram selecionados 143 vocábulos pertencentes ao campo semântico do contexto escolar e acadêmico. Desses, apenas um vocábulo apresenta-se significado unívoco tanto na língua portuguesa quanto na sua tradução para o espanhol, o que evidencia a complexidade da equivalência lexical

entre línguas orais e línguas de sinais. A análise contrastiva realizada nos dicionários de Libras e de LSE revelou diferenças significativas no número de vocábulos registrados, apontando para lacunas preocupantes na documentação lexicográfica.


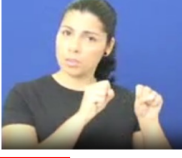
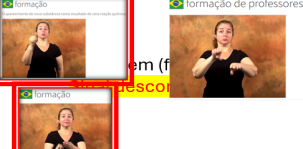
Os dicionários de Libras, como o de Capovilla e o do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), possuem longa trajetória em estudos lexicográficos e são considerados referências essenciais por diversas pesquisas. No entanto, no contexto escolar, sua cobertura lexical é insuficiente, limitando o acesso a vocábulos fundamentais para o ensino. Similarmente, o dicionário *Spreadthesign*, embora represente um projeto recente com participação de surdos brasileiros, professores e tradutores no ensino superior, registra menos da metade dos vocábulos registrados em Libras, destacando a necessidade urgente de ampliação e atualização de seus verbetes.

No caso da LSE, também se observa uma carência de registros lexicográficos, com um número significativo de vocábulos ausentes nos dicionários disponíveis. Essa lacuna reforça a importância de um trabalho mais rigoroso e sistemático na documentação de sinais, especialmente aqueles relacionados ao contexto educacional.

Para aprimorar o registro de sinais é fundamental realizar análises contrastivas que incluam outros dicionários não contemplados na metodologia desta pesquisa. Essa abordagem permitiria verificar a existência de vocábulos em outras línguas de sinais e complementar os registros, promovendo uma lexicografia mais robusta e acessível. A ampliação do repertório lexical é essencial para atender às necessidades de consulentos surdos e ouvintes bilíngues, bem como de aprendizes de línguas de sinais como língua estrangeira. Além disso, a análise contrastiva lexicográfica contribui para o avanço da pesquisa em línguas de sinais, possibilitando a comparação com outras línguas de sinais e a valorização da lexicografia como ferramenta de inclusão e disseminação cultural. Assim, a consolidação de dicionários mais completos e representativos fortalece a comunicação e a educação bilíngue, promovendo a acessibilidade e a valorização das comunidades surdas.

A partir de então, serão analisados, tanto em Libras como em LSE, sinais que apresentam erros de registros ou que tenham significados distintos no contexto escolar.

Figura 60. Vocábulos que apresentam erros de registro - Libras.


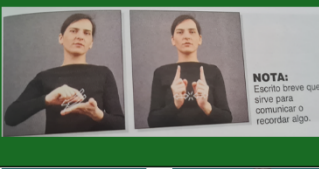
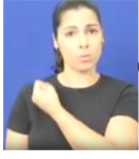


Vocábulo PT	formação	Vocábulo LE	formación
Dic. Libras		Dicc. LSE	Imagem (figura)
Dic. INES		Dicc. CSNE	Imagem (figura)
Spreadthesign Libras		Spreadthesign LSE	Imagem (figura)

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor.

Observa-se que o vocábulo “formação” em Libras, na figura 60, muito provavelmente pode ser considerado um equívoco, uma vez que não há registro consolidado ou conhecido desse sinal. Além de que essa definição no contexto escolar seria efeito ou modo de formar algo conhecimentos e habilidades específicas a uma atividade prática ou intelectual, portanto, no dicionário *Spreadthesign* indica a definição de “o aparecimento de nova substância como resultado de uma reação química” e o outro vocábulo está sem definição.

Em LSE, ao nos debruçarmos na análise do vocábulo “nota”, na figura 61, se evidenciam diferenças importantes, haja vista que em alguns registros o vocábulo está associado à definição do uso de pontuação no contexto escolar e outra definição como um bloco de nota, assim na Libras apresenta apenas pontuação.





Figura 61. Vocábulo com erros de registro- LSE.

Vocábulo PT	Nota	Vocábulo LE	nota
Dic. Libras		Dicc. LSE	
Dic. INES		Dicc. CSNE	
Spreadthesign Libras		Spreadthesign LSE	Imagem (figura)

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor.

Há outros vocábulos que se relaciona a “regulamento”, traduzido em espanhol como “*reglamento*”. No dicionário *Spreadthesign* esse vocábulo é representado como “ordenanza”, ou seja, a definição é diferente. Na língua espanhola há o vocábulo de “reglamento” e não consta o registro em sinal, portanto, parece confuso verificar exatamente que é o sinal. Essas alternâncias reforçam tais divergências.

Figura 62. Vocábulos com erros de registro em três dicionários.

Vocábulo PT	regulamento	Vocábulo LE	reglamento
Dic. Libras		Dicc. LSE	
Dic. INES	Imagem (figura)	Dicc. CSNE	
Spreadthesign Libras	Imagem (figura)	Spreadthesign LSE	

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor.

A Lexicografia em Libras enfrenta desafios significativos devido à escassez de registros lexicais consistentes e abrangentes. Vocábulos especializados em sinais frequentemente não estão documentados em dicionários de referência, como o dicionário eletrônico do INES e do *Spreadthesign*. Essas lacunas e inconsistências podem dificultar a apropriação adequada dos sinais em contextos acadêmicos, impactando a comunicação e o ensino bilíngue. Por exemplo, o vocábulo “reunião” não consta no *Spreadthesign*, mas sua documentação é limitada e recente, pois tem se encontrado no dicionário do INES e no de Capovilla, esses possuem registros próprios. Da mesma forma, o vocábulo “ditado”, apesar de ser utilizado em contextos escolares desde a infância, não está registrado em nenhum desses dicionários tanto no eletrônico e na impressa. Essa ausência pode levar professores bilíngues ou estudantes surdos em Libras a supor que determinados sinais não existem, resultando na criação de novos sinais ou na variação despadronizada, o que gera divergências na comunicação.

Outro problema identificado é a falta de clareza e objetividade nas definições dos lemas nos dicionários de Libras. A microestrutura lexicográfica bilíngue em sinais ainda é insuficiente, carecendo de maior precisão e de um número mais amplo de entradas que reflitam

o uso real da língua. A ausência de lexicólogos fluentes em línguas de sinais, capazes de formar equipes especializadas, contribui para a lentidão no desenvolvimento de dicionários mais completos e confiáveis.

Além disso, a falta de dicionários acessíveis e a ausência de divulgação nas políticas públicas de educação inclusiva ou na educação bilíngue de surdos, o que compromete a acessibilidade e a valorização da cultura surda. A criação de novos dicionários é essencial para promover uma representação mais fiel e funcional da Libras, respeitando sua riqueza linguística e cultural.

Observa-se, ainda, que algumas semelhanças entre sinais da Libras e de outras línguas de sinais, como as de origem da língua de sinais francesa, podem ser identificadas, embora sejam minoria. Na maioria dos casos, as diferenças prevalecem, refletindo a influência da cultura e da comunidade surda de cada país.

É fundamental investir na produção de dicionários atualizados e acessíveis, com equipes capacitadas e fluentes em Libras, para atender às necessidades educacionais e culturais da comunidade surda, promovendo maior inclusão e precisão na comunicação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo abordar aspectos qualitativos e descritivos contrastando sinais do campo semântico “ensino em contexto acadêmico em línguas de sinais”: Língua Brasileira de Sinais (Libras) e Língua de Sinais Espanhola (LSE) relativos à Lexicografia da Libras e da LSE no campo semântico acadêmica em dicionários de Libras e LSE.

Indicou-se que a análise e contraste de semelhanças e diferenças nos dicionários de Libras e LSE, tanto em formato impresso quanto online, contribui para melhorias estruturais nos dicionários bilíngues, ou seja, para o aprimoramento dos dicionários. Indicou-se, ainda, que a ausência de informações em dicionários pode comprometer a informação e a aprendizagem das línguas de sinais.

Os resultados indicam que a Libras e a LSE possuem diferenças significativas em termos de configuração de mãos, movimentos e expressões faciais/corporais. Essas diferenças são influenciadas por fatores culturais e regionais, o que reforça a necessidade de materiais didáticos específicos para o ensino de cada língua. A pesquisa também evidenciou a importância da coleta de dados dos dicionários bilíngues na primeira etapa da investigação, permitindo uma análise detalhada dos sinais no contexto acadêmico

A expectativa que se tem é a de que esta pesquisa contribua para o avanço do conhecimento linguístico em Libras e em LSE, particularmente no que se refere aos sinais relacionados ao contexto educacional, afinal as obras lexicográficas e os dicionários desempenham um papel crucial na preservação, valorização e disseminação das línguas em geral e dessas duas línguas em particular, assegurando a visibilidade e reconhecimento das línguas de sinais como idiomas naturais e autônomos.

Espera-se que este estudo contribua para o conhecimento linguístico da Libras e da LSE, integrando-as ao contexto dos estudos científicos, valorizando os dicionários de línguas de sinais como recurso fundamental para a inclusão social e o registro, visando ampliar a produção de materiais lexicográficos com qualidade para o ensino e a pesquisa das línguas naturais e autônomas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Otávio Goes de. **Interlíngua oral e léxico de brasileiros aprendizes de espanhol**. Londrina: EDUEL, 2011. ISBN 978-8572166010.

AMPESAN, João Paulo. **Análise de Dicionários ‘de Libras’ no Brasil**: Proposição de Verbete Monolíngue, Bilíngue, Monomodal e Bimodal. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, 2025.

ARMSTRONG, David F. **The history of Gallaudet University: 150 years of a deaf American institution**. In: *Establishing a College for the Deaf, 1864-1910*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2014. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/book/30853>. Acesso em: mar. 2023.

ARNAUD, Sabine. **From gesture to sign: sign language dictionaries and the invention of a language**. *Sign Languages Studies*, Washington, p. 1-35, 2019. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/26899343.pdf>. Acesso em: 16 set. 2025.

ARROYO, Cristina Gelpi. **Os dicionários bilíngues: parâmetros de uma avaliação lexicográfica**. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 6, p. 23-26, abr./jun. 1999. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3726>. Acesso em: 16 set. 2025.

ARROYO, Cristina Gelpi. **Mesures d’avaluació lexicogràfica de diccionaris bilingües**. Tese (Doutorado em Variació en el Llenguatge). Universitat de Barcelona, 1997. Institut Universitari de Lingüística Aplicada. Universitat Pompeu Fabra. Barcelona, 2003.

ASPILICUETA, Patricia. **Modelo de análise de erros aplicado à produção escrita de surdos: o estudo das preposições no português como segunda língua**. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 9, n. 1, p. 11–42, 2006. DOI: 10.5433/2237-4876.2006v9n1p11. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3726>. Acesso em: 16 set. 2025.

BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004. ISBN 978-8531408106.

BEVILACQUA, Cleci Regina; FINATTO, Maria José Bocorny. **Lexicografia e terminografia: alguns contrapontos fundamentais**. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 43-54, 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1410>. Acesso em: 16 set. 2025.

BERGENHOLTZ, Henning; GOUWS, Rufus H. **What is lexicography?** *Lexikos*, v. 22, n. 1, p. 31-42, 2012. DOI: <https://doi.org/10.5788/22-1-996>. Disponível em: <https://lexikos.journals.ac.za/pub/article/view/996>. Acesso em: 16 set. 2025.

BIDERMAN, Maria Tereza de Carvalho. **As ciências do léxico**. In: _____. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

BOLDO, Jaqueline. **Expressões idiomáticas em Libras: uma análise a partir da perspectiva semântico-lexical.** 190 p. Tese de doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Programa de pós-graduação em Linguística. Florianópolis, 2025.

BONNAL-VERGÈS, Françoise. **Langue des signes française: des lexiques des XVIIIe et XIXe siècles à la dictionnaire du XXIe siècle.** Glottopol, n. 7, p. 160-190, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/glottopol/167>. Acesso em: 16 set. 2025.

BOUTORA, Leila. **Fondements historiques et implications théoriques d'une phonologie des langues des signes.** 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Université Paris VIII Vincennes-Saint Denis, Paris, 2008. Disponível em: <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00833507>. Acesso em: 16 set. 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 25 abr. 2002.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BRITO, Lúcia Fernandes; ALMEIDA, Maria do Carmo; MENEZES, Maria do Carmo. **Língua Brasileira de Sinais – Libras.** In: BRASIL. Secretaria de Educação Especial (org.). Brasília: SEESP, 1998.

CARVALHO, Paulo Vaz de. **O Abade de L'Epée no Século XXI.** 1^{as} Jornadas da LGP, Língua, Ensino, Interpretação. ESEC - Escola Superior de Educação de Coimbra, 2012. Disponível em: <http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=7&idart=307>. Acesso em: 16 set. 2025.

COELHO, Orquídea; CABRAL, Eduardo; GOMES, Maria do Céu. **Formação de surdos: ao encontro da legitimidade perdida. Educação, Sociedade e Culturas,** Porto, n. 22, p. 153-181, 2004. Disponível em: <https://www.up.pt/revistas/index.php/esc-ciie/article/view/2175-7968.2004v1n33p143>. Acesso em: 16 set. 2025.

CORREIA, Margarita. **Os dicionários portugueses.** Alfragide: Editorial Caminho, 2009.

CORTS GINER, María Isabel; GARCÍA JIMÉNEZ, Eduardo. **La enseñanza de los sordomudos en España en los siglos XVII y XVIII. Análisis comparativo de las obras de J. P. Bonet y L. Hervás y Panduro.** Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2008. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcj10h6>. Acesso em: 16 set. 2025.

COSTA, Eliane Soares; NASCIMENTO, Luciana Ribeiro Soares. **Os dicionários virtuais e impressos da Língua Brasileira de Sinais.** Em: Anais do 8º Encontro Internacional de Formação de Professores - ENFOPE, 2015, Aracaju-SE.

CONFEDERACIÓN ESTATAL DE PERSONAS SORDAS (CSNE). **Acercamiento a los derechos lingüísticos de las personas sordas: más allá de la discapacidad.** En lengua de signos española. Gobierno de España. Ministerio de Derechos Sociales e Agenda 2030. Fundación ONCE, 2023. Disponível em:

https://www.cnse.es/images/descargas/ESTUDIO_APROXIMACION_DERECHOS_LINGUISTICOS_2024.pdf. Acesso em: 16 set. 2025.

CORDER, P. The Significance of Learner Errors. **International Review of Applied Linguistics**, n. 5, pp. 161-170, 1967. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED019903>. Acesso em 15 fev. 2026.

COROMINAS, J[uan]. **Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana**. Editorial Gredos. I: A-C. Madrid, 1954. II: CH-K, Madrid, 1954/ Manuel Alvar. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/corominas-juan-diccionario-critico-etimologico-de-la-lengua-castellana-editorial-gredos-i-a-c-madrid-1954-996-pags-en-4-ii-ch-k-madrid-1955-1082-pags-1214365/>. Acesso em 17 de ago de 2025.

CUNHA, Cláudia de Almeida da; AGUILERA, Verônica de Almeida. **Tipologia das obras lexicográficas e o léxico histórico do Português Brasileiro. Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 99-114, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v21i1p99-114>. Acesso em: 16 set. 2025.

CUXAC, Christian (dir.). **Acquisition et interaction en langue étrangère, 15 | 2001, « Les Langues des signes : une perspective sémiogénétique »**. Disponível em: Disponível em: <https://journals.openedition.org/aile/73>. Acesso em: 16 set. 2025.

DELAPORTE, Yves. La variation régionale en langue des signes française. **Marges Linguistiques**, n. 10, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/32230506_La_variation_regionale_en_langue_des_signes_francaise. Acesso em: 16 set. 2025.

DUARTE, Soraya Bianca Reis et al. Aspectos históricos e socioculturais da população surda. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, out.-dez. 2013, p. 1713-1734. Disponível em: <https://rima.ufrj.br/jspui/handle/20.500.14407/15040?mode=full>. Acesso em: 16 set. 2025.

DURÃO, Adja B. de A. B. **Análisis de errores en la interlengua de brasileños aprendices de español y de español es aprendices de portugués**. 2. ed. Londrina: Eduel, 2004. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/43392/1/Diciona%CC%81rio%2001.pdf>. Acesso em: 16 set. 2025.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. A influência do português como língua materna no processo de aprendizagem de inglês como língua estrangeira: a questão do sujeito gramatical. **Revista Investigações**, v. 18, n. 2, jul. 2005. Disponível em: <https://periodicos.uel.br/ojs/index.php/investigacoes/article/view/1234>. Acesso em: 16 set. 2025.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. **La interlengua**. Madrid: Arco Libros, 2007.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri; ANDRADE, Otávio Goes de. Seguindo as pistas dos desvios léxicos-semânticos produzidos por estudantes brasileiros de espanhol. **Por uma lexicografia bilíngue contrastiva**. Londrina: UEL, 2009. Disponível em: <https://www.uel.br/producao/lexicografia.pdf>. Acesso em: 16 set. 2025.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri; BOLZAN, Raquel M. A formação docente em lexicografia e a realidade sobre o trabalho com dicionários em sala de aula. **Eutomia**, Recife, v. 4, p. 323-345, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpe.br/eutomia/article/view/567>. Acesso em: 16 set. 2025.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. Projeto metalexigráfico do Dicionário de Falsos Amigos Português – Espanhol (DiFAPE). **Cadernos de Tradução**, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 192–209, 2015. DOI: 10.5007/2175-7968.2015v35n1p192. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35n1p192>. Acesso em: 16 set. 2025.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. Princípios metalexigráficos adotados em um dicionário de falsos amigos Português-Espanhol. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 14, n. 3, 2015. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1219>. Acesso em: 16 set. 2025.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. **Análisis de Errores en la interlengua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de portugués**. 2ª Edição modificada. Londrina, PR: Eduel, 2004

ECKERT, Kleber. **A análise contrastiva: uma revisão crítica**. In: DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri; DURÃO, Aylton Barbieri; ANDRADE, Otávio Goes de, (orgs.) **Linguística contrastiva: homenagem a Emilio Ridruejo Alonso**. Coleção Calepino – vol. 2. Campinas, SP: Ponte Editores, 2019. Disponível em: <https://www.editoraponte.com.br/linguistica-contrastiva.pdf>. Acesso em: 16 set. 2025.

Ellis, R.. **Second Language Acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

ESPAÑA. **Ley 27/2007, de 23 de octubre, por la que se reconocen las lenguas de signos españolas y se regulan los medios de apoyo a la comunicación oral de las personas sordas, con discapacidad auditiva y sordociegas**. **Boletín Oficial del Estado**, Madrid, 24 de octubre de 2007, núm. 255, pp. 43251-43259. Disponível em: <https://www.boe.es/buscar/doc.php?id=BOE-A-2007-19808>. Acesso em: 16 set. 2025.

ESTEBAN SAIZ, María Luz. **Lengua de signos española: evolución lingüística y expansión**. **Investigaciones Actuales en Lingüística**, vol. 5: Sobre Variación Geolectal y Sociolingüística, 2017, p. 213-228. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/317234567>. Acesso em: 16 set. 2025.

FAULSTICH, Enilde. **Para gostar de ler um dicionário**. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araujo et al., orgs. **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vida – homenagem a Socorro Aragão**. São Luís, MA: EDUFMA, 2010. p. 166–185.

FAULSTICH, Enilde. **Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica**. **Organon**, Porto Alegre, v. 25, n. 50, p. 181-220, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrgs.br/organon/article/view/2011v25n50p181>. Acesso em: 16 set. 2025.

FAULSTICH, Enilde. **Procedimentos básicos para glossário sistêmico de léxico terminológico: uma proposta para pesquisadores de língua de sinais.** In: ISQUERDO, A. N.; dal CORNO, G. O. M., orgs. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**, volume VIII, 2016. 13 p. Disponível em: <https://www.periodicolexico.org/glossario.pdf>. Acesso em: 16 set. 2025.

FELIPE, Tanya Amara; LIRA, Guilherme. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais versão v3.** INES Acessibilidade Brasil. Coordenação Geral de Guilherme de Azambuja Lira, 2011. Disponível em: <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras/>. Acesso em: 16 set. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZÁLEZ, Aránzazu Valdés; ANTÓN, Javier Martín. **Materiales lexicográficos de la LSE y su adaptación a las necesidades de las personas sordas.** Actas do XIII Congreso Internacional de Lingüística Xeral, p. 896-903, Vigo, 2018. Disponível em: <https://www.congreso-linguistica-vigo2018.org/articulo/896>. Acesso em: 16 set. 2025.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista.** 2. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GUIRETTE, Frédéric. **Langue des Signes Monastiques.** Aix-LS - Licence professionnelle langue des signes. Aix-Marseille Université, 2021. Disponível em: <https://aixls.hypotheses.org/files/2021/01/Les-signes-monastiques.-Frederic-Guirette.-2021.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2024.

HENRIQUES, Cláudia C. **Léxico e Semântica: Estudos produtivos sobre palavra e significação.** Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

INES. Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Série Histórica, L'Abbe Sicard, Célèbre Instituteur des Sourds-Muets, Successeur Immédiat de L'abbé de L'Épée.** Vol. 4. 2012. ISBN 978-85-63240-05-7.

JARQUE MOYANO, Maria-Josep. Las Lenguas de signos: Su estudio Científico y reconocimiento legal. **Anuari de Filologia. Estudis de Lingüística (Anu.Filol.Est.Lingüíst.),** 2/2012, pp. 33-48. Disponível em: <https://www.example.com/artigo-jarque2012>. Acesso em: 16 set. 2025.

LADD, Paddy. **Understanding deaf culture: in search of deafhood.** Sydney: Multicultural Matters, 2003.

LANE, Harlan. **A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada.** Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

LIMA, Carlos Roberto de Oliveira. Influências de D. Pedro II sobre a educação de surdos no Brasil: uma visão foucaultiana. **Viver IFRS,** Campina Grande: Realize Editora, 2020, p. 834-853. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/73812>. Acesso em: 05 jun. 2023.

MACHADO, Aline Dubal. **Oficina de Libras: uma ação de extensão necessária à sociedade nos diferentes contextos; histórico, político e social.** *Viver IFRS*, n° 5, p. 65-69, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/ViverIFRS/article/view/2600>. Acesso em: 16 out. 2025.

MARINHO, M. L. **O ensino de Biologia: o intérprete e a geração de sinais.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2007.

MARTINS, Antonielle Cantarelli. **Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira do Rio Grande do Sul.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MARTINS, Francielle Cantarelli. **Discursos e experiências de sujeitos surdos sobre audismo, deaf e surdismo.** UFPel, Pelotas, 2013.

MARTINS, Antonielle Cantarelli. **Lexicografia, Metalexigrafia e Natureza da Iconicidade da Língua de Sinais Brasileira (Libras).** Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MARTINS, Tânia Aparecida. **Estudos para Especificação e Modelagem de Estruturas e Organização de um Dicionário Monolíngue de Libras.** Tese de doutorada, UNIOESTE/PR. Cascável/PR, 2020

MARTÍNEZ DE SOUSA, J. **Diccionario de Lexicografía práctica.** Barcelona: Bibliograf, 1995.

MARTÍNEZ DE SOUSA, José. **Manual de Lexicografía.** Gijón: Trea, 2009.

MENDONÇA, Lorena Medeiros de et al. A importância da Libras como componente curricular na Educação Básica. **Educação: Saberes e Práticas**, v. 7, n° 1, p. 238-252, 2018. Disponível em: <https://revistas.icesp.br/index.php/SaberesPratica/article/view/342/238>. Acesso em: 16 out. 2024.

MORANTE VALLEJO, Roser. **El desarrollo del conocimiento léxico en segundas lenguas.** Madrid: Arco/Libros, 2005

MOURA, Maria Cecilia de; LODI, Ana Claudia B., HARRISON, Kathryn M. P. História e educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais. In: LOPES FILHO, Otacílio de C. **Tratado de Fonoaudiologia.** São Paulo: Roca, 1997. Bibliografia: p. 327 -357

MOREIRA, Cristiane Fernandes. **Corpus constituído pelo léxico dos pescadores artesanais da comunidade de Baiacu-Ilha de Itaparica-Vera Cruz-Bahia.** 2010.

NASCIMENTO. Lilian C. R, Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo ferdinand berthier. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, P. 255- 265, 2006.

NASCIMENTO, Sandra Patrícia de Faria. **Representações lexicais de Língua de Sinais Brasileira. Uma proposta lexicográfica.** Tese de doutorado. Brasília, Universidade de Brasília, 2009.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007

OLIVEIRA, Janine Soares; STUMPF, Marianne Rossi. Desenvolvimento de glossário de sinais acadêmicos em ambiente virtual de aprendizagem do curso Letras-Libras. **Informática na Educação: Teoria & Prática**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 217–228, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/14351>. Acesso em: 16 set. 2025.

OLIVEIRA, Derli Machado de; OLIVEIRA, Daisy Mara Moreira de. O papel do discurso nos processos de constituição identitária do surdo: um olhar da análise crítica do discurso. **Horizontes**, v. 40, p. e022018, 2022. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1211>. Acesso em: 16 set. 2025.

PALOMARES. Pedro M. P.; **Lengua de Signos y Educación en la España de principios del siglo XIX**. Madrid: Real Patronato sobre Discapacidad, 2020.

PEREIRO, María del Carmen Cabeza; IGLESIAS-LAGO, Silvia. Spanish Sign Language. In: ANDERSON, R.; BOYLES, D.; BELL, A., orgs. *Sign Languages of the World*, p. 729-770, September 2015. DOI: 10.1515/9781614518174-037. Acesso em: 16 set. 2025.

PERLIN, Gladis; MIRANDA WILSON, W. Surdos: o narrar e a política. *Estudos Surdos – Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos*, nº 5, UFSC/NUP/CED, Florianópolis, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/estudosurdos/article/view/123>. Acesso em: 16 set. 2025.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karen. Surdos: vestígios culturais não registrados na história. Tese de doutoramento. Pós-graduação em Educação, UFSC, 2008.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, C., org. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 45-68.

PINA, Maria Regina Alves. **A realidade do aluno surdo na aula de língua espanhola como língua estrangeira (e/ele)**. Londrina, 2013.

PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luíza Ferreira; QUADROS, Ronice Müller de. **Tópicos de linguística aplicados à Língua de Sinais: semântica e pragmática**. Apostila de Língua Brasileira de Sinais V, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2009.

PLANN, Susan; PRÁDEZ, Roberto Francisco. “Sordo, primer profesor de sordos”. **Revista Complutense de Educación**, Vol. 3, nº 1 e 2, Madrid, 1992, pp. 237-262.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: aquisição da linguagem**. São Paulo: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lucila Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RABELO, Annete Scotti. **A construção da escrita pelo surdo**. Goiânia: Editora da UCG, 2001.

REIS, Leidiani da Silva; PEREIRO, María del Carmen Cabeza; QUADROS, Ronice Müller de. “Deíctico-anafórico en la lengua de signos brasileña y en la lengua de signos española: un estudio léxico-semántico-discursivo.” **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 21, nº especial, p. 10474-10493, ago. 2024.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2024>. Acesso em: 16 set. 2025.

RICÃO, Antonio Gascón; ASENSIO, José Gabriel Sánchez de Guel. “El Real Colegio de Sordomudos en la primera mitad del siglo XIX.” **Participación Educativa**, 18 de novembro de 2011, pp. 221-238. Revista Cuatrimestral del Consejo Escolar del Estado. NIPO 820-11-11-001-9. ISSN 1886-5097.

RICÃO, Antonio Gascón; ASENSIO, José Gabriel Sánchez de Guel. **Historia de la educación de los sordos en España y su influencia en Europa y América**. Madrid: Editorial Universitaria Ramón Areces, 2004.

Richards, Jack. **Analysis and Second Language Strategies**. 1971, 27p. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED048579>. Acesso em 15 fev. 2026.

VICENTE RODRÍGUEZ, María Cecilia; FORNÉS RIBES, Montserrat; COSTA RODRÍGUEZ, María Jesús; SÁNCHEZ MORENO, David; PINTO MUÑOZ, José Antonio. **Lexicografía y estandarización lingüística: el caso de la lengua de signos española**. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid; Fundación CNSE, Área de Investigación en LSE, 2008. In: MORO-NDO SANDOVAL, Antonio (coord.). **El valor de la diversidad (meta)lingüística: Actas del VIII congreso de Lingüística General**. ISBN 978-84-691-4124-3, pp. 1990-1994. Disponível em: <https://cnlse.es/es/recursos/biblioteca/lexicografia-y-estandarizacion-linguistica-el-caso-de-la-lengua-de-signos-espanola> cnlse.es. Acesso em: 16 fev. 2025.

RODRÍGUEZ-MARTÍN, Dolores. **¿Discapacitado? No, ¡Sordo! La creación de la identidad Sorda, su formulación como comunidad diferenciada y sus condiciones de accesibilidad al sistema de salud**. Tese (Doutorado em Antropologia Social e Cultural) — Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10803/399217>. Acesso em: 16 fev. 2025.

ROCHA, Solange Maria. **O INES e a Educação de Surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos**. Rio de Janeiro: INES, 2007. Disponível em: http://repositorio.ines.gov.br/ilustra/bitstream/123456789/721/1/O%20INES%20e%20a%20Edu%20de%20Surdos_150_anos.pdf. Acesso em: 16 fev. 2025.

ROCHA, Solange Maria da. **Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856-1961)**. Tese (Doutorado em Educação) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. 160 f.; il.; 30 cm. Disponível em: <https://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Educacao-de-surdos.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2025.

SANTOS, Hadassa Rodrigues. **Processos de expansão lexical da Libras no ambiente acadêmico**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) — Pontifícia

Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. 130 f. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190983>. Acesso em: 16 fev. 2025.

SELINKER, Larry. Interlanguage. **Product Information International Review of Applied Linguistics in Language Teaching**, n.10, pp. 209-241, 1972. Disponível em: <https://www.scirp.org/reference/referencespapers?referenceid=2407914>. Acesso em 15 fev. 2026.

SILVA, Lídia da; SILVA, Amanda R. Verbos manuais em Libras: análise da produção em L2 e contribuições à prática pedagógica. **Revista Diálogos**, v. 7, n. 2, p. 201–225, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/7748>. Acesso em: 16 fev. 2025.

SILVA, Elton John de Almeida; CARVALHO, Andréa dos Guimarães de. Abordagem contrastiva Português/Libras para o ensino de surdos: uma análise da proposta curricular do MEC/2021. **Revista Diálogos Interdisciplinares**, UFMS, Aquidauana/MS, v. 3, n. 15, dez. 2024. ISSN 2359-5051.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

SOFIATO, Cássia Geciauskas. **O desafio da representação pictórica da língua de sinais brasileira**. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Artes) — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, 2005.

SOFIATO, Cássia Geciauskas; REILY, Lucia Helena. Em busca de uma iconografia para a língua brasileira de sinais: um estudo histórico. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 183-190, jul./dez. 2011.

SOFIATO, Cássia Geciauskas; REILY, Lucia Helena. Dicionarização da língua brasileira de sinais: estudo comparativo iconográfico e lexical. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 1, p. 109-126, 2014.

SOFIATO, Cássia Geciauskas. A educação de surdos no século XIX: currículo prescrito e modelo de educação. **Cadernos de Pesquisa**, v. 25, n. 2, p. 207–224, 8 jul. 2018. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/9329>. Acesso em: 16 fev. 2025.

SOUZA, Joyce Cristina. **Dicionários bilíngues Português-Libras no ensino para surdos: usos e funções**. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

SOUZA, Joyce Cristina; ALMEIDA, Guilherme Moreira de Barros. **A lexicografia da Língua Brasileira de Sinais: ontem, hoje e amanhã**. In: DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri; DURÃO, Aylton Barbieri; ANDRADE, Otávio Goes de (orgs.). **Estudos de lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia das línguas de sinais**. Campinas: Ponte Editores, 2023.

STROBEL, Karin Lilian. **Projeto de mestrado: surdos, vestígios culturais não registrados na história**. Florianópolis: UFSC, 2006.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

STROBEL, Karin Lilian. **Surdos: vestígios não registrados na história**. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

STROBEL, Karin Lilian. **História da educação de surdos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em: 16 fev. 2025.

STUMPF, Marianne Rossi; OLIVEIRA, Janine Soares de; MIRANDA, Ramon Dutra. **O glossário Letras-Libras como instrumento para estudo de unidades terminológicas em Libras**. In: STUMPF, Marianne Rossi; QUADROS, Ronice Müller de; LEITE, Tarcísio de Arantes (orgs.). **Estudos de Língua de Sinais Brasileira II**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 145-164.

SUPALLA, Ted; CLARK, Patricia. **Sign language archeology: understanding the historical roots of American Sign Language**. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2015.

TUXI, Patricia. Proposta de organização de verbete em glossários terminológicos bilíngues - Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. **Caderno de Tradução**, v. 35, n. esp. 2, p. 557-588, 2015.

TUXI, Patricia. **A terminologia na Língua de Sinais Brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos no meio acadêmico em glossário bilíngue**. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

VIEIRA, Saulo Zulmar; DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. A linguística contrastiva como base de pesquisa em dicionários de línguas de sinais: Libras e LSE. **e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, Nilópolis, v. 14, n. 2, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/389136418>. Acesso em: 16 fev. 2025.

VERA VILLAVERDE, Francisco. Las lenguas signadas como objeto de estudio lingüístico. **Revista de Estudios de Lenguas de Signos – REVLES**, n. 2, p. 79-96, 2020.

WEINREICH, Uriel. **Definição de lexicografia**. In: WEINREICH, Uriel. **Semântica descritiva**. Trad. Maria Cecília P. Barbosa Lima. São Paulo: Alfa, n. 28, p. 103-118, 1984.

WELKER, Herbert Andréas. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004. 287 p.

ZWITSERLOOD, Inge. Sign language lexicography in the early 21st century and a recently published dictionary of Sign Language of the Netherlands. **International Journal of Lexicography**, v. 23, n. 4, p. 443–476, Dec. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1093/ijl/ecq031>. Acesso em: 16 fev. 2025.